



**Universidade de  
Aveiro  
Ano 2010**

Secção Autónoma de Ciências da Saúde

**Marta Cristina Gomes    O processo de herança na família envelhecida  
Faria Patrão**



**Universidade de  
Aveiro**  
Ano 2010

Secção Autónoma de Ciências da Saúde

**Marta Cristina Gomes    O Processo de herança na família envelhecida**  
**Faria Patrão**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Ciências da Saúde, realizada sob a orientação científica da Doutora Liliana Xavier Marques de Sousa, Professora Auxiliar com Agregação na Secção Autónoma de Ciências da Saúde da Universidade de Aveiro

Apoio financeiro da FCT e do FSE no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio. Através da bolsa de doutoramento ref. SFRH/BD/22013/2005

Dedico este trabalho à memória dos meus avós maternos, Emília de Jesus e Manuel Gomes, e dos meus avós paternos, Maria das Neves e Salustiano Faria; e ao meu tio-avô João Faria (guardião vivo das memórias da família).

## **o júri**

presidente

**Prof. Doutor José Rodrigues Ferreira da Rocha**  
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro

**Prof. Doutora Ana Paula Pais Rodrigues Fonseca Relvas**  
Professora Catedrática da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

**Prof. Doutora Maria Constança Leite de Freitas Paul dos Reis Torgal**  
Professora Catedrática do Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto

**Prof. Doutor Nelson Fernando Pacheco da Rocha**  
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro

**Prof. Doutora Liliana Xavier de Sousa**  
Professora Auxiliar com agregação da Universidade de Aveiro

**Prof. Doutora Isabel Maria Marques Alberto**  
Professora Auxiliar da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

## **agradecimentos**

Esta investigação recebeu a dádiva generosa de muitas pessoas. A todas expresso o meu agradecimento. Em especial quero agradecer:

À Prof. Doutora Liliana Sousa, minha orientadora, pela sua dedicação e apoio e pelo seu exemplo de trabalho e rigor, que foram determinantes para que esta investigação chegasse a bom fim; a ela devo também ter aprendido que a alegria é o que faz os dias úteis;

A todas as pessoas que participaram na amostra deste estudo, dando-me generosamente o seu tempo, boa vontade, as suas histórias de vida e sabedoria;

Às instituições e técnicos que acolheram esta investigação, pela simpatia e disponibilidade com que me receberam e mediaram o contacto com as pessoas que participaram na investigação;

À Prof. Doutora Paula Relvas que me abriu o caminho para a investigação;

Aos meus colegas na Universidade de Aveiro, Álvaro, Henrique, Sara, Daniela e Pedro, e em especial à Sofia Rodrigues (que foi uma boa companheira e amiga);

Aos meus pais, Maria e Abel (por todos os seus sacrifícios do passado);

Ao meu irmão Nuno, a partilha do trajecto, dos conselhos e dicas sempre prontas e, por ir à frente desta vez;

E ao meu marido António, a dádiva do seu tempo.

**palavras-chave**

família envelhecida, herança material, significados e valores, padrões transaccionais, intervenção familiar.

**resumo**

A herança material é um tema fulcral para as pessoas idosas e suas famílias. No entanto, o conhecimento sobre este tema é ainda escasso. Este estudo tem por finalidade explorar o processo de transmissão da herança, analisar os significados e valores das heranças e suas implicações nas relações e bem-estar na velhice. Contempla o enquadramento da herança no ciclo da vida familiar, análise dos perfis de transmissão da herança, organização das relações de entreajuda entre doadores e herdeiros, explorações dos significados e valores dos bens materiais e aprofundamento dos significados e valores emocionais da herança para doadores e herdeiros. Os resultados sugerem que a herança material é um processo normativo no ciclo da vida familiar, constituindo um ponto focal para a reorganização das relações familiares e bem-estar emocional do idoso. O processo é governado por um sistema de significados e valores orientado para a união e lealdade familiar, reciprocidade da ajuda familiar e igualdade (entre irmãos/herdeiros). Este estudo apresenta limitações, sendo relevante melhorar e expandir os resultados através da análise de diferenças, considerando o sexo, classe socioeconómica, contexto de residência e estrutura familiar (nomeadamente, famílias reconstituídas, pessoas solteiras, casais sem filhos), bem como aprofundar a significação dos valores identificados.

**keywords**

later life families, material inheritance, meanings and values, transactional patterns, family intervention.

**abstract**

Inheritance represents a nuclear theme in later life families. However the knowledge on this theme is still scarce. This study aims at getting a better understanding of the values and meanings attached to family inheritance and legacy. This study examines the role of inheritance in family life cycle, analyses profiles of inheritance transmission and the organization of support relationship between donors and heirs, explores values and meanings attached to material possessions and deepens emotional meanings and values connected to inheritance. Results suggest that material inheritance is informed by a value system oriented towards family union and loyalty, reciprocity of family support and equality (between siblings/heirs), representing a focal point for the reorganization of family relationships and emotional adjustment in later life families. However an understanding of the dynamics of inheritance still requires deepening the analyses of differences introduced by gender, socioeconomic level, residency and family structure (e.g. reconstituted families, single people or childless couples).

---

## INDICE

<b>FIGURAS</b>	VI
<b>TABELAS</b>	VII
<b>1. INTRODUÇÃO GERAL</b>	3
1.1. CICLO DA VIDA FAMILIAR: PESSOAS E FAMÍLIAS ENVELHECIDAS	3
1.2. HERANÇAS:	5
1.2.1. Definição	7
1.2.2. Importância da herança para pessoas e famílias envelhecidas	7
1.2.2.1. Uma experiência do processo de envelhecimento	9
1.2.2.2. Gestão no quotidiano das famílias envelhecidas	9
1.2.2.3. Implicações relacionais e familiares	10
1.3. FINALIDADE E OBJECTIVOS DA INVESTIGAÇÃO	11
1.3.1. Herança: uma tarefa normativa das famílias envelhecidas	12
1.3.2. Herança e dinâmicas de entreajuda nas famílias envelhecidas: conjugar as perspectivas de doadores e herdeiros	12
1.3.3. Herança: (des)encontro dos significados e valores materiais de doadores e herdeiros	13
1.3.4. Significados e valores da herança material: rever e integrar o seu significado	14
1.4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	14
<b>2. HERANÇA MATERIAL: UMA TAREFA NORMATIVA DAS FAMÍLIAS ENVELHECIDAS</b>	21
2.1. INTRODUÇÃO	22
2.1.1. Herança material: definição	22
2.1.2. Herança material: gestão familiar e implicações relacionais	23
2.1.3. Herança material: desenvolvimento individual e familiar	25
2.2. OBJECTIVOS	26
2.3. METODOLOGIA	27
2.3.1. Amostra	27



---

2.3.2. Instrumentos e procedimentos	28
2.3.3. Análise dos dados	30
2.4. RESULTADOS	32
2.4.1. Acontecimentos precipitantes	32
2.4.2. Significados	32
2.4.3. Desafios	34
2.4.4. Gestão da tarefa	35
2.4.5. Resolução e integração da tarefa	37
2.5. DISCUSSÃO	39
2.5.1. Herança: tarefa de desenvolvimento	39
2.5.2. Implicações	42
2.5.2.1. Dinâmica familiar nas famílias envelhecidas	42
2.5.2.2. Intervenção familiar	43
2.5.2.3. Limites e perspectivas de investigação	44
2.6. CONCLUSÃO	45
2.7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
<b>3. HERANÇA E DINÂMICAS DE ENTREAJUDA NAS FAMÍLIAS ENVELHECIDAS: CONJUGAR AS PERSPECTIVAS DE DOADORES E HERDEIROS</b>	<b>49</b>
3.1. INTRODUÇÃO	52
3.1.1. Herança: uma fonte de apoio para doadores e herdeiros	53
3.1.2. Entreajuda nas famílias envelhecidas	54
3.1.3. Herança, entreajuda e ajustamento nas famílias envelhecidas	55
3.2. OBJECTIVOS	57
3.3. METODOLOGIA	57
3.3.1. Instrumentos	57
3.3.2. Procedimentos	59
3.3.3. Amostra	60
3.3.4. Análise dos dados	61

---

3.4. RESULTADOS	61
3.4.1. Perfis de transmissão da herança	61
3.4.2. Padrões e dinâmicas de entreaajuda	64
3.4.3. Padrões de entreaajuda, satisfação familiar e satisfação com a vida	70
3.5.DISCUSSÃO	71
3.5.1.Perfis de transmissão da herança: pessoas, momentos e partilha os bens	71
3.5.2.Entreaajuda entre doadores e herdeiros	74
3.5.3. Herança, entreaajuda familiar e satisfação familiar	75
3.5.5. Implicações	77
3.6. CONCLUSÃO	78
3.7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79
<b>4. HERANÇA: (DES)ENCONTRO DOS SIGNIFICADOS E VALORES MATERIAIS DE DOADORES E HERDEIROS</b>	<b>83</b>
4.1. INTRODUÇÃO	86
4.1.1.Significados e valores emocionais dos bens materiais	87
4.1.2.Materialismo: valorização dos bens materiais	88
4.1.3.Atitudes e comportamentos financeiros	89
4.2. OBJECTIVOS	90
4.3.METODOLOGIA	90
4.3.1. Instrumentos	90
4.3.2. Procedimentos	94
4.3.3. Amostra	95
4.4. RESULTADOS	97
4.4.1. Valores emocionais dos bens materiais	97
4.4.2. Materialismo	98
4.4.3. Ética monetária	100
4.4.4. Crenças e comportamentos monetários	100
4.5. DISCUSSÃO	101

---

4.5.1. Quais os significados e valores emocionais de doadores e herdeiros em relação aos bens materiais?	101
4.5.2. Como é que estes valores podem influenciar a interacção entre doadores e herdeiros de forma positiva e negativa?	103
4.5.3. Que sistema de crenças poderá estar a organizar a interacção entre doadores e herdeiros na gestão dos bens materiais?	105
4.6. CONCLUSÃO	107
4.7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108
<b>5. SIGNIFICADOS E VALORES DA HERANÇA MATERIAL: REVER E INTEGRAR O SEU SIGNIFICADO</b>	<b>111</b>
5.1. INTRODUÇÃO	114
5.1.1. Herança: uma definição	115
5.1.2. Herança: relevância individual e familiar	116
5.1.3. Herança, identidade e história de vida	117
5.2. OBJECTIVOS	119
5.3. METODOLOGIA	119
5.3.1. Instrumentos	120
5.3.2. Procedimentos	123
5.3.3. Amostra	123
5.3.4. Análise dos dados	124
5.4. RESULTADOS	134
5.4.1. Sistema pessoal de significados e valores emocionais	134
5.4.2. Significados e valores emocionais da herança material	137
5.4.3. Significados e valores pessoais associados à herança material	141
5.5. DISCUSSÃO	143
5.5.1. Sistema de significados e valores emocionais da herança material	143
5.5.2. Relevância da herança material no desenvolvimento individual e familiar	144
5.5.3. Dimensões da experiência emocional da herança material: instrumental, emocional, simbólica	145
5.5.4. Implicações	147
5.6. CONCLUSÃO	148

---

5.7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	148
<b>6. CONCLUSÃO GERAL</b>	<b>153</b>
6.1. A TRANSMISSÃO DA HERANÇA MATERIAL NA FAMÍLIA ENVELHECIDA: UM PROCESSO AO LONGO DA VIDA	155
6.2. VALORES E PAPEL DA HERANÇA MATERIAL NA DINÂMICA DAS FAMÍLIAS ENVELHECIDAS: INSTRUMENTAL, RELACIONAL E SIMBÓLICO	158
6.3. UMA CULTURA FAMILIAR DA HERANÇA MATERIAL	162
6.4. IMPLICAÇÕES PARA A INTERVENÇÃO FAMILIAR	163
6.4.1. Conciliar valores e expectativas na transmissão da herança material	164
6.4.2. Activar competências familiares e mediar	165
6.5. LIMITES E PERSPECTIVAS DE INVESTIGAÇÃO	166
6.6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	167

---

## **FIGURAS**

Figura 1.1- Processo de herança na família envelhecida	11
Figura 2.1- Transmissão da herança material: um processo normativo no ciclo da vida familiar	158
Figura 2.2- Dimensões da herança material: valores e papel na dinâmica familiar	159

---

## **TABELAS**

Tabela 1.1- Entrevista em focus-group: objectivos e tópicos de discussão	28
Tabela 1.2- Herança como tarefa de desenvolvimento: definições das (sub)categorias	31
Tabela 1.3- Herança como tarefa de desenvolvimento: (sub)categorias e distribuição das respostas	38
Tabela 2.1- Herança e dinâmicas de entreajuda nas famílias envelhecidas: descrição e operacionalização das variáveis	58
Tabela 2.2- Herança e dinâmicas de entreajuda nas famílias envelhecidas: amostra	60
Tabela 2.3- Perfis de transmissão da herança: perspectivas de doadores e herdeiros	62
Tabela 2.4- Dinâmicas de entreajuda entre doadores e herdeiros	64
Tabela 2.5- Padrões/clusters de entreajuda entre doadores e herdeiros	69
Tabela 3.1- Valores materiais de doadores e herdeiros: características socio-demográficas da amostra	96
Tabela 3.2- Valorações afectivas dos bens materiais	97
Tabela 3.3- Valores materiais (médias e desvios-padrão)	99
Tabela 4.1- Método da Auto-Confrontação : protocolo da entrevista	121
Tabela 4.2- Amostra	124
Tabela 4.3- Significados e valores da narrativa autobiográfica: (sub)categorias	127
Tabela 4.4- Significados e valores emocionais da narrativa autobiográfica	127
Tabela 4.5- Significados e valores da herança material: (sub)categorias	130
Tabela 4.6- Significados e valores emocionais da herança material: posição de herdeiro versus posição de doador	131
Tabela 4.7- Correlações significativas entre significados e valores pessoais e a herança material	133

## **CAPÍTULO 1**

### **INTRODUÇÃO GERAL**

## 1. INTRODUÇÃO GERAL

A herança é um tema fundamental na velhice. Trata-se de um processo (legal, social, psicológico) através do qual ocorre a passagem de bens materiais de uma geração para outra, usualmente no interior da família, especialmente de pais idosos (doadores) para filhos adultos (herdeiros). É um processo consignado na lei e, por isso, comum a todas as famílias, em particular na velhice, independentemente do contexto socioeconómico e da extensão do património financeiro. Mas, além dos bens, também se transmitem valores, tradições e mitos familiares.

Assim, para além do seu valor na regulação e continuidade social, a herança constitui um marco na vida e na história familiar: une o passado, presente e futuro da família multigeracional, permite preservar a continuidade e a memória familiar e construir sentido para a vida. Além disso, saliente-se que este processo decorre numa teia de relações e funções familiares que se adensa na velhice. A herança coexiste com outras funções e desafios que indivíduos e famílias enfrentam nesta fase da vida. Para abordar e compreender este processo é necessário enquadrá-lo nos processos, tarefas e desafios que as famílias envelhecidas enfrentam: a família “funciona na coexistência e na sucessão das gerações” (Prieur, 1999, prefácio).

### 1.1. CICLO DA VIDA FAMILIAR: PESSOAS E FAMÍLIAS ENVELHECIDAS

Na perspectiva do ciclo da vida familiar, a família, como os indivíduos, evolui e desenvolve-se num percurso pontuado por etapas (com características e funções diferenciadas), em que a família e os seus membros co-evoluem no seu processo de formação e desenvolvimento. O desenvolvimento familiar implica que diferentes gerações se adaptem aos diversos estádios da vida familiar, através de um rearranjo contínuo dos papéis, pertenças, distância e limites emocionais. As transições normativas entre as etapas do ciclo de vida envolvem mudanças relacionais (Carter & McGoldrick, 1999) destinadas a apoiar a entrada, saída e desenvolvimento dos diversos elementos do



sistema familiar. Porém, os períodos de transição tendem a ser marcados por sentimentos de perda, incerteza e ansiedade que rodeiam o processo de adaptação, reorganização e consolidação da mudança. Em cada etapa do ciclo de vida, a funcionalidade do sistema familiar depende do cumprimento de tarefas que envolvem a redefinição dos papéis familiares e a reorganização da relação com contexto externo (Relvas, 1996).

O ciclo da vida familiar inclui os seguintes etapas (Carter & McGoldrick, 1999): independência (lançamento do jovem adulto solteiro); constituição do casal ou casamento; parentalidade (famílias com filhos pequenos e famílias com filhos adolescentes); separação dos filhos adultos (ou famílias na fase intermédia da vida); família na fase final da vida (ou estágio sénior da vida). Esta fase final tem sido designada como famílias envelhecidas (ou famílias no fim da vida).

Actualmente ainda existem poucos modelos teóricos sobre os processos de desenvolvimento e evolução familiar na segunda metade da vida (King & Wynne, 2004). No entanto, as pessoas idosas e suas famílias são confrontadas com tarefas, desafios e conflitos tão complexos e ricos quanto as gerações mais jovens. Para que a família se desenvolva e evolua de forma saudável é necessário que resolva e integre estes desafios; caso contrário, podem surgir problemas, dificuldades de *coping* e adaptação. Alguns dos desafios mais referidos para esta fase da vida (individual e familiar) incluem: reforma, ser avô, doença crónica e dependência, suporte e cuidados familiares e viuvez. Carter & McGoldrick (1999) consideram que os processo-chave nesta fase estão relacionados com a aceitação da mudança e transformação dos papéis geracionais. Estas autoras definem um conjunto de mudanças de segunda ordem (implicam alterações qualitativas e não apenas ajustes funcionais) no funcionamento familiar que são decisivas para o desenvolvimento: i) adaptar-se ao declínio físico (mantendo os interesses e o funcionamento individual e de casal) e explorar novas opções para os papéis familiares e sociais; ii) apoiar o papel central da geração intermédia; iii) criar espaço para a sabedoria e experiência da geração idosa, apoiando-a sem a sobreproteger; iv) lidar com a perda do cônjuge, irmãos e outros pares/pessoas significativas e preparar/enfrentar a própria morte. É importante notar que todas as fases do desenvolvimento familiar propostas por

Carter & McGoldrick (1999) envolvem tarefas que implicam a interação com outros sistemas para além da família nuclear, nomeadamente outras gerações e sistemas sociais. O desenvolvimento individual e familiar são, por conseguinte inseparáveis. Num esforço para compreender a relação entre o desenvolvimento individual e familiar na fase final da vida (ou família envelhecida), King & Wynne (2004) associaram a construção da identidade do ego a um processo mais vasto de construção de significado e sentido (para a vida): a integridade familiar (representa o resultado positivo do esforço do adulto idoso para a construção de sentido, ligação e continuidade com a sua família multigeracional). No entanto este processo pode conduzir, quando o seu resultado é negativo, a um sentimento de desconexão (contactos familiares pouco frequentes, ausência de comunicação e sentimentos de isolamento) ou de alienação (ausência de partilha de valores, crenças e de um sentimento de identidade familiar) em relação à família multigeracional.

A integridade familiar depende de três competências do sistema familiar (King & Wynne, 2004): i) transformação das relações familiares ao longo do tempo; ii) resolução ou aceitação de perdas passadas ou de conflitos familiares; iii) a criação de sentido através da transmissão de legados individuais ou familiares sob a forma de histórias ou rituais partilhados entre as gerações. As heranças (materiais, de valores e simbólicas) assumem por isso um papel crucial nesta fase da vida em que existe uma pressão normativa para o idoso ser (sentir-se) parte da familiar multigeracional, pois o processo de transmissão pode trazer sentido e valor para a sua vida. Além disso, toda a família, e não apenas a pessoa idosa, são influenciadas por este processo de construção de sentido e desenvolvimento relacional.

## 1.2. HERANÇAS

### 1.2.1. Definição

A herança representa em sentido lato uma transmissão e/ou uma dádiva. Porém, as heranças familiares são muito diferentes nas suas formas e conteúdos. Em geral,

considera-se que a herança engloba três tipos de conteúdos: características biológicas, valores e bens materiais (Hunter & Rowles, 2005). Provavelmente alguém com poucos bens materiais tenderá a salientar os valores e princípios de vida que deixa aos herdeiros; e, uma pessoa com deficiência física ou uma doença grave, tenderá a focar-se nos aspectos biológicos (não transmitir esse problema aos descendentes).

A área das heranças familiares é muito vasta, por isso, clarificar o conceito implica abordar: os conteúdos (aquilo que é transmitido) e os processos de transmissão. Por uma questão de clareza começamos pela definição legal, que depois alargamos ao processo familiar.

Legalmente a herança representa o conjunto do património material (bens, propriedades, direitos ou obrigações) de uma pessoa que são transmitidos e partilhados após a sua morte (Campos, 2008). A transmissão desse património poderá fazer-se por via da sucessão, transferindo os direitos e obrigações que integram o património da pessoa falecida para os seus sucessores, ou por disposição testamentária. A morte de uma pessoa abre um processo, em que os sucessores são chamados à titularidade dos bens e obrigações, seguindo uma hierarquia fixada por lei: 1) cônjuge e descendentes; 2) cônjuge e ascendentes; 3) irmãos e seus descendentes; 4) outros colaterais até ao quarto grau; 5) o estado. Os herdeiros são portanto sucessores a título universal, que sucedem simultaneamente nos bens (legado material) e nas obrigações dos doadores, assumindo os encargos. O processo de sucessão termina quando os herdeiros aceitam (ou repudiam) a herança e procedem à partilha dos bens. A lei portuguesa prevê que 2/3 dos bens são obrigatoriamente transmitidos para os herdeiros sucessores (em partes iguais independentemente da sua ordem de nascimento e sexo), podendo o doador dispor de 1/3 para transmitir através de testamento (Campos, 2008).

O processo e a definição legal da transmissão da herança assentam em três pressupostos: i) transmissão do património material após a morte (transmissão do legado); ii) obrigação da transmissão familiar de uma parte dos bens; e iii) assunção total das relações jurídicas patrimoniais do doador pelos seus herdeiros (sucessão).

Porém a transmissão da herança familiar transcende o processo legal. O processo envolve doadores e herdeiros na tomada de decisões relativas à gestão e partilha dos bens: *como*,

*o quê, quando e a quem transmitir os bens e como vão (ou não) ser recebidos.* Para além do contexto legal e socioeconómico, estas decisões (geralmente tomadas ainda em vida) tocam a memória e história familiar e a natureza da relação entre doadores e herdeiros e entre herdeiros. Esta situação activa temas centrais para as famílias no fim da vida, e a herança pode fechar (ou abrir) o grande livro das *contas* familiares (Boszormenyi-Nagy & Spark, 1973; Hargrave & Anderson, 1992).

#### 1.2.2. Importância da herança para pessoas e famílias no fim da vida

Durante séculos a herança constituiu uma forma especial de ajuda e protecção social na família (Goody, Thirsk & Thompson, 1978; Cates & Sussman, 1982; Haraven & Adams, 1996; Segalen, 1999). As gerações mais jovens herdavam bens que lhes permitiam iniciar a vida; a geração mais idosa usava os seus bens como uma garantia de prestação de cuidados. Nas sociedades agrárias, a herança constituía um elemento essencial de ordem social e familiar e a própria estrutura social era influenciada pelo tipo de transmissão familiar. Por exemplo, nas famílias agrárias do norte de Portugal era comuns os filhos mais novos manterem-se celibatários para evitar a partição do património (O' Neil, 1985; Wall, 1998); também muitos dos movimentos migratórios verificados na Europa foram motivados pelas estratégias de sucessão e transmissão dos bens pois os bens eram transmitidos aos filhos mais velhos e os mais novos eram forçados a procurar outras fontes de rendimento (Segalen, 1999).

Com a industrialização e o desenvolvimento do Estado Social, esbateu-se a mais valia de sobrevivência da herança (Sussman, 1985; Segalen, 1999): o Estado desenvolveu mecanismos sociais que suportam as necessidades financeiras e de cuidados, outrora garantidas pela transmissão da herança, permitindo maior autonomia financeira entre as gerações da família. Nas famílias contemporâneas de classe média, salvo as que possuem quintas, explorações agrícolas ou outros negócios, o valor protector da herança é residual. Muitas vezes, o que é transmitido após a morte vem encontrar a geração intermédia já muito idosa e o seu impacto no nível de vida é reduzido: muitos herdeiros

nem esperam receber o património dos pais (que agora vivem mais tempo) e outros preferem que estes o gastem em proveito próprio (Sussman *et al* 1970; Finch, 2004).

Porém, na sociedade contemporânea o valor emocional e afectivo das heranças parece manter-se. A transmissão da herança encerra a transmissão de afectos, poder, confiança ou respeito na família. O fluxo da transmissão e o padrão de transmissão reflecte a teia relacional da família (Sussman *et al*, 1970; Sussman, 1985). No entanto, apesar da relevância familiar do tema da herança, existe pouca literatura psicológica e familiar neste domínio (Stum, 2000).

A investigação sobre a herança parte essencialmente da economia (Becker, 1974; Bernheim, Shleifer & Summers, 1985; Cox, 1992; McGarry, 1999) e só mais recentemente da sociologia (Sussman *et al* 1970; Finch *et al*, 1996; Kohli & Künemund, 2003; Caputo, 2005; Finch, 2004), centrando-se na descrição dos fluxos financeiros da família, no momento e tipo de comportamentos de transmissão observáveis, procurando inferir os factores que governam a economia familiar no fim da vida (nomeadamente os ciclos de poupança e gasto dos recursos). Esses estudos documentam a variabilidade dos padrões de transmissão e a dificuldade de circunscrever o comportamento familiar num único modelo teórico. A forma como os bens são transmitidos e divididos na herança (geralmente em partes iguais) contraria as teorias da racionalidade económica, parecendo ser governado por preocupações relacionais e factores de ordem cultural.

Em consequência, a investigação de outras áreas do saber vai cada vez mais desvelando o carácter psicológico e relacional da herança, conduzindo a um interesse pelos seus significados mais profundos, valores que governam o comportamento de doadores e herdeiros e como essas dimensões psicológicas influenciam este processo (para além da regulação legal). Três factores sustentam o interesse dos aspectos psicológicos e psicossociais das heranças familiares: i) a herança representa uma experiência nuclear no envelhecimento, ligada a aspectos centrais da construção da identidade do idoso; ii) a transmissão parece associar-se a outros processos de mudança essenciais na gestão do quotidiano das famílias com pessoas idosas (como a organização dos apoios e do suporte à geração mais idosa); iii) a transmissão da herança tem implicações relacionais (e emocionais) significativas ao nível individual e familiar, pois é governada por factores de

ordem psicológica (como mitos e crenças familiares, sentimentos de obrigação e lealdade, preferências e relações privilegiadas).

#### *Uma experiência do processo de envelhecimento*

A transmissão da herança parece associar-se ao desenvolvimento psicossocial na fase final da vida. Representa uma tarefa essencial para o idoso que inclui decidir como quer ser lembrado, que destino dar ao património construído durante a sua vida, em especial a bens como valor afectivo, assegurar a sua estabilidade financeira e cuidados, contribuir para o bem-estar das gerações futuras e dar um fecho com significado emocional à sua vida (Kane, 1996). A necessidade de construir um legado e contribuir para as gerações seguintes começa a emergir de forma mais relevante na segunda metade da vida, porém é na velhice que se torna mais premente. Schaie and Willis (2002) alargaram a sua concepção dos estadios de desenvolvimento cognitivo e passaram a incluir a construção do legado.

A importância da herança para a revisão e integração emocional da vida (*life review*) está associada aos significados que os bens materiais apresentam na velhice. Os bens materiais são um elemento modelador da identidade e consistência do self (Csikzentmihalyi & Rochenberg-Halton, 1981; Belk, 1988). Porém, na velhice, esta qualidade reveste-se de valor especial pois à medida que outras fontes de identidade se vão perdendo, os bens materiais permanecem como âncoras de significado.

#### *Gestão do quotidiano das famílias envelhecidas*

Estudos na área do suporte familiar e social têm revelado como a herança se associa às dinâmicas de entreaajuda familiar (Sussman *et al*, 1970; Sussman, 1985; Hogan, Eggeben & Clogg, 1993; Henretta, Hill, Soldo & Wolf, 1997; Kohli & Künemund, 2003; Caputo, 2005). Trata-se de um aspecto importante, porque tem implicações na organização de uma função familiar fundamental na velhice, com custos sociais e familiares elevados. Actualmente, as famílias continuam a ser uma fonte de suporte essencial entre as gerações. Sussman *et al* (1970, 1985) considera que as dinâmicas de transmissão da

herança familiar revelam interacções intergeracionais, salientando o valor como ajuda para as gerações mais jovens e como forma de assegurar cuidados na velhice.

Nas sociedades pré-modernas este valor era claro para ambas as gerações e publicamente assumido (Goody, Thirsk & Thompson, 1978; Cates & Sussman, 1981; Hareven & Adams, 1996). Nas sociedades actuais, que tendem a separar os aspectos afectivos dos aspectos materiais da vida familiar e relacional, essa função poderá operar a um nível latente, sem ser assumida por doadores e herdeiros. As estratégias de transmissão observadas actualmente são diversas; contudo parecem continuar a associar-se à sobrevivência do sistema e à história familiar, em particular à satisfação das necessidades dos herdeiros e à garantia da harmonia das relações familiares (Sussman *et al*, 1970; Coleman & Ganong; 1998; Drake & Lawrence, 2000; Webster, 2003).

#### *Implicações relacionais e familiares*

A herança pode ser entendida como um presente ou uma dádiva que se desenrola em três tempos: receber, dar e retribuir (Prieur, 1999). E é susceptível de influenciar a relação entre quem dá e quem recebe, (Price, Arnoul & Curasi, 2000; Kemp & Hunt, 2001). A transmissão da herança parece constituir um exemplo de como, no acto de dar, o conteúdo se confunde com a relação entre quem dá e quem recebe.

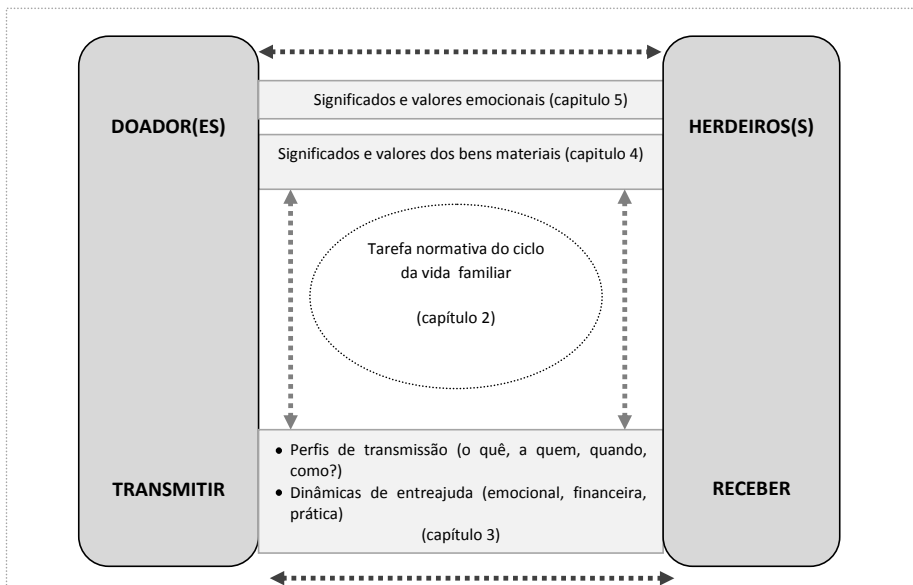
Uma longa tradição de estudos (Goody, Thirsk & Thompson, 1978; Hareven & Adams, 1996; Segalen, 1999), desde as sociedades pré-modernas às sociedades contemporâneas tem evidenciado como os padrões de transmissão da herança têm implicações nas relações familiares. A herança (pelo seu carácter simbólico) activa outros temas na dinâmica familiar: lealdades, conflitos, rivalidades antigas, alianças, sentimentos positivos e negativos de grande intensidade (Titus, Rosenblatt & Anderson, 1979; Lustbader, 1996; Prieur, 1999; Kemp & Hunt, 2001). Por detrás dos comportamentos que materializam a transmissão (produto da herança) estende-se uma história relacional e afectiva que os determina: conhecer esse fundamento relacional constitui uma ferramenta útil para a compreensão da herança, suas dinâmicas e implicações relacionais, bem como para desenvolver instrumentos de intervenção que possam apoiar a família neste momento de transição.

### 1.3. FINALIDADE E OBJECTIVOS DA INVESTIGAÇÃO

Esta investigação tem por finalidade explorar o processo de transmissão da herança material, aprofundar os seus significados e valores emocionais e compreender o seu papel na dinâmica das famílias envelhecidas (ou famílias no fim da vida). Mais especificamente procura atingir os seguintes objectivos: i) contribuir para conceptualizar a transmissão da herança material como uma tarefa normativa do ciclo da vida familiar, no estágio das famílias no fim da vida; ii) caracterizar os perfis de transmissão da herança familiar e aprofundar as dinâmicas de entreajuda entre doadores herdeiros e suas implicações na satisfação com a vida familiar e individual; iii) identificar e aprofundar valores e significados de doadores e herdeiros em relação aos bens materiais e suas implicações no planeamento e gestão da herança material; iv) aprofundar os significados e valores emocionais da herança, a sua relação com o sistema de valores individual e implicações para o desenvolvimento individual e na evolução das famílias na velhice. Esta investigação permite ainda delinear implicações para a intervenção familiar junto das pessoas idosas e suas famílias.

Para prosseguir estes objectivos a investigação incluiu o desenvolvimento de quatro estudos interligados (que constituem os 4 capítulos da tese) que passamos a descrever (Figura 1).

Figura 1 Processo de herança na família envelhecida





### **1.3.1. Herança: uma tarefa normativa das famílias envelhecidas**

O estudo apresentado no capítulo II procura definir um quadro conceptual para uma abordagem da herança centrada na Psicologia da Família e na perspectiva do ciclo da vida familiar. Procura-se caracterizar a herança como uma tarefa normativa na vida da família, identificando: o início da tarefa e acontecimentos desencadeantes, desafios que coloca à família, gestão, resolução e integração da tarefa e significados e valores de que se reveste. Apresenta um estudo exploratório, baseado em entrevistas semi-estruturadas aplicadas em *focus-group* junto de três grupos de pessoas que representam as perspectivas dos principais intervenientes no processo da herança material: i) doadores (idosos); ii) herdeiros, representantes de duas gerações familiares contíguas, em posições relacionais complementares (dar/receber) no processo de herança; iii) profissionais associados à família envelhecida e/ou à gestão da herança material, na qualidade de participantes (directos ou indirectos) no processo. Os resultados procuram integrar o papel da herança no desenvolvimento individual e familiar e reforçar a compreensão das suas implicações na dinâmica familiar, nomeadamente, nas relações entre gerações (em particular entre a geração mais idosa e a dos filhos) e na relação entre irmãos (herdeiros).

### **1.3.2. Herança e dinâmicas de entreajuda na velhice: conjugar as perspectivas de doadores e herdeiros**

Na literatura a herança material é frequentemente associada ao apoio familiar no fim da vida (Caputo, 2005; Sousa, Figueiredo & Cerqueira, 2004; Attias-Donfut & Ogg, 2005). O estudo da herança nas sociedades agrárias (como era a sociedade portuguesa ainda na década de 1960) salienta o papel instrumental da herança na vida familiar (por exemplo, estabeleciam-se contratos entre doadores e herdeiros para assegurar os cuidados da geração mais idosa). Nestas sociedades, o perfil de transmissão da herança moldava a estrutura e dinâmica das famílias envelhecidas. Tratava-se de uma estratégia de sobrevivência económica do sistema familiar mas que detinha implicações relacionais significativas (Goody, Thirsk & Thompson, 1978; Hareven, 1996; Wall, 1998; Segalen, 1999). Assim, o estudo apresentado neste capítulo III procura aprofundar as dinâmicas de

entreeajuda (emocional, financeira e prática) entre doadores e herdeiros e a sua ligação à herança. Especificamente procura explorar: i) perfis do processo de transmissão da herança na família (o quê, a quem, quando, como?); ii) a dinâmica e padrões de apoio emocional, financeiro e prático entre doadores e herdeiros; iii) como esses processos poderão estar a contribuir para a satisfação familiar e individual. Este estudo centra-se na aplicação de um questionário a duas subamostras independentes de doadores e herdeiros. Os resultados incidem sobre o papel da herança no sistema de entreeajuda familiar e contribuem para expandir o conhecimento sobre as relações intergeracionais e o funcionamento das famílias envelhecidas. Os resultados apontam ainda para factores que contribuem para a satisfação relacional entre doadores e herdeiros, sugerindo temas específicos para melhorar ou desenvolver guiões para intervenção com pessoas idosas e as suas famílias.

### **1.3.3. Herança: (des)encontro dos significados e valores materiais de doadores e herdeiros**

O mundo material das pessoas (valores, crenças e comportamentos em relação aos bens materiais) é determinante no modo como conduzem a sua relação com os bens materiais e com as outras pessoas (Madanes & Madanes, 1994). Porém, a revisão da literatura revela que o conhecimento dos valores materiais e atitudes financeiras é escasso, sobretudo em relação às pessoas idosas (Belk, 1988; Richins & Dawson, 2004; Hayohe & Stevenson, 2007). Assim, o estudo do capítulo IV explora estes valores, reflectindo sobre como podem estar a influenciar a interacção entre doadores e herdeiros e a transmissão da herança. A metodologia baseia-se na aplicação de um questionário a duas subamostras independentes de doadores e herdeiros para responder a três questões: i) quais os valores emocionais de doadores e herdeiros em relação aos bens materiais? ii) como é que estes valores podem influenciar, de formas positivas ou negativas, a sua interacção na gestão e planeamento da herança? iii) que sistema de crenças poderá estar a organizar a interacção entre doadores e herdeiros na gestão dos bens materiais e planeamento da herança? Os resultados contribuem para esclarecer o papel simbólico e

emocional dos bens materiais na vida das famílias envelhecidas e aprofundar as implicações relacionais das transacções materiais entre doadores e herdeiros.

#### **1.3.4. Significados e valores da herança material: rever e integrar o seu significado**

A herança constitui um processo complexo do ponto de vista emocional e relacional, que detém um papel nuclear na vida das famílias envelhecidas, sobretudo em termos da reorganização relacional e dos recursos (emocionais, materiais e instrumentais) que desencadeia na família. Os processos de significação que envolve (significados e valores emocionais da herança e o modo como se constroem e conjugam) são determinantes para o compreender melhor (Papp & Imber-Black, 1996; Paré, 1996). O estudo apresentado no capítulo V encara a herança como um processo emocional e, a partir de uma abordagem mais fenomenológica, centrada na análise das narrativas autobiográficas de doadores muito idosos (com mais de 75 anos), procura aprofundar quais os significados e valores emocionais da herança e suas implicações no desenvolvimento individual e familiar. Os resultados contribuem para a compreensão do papel da herança no desenvolvimento do idoso e suas implicações nas dinâmicas familiares, alargando desse modo o conhecimento dos processos normativos nesta fase da vida. Ao mesmo tempo permitem identificar aspectos-chave na resolução emocional e instrumental desta tarefa do ciclo de vida, contribuindo para desenvolver a intervenção junto das pessoas idosas e suas famílias.

#### **1.4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Attias-Donfut, C. & Ogg, J. (2005). European patterns of intergenerational financial and time transfers. *European Journal of Ageing*, 2: 161-173.

Belk, R. (1988). Possessions and the extended self. *Journal of Consumer Research*, 15: 139-168.

Bernheim, Shleifer & Summers (1985). The strategic bequest motive. *Journal of Political economy*, 93(6): 1045-1076.

- Boszormenyi-Nagy, I. & Spark, G. (1973). *Invisible loyalties: reciprocity in intergenerational family therapy*. New York: Harper & Row.
- Caputo, R. (2005). Inheritance and intergenerational transmission of parental care. *Marriage and Family Review*, 37 (1/2): 107-127
- Campos, D. L. (2008). *Lições de Direito da Família e das Sucessões* (4ed). Coimbra: Almedina.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (Eds.). (1999). *The expanded family life cycle*. (3 ed). Needham Heights: Allyn & Bacon, 362-372.
- Cates, J. N. & Sussman, M. B. (1982). Family systems and inheritance patterns. *Marriage and Family Review*, 5 (3): 1-24.
- Coleman, M. & Ganong, L. (1998). Attitudes toward inheritance following divorce and remarriage. *Journal of Family and Economic Issues*, 19(4): 289-314.
- Cox, D. & Rank, M. (1992). Inter-vivos transfers and intergenerational exchange. *The Review of Economics and Statistics*: 305-314.
- Csikszentmihalyi, M. & Rochenberg-Halton, E. (1981). *The meaning of things: domestic symbols and the self*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Drake, D. & Lawrence, J. A. (2000). Equality and distributions of inheritance in families. *Social Justice Research*, 13 (3): 271-290.
- Finch, J. (2004). Inheritance and intergenerational relationships in English families. In S. Harper (eds). *Families in ageing societies: a multi-disciplinary approach*. Oxford: Oxford University Press.
- Finch, J. et al (1996). *Wills, inheritance and families*. Oxford: Oxford University Press.
- Goody, J., Thirsk, J. & Thompson, E. (eds) (1978). *Family and inheritance: Rural society in Western Europe 1200-1800*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Haraven, T & Adams, K. (eds) (1996). *Aging and the life course transitions: an interdisciplinary perspective*. New York: The Guilford Press.
- Hargrave, T & Anderson, W. (1992). *Finishing Well: Aging and reparation in the intergenerational family*. New York: Routledge.
- Hayohe, R. & Stevenson, M. (2007). Financial attitudes and inter vivos resource transfers from older parents to adult children. *Journal of Family and Economic Issues*, 28: 123-135.

- Henretta, J. C., Hill, M. S., Li, W., Soldo, B. J. & Wolf, D. A. (1997). Selection of children to provide care: the effect of earlier parental transfers: *The Journals of Gerontology*, 98: 1428-1458.
- Hunter, E. G. & Rowles, G. D. (2005). Leaving a legacy: Toward a typology. *Journal of Aging Studies*, 19: 327-347.
- Hogan, D., Eggebeen, D. & Clogg, C. (1993). The structure of intergenerational exchanges in American families. *American Journal Sociology*, 98(6): 1428-1458.
- Kane, R. (1996). From generation to generation. *Generations*, 20(3).
- Keating, N. (1996). Legacy, agind, and succession in farm families. *Generations*, 20(3): 61-66.
- Kemp, S. & Hunt, F. (2001). Exploring the Psychology of inheritances. *Zeitschrift für Sozialpsychologie*, 32 (3): 171-179.
- King, D. A. e Wynne, L. C. (2004). *The emergence of family integrity in later life*. Family Process, 43: 7-21.
- Kohli, M. & Künemund, H. (2003). Intergenerational transfers in the family. What motivates giving?. In: Vern L. Bengston & Ariela Lowenstein (Eds.). *Global aging and challenges to families*. New York: Aldine de Gruyter, 123-142.
- Lerner, M. & MiKula, G. (eds) (1994). *Entitlement and the afectional bond: justice in close relationships*. New York: Plenum Press.
- Lustbader, W. (1996). Conflict, emotion and power surrounding legacy. *Generations*, 20(3): 54-59.
- Madanes, C. & Madanes, C. (1994). *The secret meaning of money. How to prevent financial problems from destroying our most intimate relationships*. San Francisco: Jossey Bass Publishers.
- McGarry, K. (1999). Inter-vivos transfers and intended bequests. *Journal of Public Economics*, 73: 321-351.
- O'Neil, B. (1985). Family cycles and inheritances in rural Portugal. *Peasant Studies*, 12 (3): 199-213.
- Papp, P. & Imber-Black, E. (1996). Family Themes: Transmission and transformation. *Family Process*, 35: 5-20.
- Paré, D. (1996). Culture and meaning. *Family Process*, 35, 21-42.
- Price, L., Arnould, E. & Curasi, C. (2000). Older consumer's disposition of special possessions. *Journal of Consumer Research*, 27(2): 179-201.
- Prieur, B. (Coord). (1999). *As heranças familiares*. Lisboa: Climepsi.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família, perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.

- Richins, M. (2004). The Material Values Scale: measurement properties and development of a short form. *Journal of Consumer Research*, 31: 209-219.
- Segalen, M. (1999). Diversidade dos tipos de herança em França e estruturação das relações familiares. In B. Prieur (Coord.) *As heranças familiares*. Lisboa: Climepsi.
- Schaie, W. & Willis, S. (2002). *Adult Development and Aging* (5th ed.). New Jersey: Prentice Hall.
- Sousa, L., Figueiredo, D. & Cerqueira, M. (2004). *Envelhecer em família. Os cuidados familiares na velhice*. Porto: Ambar
- Sussman, M. *et al* (1970). *The family and inheritance*. New York: Russel Sage foundation.
- Sussman, M. (1985). The family life of old people. In R. Binstock & E. Shanas (eds.). *Handbook of Aging and Social Sciences*. New York: Van Nostrand Reinhold Company
- Stum, M. (2000). Families and inheritance decisions: examining non-titled property transfers. *Journal of Family and Economic Issues*, 21 (2): 177-202.
- Titus, L., Rosenblatt, C. & Anderson, M. (1979). Family conflict over inheritance of property. *The family coordinator*, 28(3), 337-346.
- Wall, K. (1998). *Famílias no campo*. Passado e presente em duas freguesias do Baixo Minho. Lisboa: Publicações D Quixote.
- Wall, K. (2005) (Org). *Famílias em Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

## **CAPÍTULO 2**

### **HERANÇA MATERIAL: UMA TAREFA NORMATIVA DAS FAMÍLIAS ENVELHECIDAS**

## 2. HERANÇA MATERIAL: UMA TAREFA NORMATIVA DAS FAMÍLIAS ENVELHECIDAS

Marta Patrão\*<sup>1</sup> & Lílíana Sousa<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Ciências da Saúde, universidade de Aveiro, 3810-193 Aveiro, Portugal

\*E.mail: marta.patrazo@ua.pt

### Resumo

A transmissão da herança material é um acontecimento expectável na vida da família que se repercute na qualidade e dinâmica das suas relações no fim da vida. Porém, é um tema pouco abordado na literatura psicológica e familiar.

Este artigo apresenta um estudo exploratório sobre a transmissão da herança material, abordando-a a partir da perspectiva do ciclo da vida familiar. Partimos de entrevistas semi-estruturadas aplicadas a três *focus group* compostos por doadores, herdeiros e profissionais que intervêm com idosos, para compreender as suas vivências em torno da herança material. Os resultados sugerem que a transmissão da herança material emerge como uma tarefa normativa do ciclo da vida familiar, associada a vicissitudes do desenvolvimento da geração idosa. A tarefa conjuga condições socioeconómicas, dinâmicas e processos familiares e confronta a família com desafios relacionais e emocionais significativos. A sua resolução contribui para o alcance da integridade individual e das relações familiares na fase final da vida.

**Palavras-chave:** herança material; ciclo vital da família; família envelhecida; tarefas do ciclo de vida.



## 2.1. INTRODUÇÃO

A herança (construção e transmissão de um legado material) constitui um tema importante na fase final da vida que todas as famílias enfrentam, independentemente da sua condição económica, social e cultural (Stum, 2000).

Nos últimos anos, diversos estudos (Sussman e tal, 1970; Stum, 2000; Kohli, 2003) têm reconhecido que a herança comporta para além do aspecto económico, aspectos emocionais e relacionais. Surge ligada a tarefas importantes desta fase da vida familiar como a gestão dos bens materiais ou a construção da integridade das relações familiares (processo de construção de significado e de desenvolvimento relacional, no qual o idoso estabelece relações na família que contribuem para o valorizar e dar sentido à vida) (King & Wynne, 2004), associando-se à continuidade e viabilidade dos sistemas familiares.

Apesar das referências aos conflitos familiares derivados da transmissão das heranças serem abundantes, o conhecimento sobre os aspectos relacionais e emocionais das heranças materiais é reduzido, sobretudo na sua vertente normativa e adaptativa. Assim, neste estudo adoptamos a perspectiva do ciclo vital para abordar a herança como uma tarefa de desenvolvimento, a partir de uma perspectiva fenomenológica, recorrendo à perspectiva e vivências dos principais intervenientes no processo, pais (futuros doadores), filhos (futuros herdeiros) e profissionais que trabalham junto dos idosos ou associados ao processo de herança.

### 2.1.1. Herança material: definição

Legalmente a herança define-se como a transmissão *post-mortem* de bens entre gerações: conjunto dos bens, propriedades, direitos e obrigações transmitidos através de testamento ou por via da sucessão, significando que uma ou mais pessoas serão chamadas à titularidade das relações patrimoniais de outra (após a sua morte), com a atribuição dos bens que lhe pertenciam (Telles, 1980).

Mas a experiência emocional (individual e familiar) da herança reenvia para um conceito multifacetado, em que se conjugam diversas dimensões vivenciais, conteúdos (materiais,

culturais, biológicos) e processos de transmissão (jurídicos, sociais, psicológicos). Hunter & Rowles (2005) definem três tipos da herança: i) biológica, reporta-se à passagem dos genes e das condições de saúde ou à doação do próprio corpo; ii) de valores, associada à transmissão de crenças, rituais, tradições e história familiar; e iii) material, referindo-se à transmissão de dinheiro, bens patrimoniais, bens pessoais com elevado valor simbólico ou bens materiais convertidos em valores simbólicos. Na vivência emocional da herança, os três tipos podem coexistir e a preponderância de cada um dependerá das necessidades e objectivos pessoais, da história de vida e do sentido que o indivíduo confere à sua vida.

### **2.1.2. Herança material: gestão familiar e implicações relacionais**

A herança material (construção e transmissão de um legado material) constitui um acontecimento esperado na vida das famílias envelhecidas, sobre o qual doadores e herdeiros detêm expectativas mútuas (nem sempre coincidentes), ligadas à gestão do dinheiro e outros bens materiais.

Com efeito, nesta fase do ciclo da vida familiar, a gestão do dinheiro constitui uma tarefa relacional (Cole, 1986), que implica: i) preparar um plano financeiro (gerir a diminuição dos rendimentos fixos e o esgotamento de reservas financeiras) e ii) redefinir a gestão dos recursos e tomar decisões relacionadas com a simplificação do quotidiano da geração mais idosa. Por exemplo, decide-se que bens manter, quais doar aos filhos (a quem e como), atribuindo-lhes também a gestão e resolução de alguns assuntos financeiros. Trata-se de uma tarefa difícil uma vez que para os idosos os recursos financeiros funcionam como uma reserva de poder e os seus bens pessoais se revestem de valor afectivo. Acresce, ainda, que as suas decisões têm implicações na gestão quotidiana dos bens e nas relações conjugais, filiais e fraternais (Sousa *et al*, 2004).

Nos últimos anos, o estudo das transmissões materiais na família revelou que a família funciona como uma “agência” de redistribuição económica para os seus elementos (Kohli, 2003): os bens materiais tendem a circular das gerações mais velhas para as mais novas e daquelas com maiores recursos para aquelas com menos recursos. Estas transmissões são reguladas por processos de decisão e gestão complexos que contemplam risco económico e o rendimento de pais e filhos, ao longo do ciclo de vida (McGarry, 1999) e dependem de

factores como o contexto cultural, as tradições, as crenças e valores familiares e a qualidade das relações ao longo da vida (Kohli, 2004).

As transmissões materiais na família começaram por ser abordadas a partir de duas hipóteses alternativas – altruísmo e troca estratégica. A hipótese altruísta assume que os pais se preocupam com o bem-estar e satisfação dos filhos, e usam as transmissões materiais incondicionalmente (sem esperar retribuição) para homogeneizar os seus recursos e níveis de bem-estar económico. O valor das transmissões tende a ser desigual, privilegiando os filhos com maiores necessidades económicas (McGarry & Schoeni, 1995). A hipótese estratégica (Bernheim, Shleifer & Summers, 1985) assume que os pais usam os seus bens para influenciar o comportamento dos filhos. As transferências materiais são condicionais e destinam-se a motivar a prestação de cuidados na velhice ou constituem formas de pagamento desses cuidados. Nesta hipótese, os doadores privilegiam os filhos que detêm maiores rendimentos e que vivem mais próximo dos pais (Cox & Rank, 1992). Alguns autores sugerem que a existência de transmissões materiais ao longo da vida e/ou a expectativa de uma herança constituem bons predictores da prestação de cuidados na velhice (Caputo, 2005).

Porém, estudos posteriores acerca das redes e suporte familiar questionaram a existência de uma motivação única para a transmissão. As transmissões materiais na família estão associadas à troca de outros recursos instrumentais e afectivos (tempo, ajuda, companhia), o que remete para uma associação entre as tendências altruísta e estratégica e não para a predominância de uma delas (Hogan, Eggebeen & Clogg, 1993; Wolff, 200).

As motivações para a transmissão da herança material parecem ser ainda mais complexas. Os modelos anteriores não explicam porque razão as heranças (transmissão post-mortem) são frequentemente divididos em partes iguais (mesmo que isso implique perdas económicas para doadores e herdeiros) (McGarry, 1999). Estudos acerca dos padrões de distribuição dos bens entre os herdeiros indicam que os doadores além de distribuírem as suas heranças em partes iguais (especialmente quando detêm poucas informações sobre a situação dos seus herdeiros) utilizam outras estratégias (que contrariam a igualdade) como a reciprocidade ou a resposta (altruísta) a necessidades

económicas específicas de cada herdeiro (Drake & Lawrence, 2004). Assim, a gestão da herança parece envolver um espaço motivacional mais vasto onde coexistem (e são negociadas) motivações incondicionais como o altruísmo ou a obrigação familiar, motivações condicionais como a troca estratégica ou a reciprocidade, bem como outros valores como a igualdade e a preservação da harmonia das relações familiares.

Os diferentes modos de transmissão à descendência (partição entre os irmãos em partes iguais ou desiguais, por exemplo) criam relações psicológicas e afectivas específicas, podendo constituir uma fonte de conflitos entre pais e filhos e entre irmãos.

Na família contemporânea, os conflitos ligados à herança são geralmente longos, confinados à família, suscitados pela divisão desigual dos bens ou pela violação das regras de reciprocidade e expectativas (Sussman *et al*, 1970; Lustbader, 1996; Stum, 2000; Kemp & Hunt, 2001) ou ainda associados à transmissão das empresas familiares ou da terra (Titus *et al*, 1979), situações em que o valor patrimonial é avultado e se encontra em jogo com maior evidência a sobrevivência da família. Lustbader (1996) sugere que a distribuição dos bens pode simbolizar para os filhos, o afecto, respeito, confiança ou preferência dos pais e, assim, constituir um factor de conflito e descontentamento nas relações filiais e/ou fraternais. Com efeito, estudos sobre os padrões de transmissão e divisão dos bens entre os filhos revelam uma preferência pela divisão dos bens em partes iguais que parece responder ao desejo de preservar as relações e de evitar conflitos familiares (Bernheim & Sverinov, 1999; Drake & Lawrence, 2000).

### **2.1.3. Herança material: desenvolvimento individual e familiar**

A transmissão da herança tem sido associada ao desenvolvimento psicossocial na fase final da vida (King & Wynne, 2004; Hunter & Rowles, 2005). A construção e transmissão da herança evidencia-se como uma forma de transcendência e integridade (Hunter & Rowles, 2005), que parece radicar no papel desempenhado pelos bens materiais na continuidade do *self* e na preservação da identidade durante o envelhecimento. De facto, a transmissão de bens materiais nesta fase da vida é guiada por objectivos diversos como: transmitir legados pessoais e familiares, influenciar a vida dos filhos ou outros familiares significativos, assegurar que os seus bens mais estimados serão prezados pelos herdeiros

(Price, Arnould & Curasi, 2000) ou proteger a harmonia das relações familiares. Assim, os bens materiais transmitidos por herança têm valor simbólico, activam recordações e constituem símbolos de narrativas nucleares da vida familiar do indivíduo (Belk, 1990). Ao mesmo tempo, a transmissão material tem um valor relacional: simboliza afecto, reconhecimento ou rejeição entre doador e herdeiro(s) e mantém viva a memória do doador (Sussman *et al.*, 1970; Finch *et al.*, 1996; Kemp & Hunt, 2000).

No desenrolar da vida familiar, a herança material tem sido caracterizada como um jogo de reciprocidades, negociação de normas de responsabilidade e obrigações familiares entre doadores e herdeiros (Sussman *et al.*, 1970). Nesse jogo, a transmissão de pais para filhos segue um padrão intrínseco ao ciclo vital: i) os pais educam e cuidam dos filhos; ii) na idade adulta, os filhos cuidam dos pais e são recompensados pela herança; iii) o ciclo continua nas sucessivas gerações. Este processo envolve : i) a transmissão sucessiva de bens materiais entre as gerações (que é esperada e remete para funções de suporte e protecção familiar) e por outro um exercício de reciprocidade relacional (ex. recebem mais bens os filhos que cuidaram dos pais idosos) e que qualifica a relação doador-herdeiro com base na troca de serviços, bens materiais e padrões de interacção anteriores.

Deste modo, o processo subjacente à transmissão da herança material (*o que transmitir, a quem, quando, e como receber ou não receber*) activa temas centrais nas famílias envelhecidas como a gestão do poder, autoridade, lealdades (visíveis e invisíveis) e equilíbrio familiar entre deve e haver (dar e receber). Além disso, remete para a memória e história relacional da família, na qual estão presentes conflitos (passados ou presentes), triangulações ou alianças entre elementos da família. Ou seja, a transmissão implica uma reorganização relacional (e emocional) entre doadores e herdeiros, a qual poderá constituir um importante desafio (Sussman, 1985) nesta fase do ciclo de vida da família.

## **2.2. OBJECTIVOS**

Este estudo exploratório pretende contribuir para conceptualizar a transmissão da herança material como uma tarefa normativa do ciclo da vida familiar no estágio das

famílias no fim da vida. Os resultados procuram reforçar a compreensão do papel da transmissão da herança material na dinâmica familiar, nomeadamente: nas relações entre gerações (em particular entre a geração mais idosa e a geração dos filhos adultos, muitas vezes também idosa); na relação entre irmãos; e na construção da integridade familiar nos elementos idosos (doadores). Espera-se igualmente que tenham implicações na intervenção junto das famílias que enfrentam a tarefa (ou quando o tema surja associado a outros acontecimentos do ciclo de vida).

### **2.3. METODOLOGIA**

Para alcançar os objectivos propostos, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas aplicadas em *focus group*. A amostra não aleatória e intencional baseou-se no juízo do investigador acerca de pessoas/grupos que representam as perspectivas dos intervenientes no processo familiar de herança material: i) doadores (idosos) e herdeiros, representantes de duas gerações familiares contíguas, em posições relacionais complementares (dar/receber) no processo de herança; e ii) profissionais ligados à família envelhecida e/ou à gestão da herança material, na qualidade de participantes (directos ou indirectos) no processo e que podem triangular a relação doadores-herdeiros. Para garantir a pertinência e diversidade da informação foram seleccionados sujeitos capazes de fornecer informações relevantes sobre o tema (informadores privilegiados) e que se sentissem confortáveis em discussões de grupo. Os sujeitos foram contactados pela primeira autora e convidados pessoalmente a participar.

#### **2.3.1. Amostra**

O grupo de doadores compreende 8 elementos, com idades entre os 65 e os 82 anos de idade, dos quais 5 são mulheres. Cinco doadores residem em zona rural e os níveis de escolaridade são de 4 anos de escolaridade (5) e entre 5 e 9 anos de escolaridade (3). O grupo de herdeiros é composto por 5 entrevistados com idades compreendidas entre 45 e 55 anos, dos quais 3 são homens; 3 residem em zona urbana. A escolaridade indica que

3 apresentam o ensino superior e 2 têm entre 5 e 9 anos de escolaridade. O grupo de profissionais envolve 7 elementos: 2 advogados, 1 técnico de serviço social, 1 auxiliar de prestação de cuidados a idosos, 1 funcionário bancário, 1 funcionário do serviço regional de finanças, 1 técnico especialista em avaliação e inventariação de propriedades. As idades variam entre 29 e 45 anos, sendo 5 mulheres e 4 com residência urbana.

### 2.3.2. Instrumentos e procedimentos

A entrevista em *focus-group* é uma técnica exploratória, que permite recolher pontos de vista dos participantes relativamente a temáticas onde o conhecimento é escasso. A entrevista foi conduzida a partir de um guião semi-estruturado, construído com base na literatura sobre o ciclo de vida familiar e heranças materiais (Sussman, 1970; Carter & McGoldrick, 1999; Stum, 2000; Kemp & Hunt 2001; Drake & Lawrence, 2003; King & Wynne, 2004). O guião foca: i) acontecimentos de vida relacionados com a emergência do tema; ii) significados e valores; iii) desafios colocados pela gestão e resolução da herança como tarefa (comportamentos e processos interpessoais subjacentes ao processo de partição e distribuição dos bens) (Tabela 1.1), este último, reconhecido na literatura como um dos mais significativos e desafiantes para a família.

Tabela 1.1. Entrevista em focus-group: tópicos de discussão

	Tópicos de discussão
<b>Acontecimentos precipitantes</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Quando se começa a pensar e falar sobre a herança na família?</li> </ul>
<b>Significados</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ O que significa dar/receber uma herança?</li> <li>▪ O que leva as pessoas a dar/receber uma herança?</li> </ul>
<b>Desafios</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ O que costuma correr mal na herança?</li> </ul>
<b>Gestão</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ O que costumam fazer as pessoas em relação à sua herança futura?</li> <li>▪ A que regras recorrem para distribuir os bens?</li> </ul>
<b>Resolução e integração</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ O que pode tornar a herança uma experiência positiva na família?</li> </ul>

A entrevista foi conduzida em interrogatório circular pela primeira autora. Todos os grupos foram introduzidos com uma breve apresentação do tema e dos objectivos do estudo, garantia da confidencialidade e solicitação de autorização. Os *focus group* realizaram-se num espaço cedido por uma instituição comunitária. O grupo de doadores teve duração de 120 minutos, os grupos de herdeiros e profissionais tiveram duração respectivamente de 90 e 80 minutos.

### **2.3.3. Análise de dados**

As entrevistas foram gravadas em vídeo, transcritas e submetidas a análise de conteúdo, com base numa perspectiva fenomenológica e tomando como quadro conceptual a perspectiva do ciclo de vida familiar (Carter & McGoldrick, 1999). Procura-se descrever a experiência familiar da herança, a partir das vivências dos participantes, enquanto doadores, herdeiros e profissionais.

#### *O quadro conceptual*

Na perspectiva do ciclo da vida familiar, a família é um sistema composto por três ou quatro gerações em constante mudança ao longo do tempo. As diferentes gerações adaptam-se aos diversos estádios da vida familiar, ocorrendo um rearranjo contínuo dos papéis, pertenças, distância emocional e limites. Carter e McGoldrick (1999) consideram que a família enfrenta simultaneamente stressores verticais (mitos familiares e padrões transmitidos entre as gerações) e stressores horizontais (causados pelas transições da família à medida que esta progride no ciclo de vida). Genericamente, o ciclo da vida familiar inclui os seguintes estádios (Carter & McGoldrick, 1999): independência (lançamento do jovem adulto solteiro); constituição do casal ou casamento; parentalidade (famílias com filhos pequenos e famílias com filhos adolescentes); separação dos filhos adultos (ou famílias na fase intermédia da vida); família na fase final da vida (ou estágio sénior da vida). As entradas e saídas dos diversos elementos marcam a transição de umas fases para as outras. Estas transições normativas entre as fases do ciclo de vida envolvem mudanças relacionais (Carter & McGoldrick, 1989) destinadas a apoiar a entrada, saída e desenvolvimento dos diversos elementos do sistema familiar de



um modo funcional. Os períodos de transição são marcados normalmente por sentimentos de incerteza, ansiedade e sentimentos de perda, que rodeiam o processo de adaptação, reorganização e consolidação da mudança.

Em cada uma das fases do ciclo de vida, a funcionalidade do sistema familiar depende do cumprimento de tarefas que envolvem a definição dos papéis familiares e a relação com contexto externo. Carter and McGoldrick (1999) definem a tarefa central para a fase final da vida familiar como: aceitação da mudança de papéis. Outras tarefas secundárias que lhe estão associadas incluem: adaptação ao declínio físico, apoiar o papel central da geração intermédia, lidar com a perda de pessoas significativas, revisão da vida e integração, preparação da própria morte. Nesta fase as pessoas enfrentam várias dificuldades (tais como insegurança financeira e dependência) e defrontam-se ainda com o stress associado à perda de amigos e familiares significativos. Não obstante, emergem novos papéis, tais como ser avô e a incorporação da experiência e sabedoria do idoso na vida familiar.

A transmissão da herança material constitui expectavelmente um momento onde se cruzam tensões verticais (ex. mitos e crenças familiares, segredos, conflitos não resolvidos) e horizontais (ex. doença, tensões financeiras, morte) da vida familiar.

#### *Procedimento de análise de dados*

Os dados foram analisados para os três grupos seguindo o mesmo procedimento, em que entrevistaram as duas autoras numa lógica de juízes independentes. O processo desenvolveu-se em duas fases: i) construção de categorias e subcategorias; ii) classificação das respostas nas categorias e subcategorias identificadas.

A primeira fase centrou-se na criação e teste do sistema de categorização seguindo um processo de refinamento sucessivo. As entrevistas foram lidas e revistas para fazer a selecção do material relevante, optando-se por manter o que se referia à tarefa de desenvolvimento. Com base num processo de codificação aberta, as entrevistas foram decompostas em unidades de análise, sendo critério de definição a representação de uma ideia única. Procedeu-se, então, à criação de categorias e subcategorias (Tabela 1.2). Na fase seguinte, dois juízes independentes categorizaram cada uma das entrevistas. Os

juízes reuniram-se para analisar os seus (des)acordos e discutir todas as situações até alcançar acordo (Tabela 1.3).

Tabela 1.2. Tarefa de desenvolvimento: definições das (sub)categorias

Categorias	Definição
<b>1. Acontecimentos precipitantes: marcadores do início da tarefa</b>	
1.1. Envelhecimento, doença e/ou dependência	Associa-se ao desenvolvimento individual do doador, marcado pela sua “entrada na velhice”: declínio físico/cognitivo e/ou doença.
1.2. Perdas relacionais e sociais	Associa-se a marcadores do ciclo vital que indicam perdas de papéis sociais (reforma) ou de pessoas significativas (viuvez).
<b>2. Significados: instrumentais e relacionais</b>	
2.1. Conteúdos e momentos: componente mais prática e instrumental.	
Conteúdos tangíveis	Inclui os bens materiais, com maior ou menor valor pecuniário.
Conteúdos intangíveis	Inclui valores e bens cuja principal valia é afectiva ou simbólica.
Transmissão em vida	Considerado um presente ou dádiva. Apenas é herança se essa for a intenção expressa dos doadores.
Transmissão após a morte	Herança propriamente dita.
2.2. Significado relacional: valores que orientam.	
Altruísmo	Cuidar das gerações mais jovens (mesmo para além da morte),
Reciprocidade	Retribuição pelos cuidados recebidos.
Troca estratégica	Dar ou deixar para garantir cuidados na velhice.
Corte relacional	Ruptura afectiva.
<b>3. Desafios: novas funções e papéis</b>	
Gerir o património material	Inventariar e tomar conhecimento do património familiar; regularizar situações legais e patrimoniais.
Gerir conflitos (em vida dos doadores)	Conflitos entre pais e filhos e entre irmãos, motivados pela partição e distribuição dos bens entre os herdeiros.
Gerir conflitos (após a morte dos doadores)	Conflitos entre irmãos motivados pela percepção de injustiças ou desfavorecimento na partição dos bens.
Gerir a participação de familiares sem laços sanguíneos	Os familiares com laços legais ou por afinidade (como noras, genros, cunhados) são sentidos como possíveis fontes de conflito, uma ameaça à harmonia familiar na distribuição.
Conciliar com outras funções familiares	Cuidar dos pais idosos (doentes) e/ou assegurar o bem-estar financeiro do elemento sobrevivente do casal.
<b>4. Gestão: responder aos desafios</b>	
4.1. Planear	
Gerir o património	Escrever os bens, informar os filhos acerca das propriedades da família, para impedir a usurpação do património por terceiros.
Dividir em vida	Inclui: vender alguns bens e distribuir o dinheiro entre os filhos; partir os bens pelos filhos, salvaguardando a reserva de uso pelos pais.
Aconselhamento legal	Prevenir problemas relacionais futuros, p.e. fazendo um testamento.
4.2. Distribuir: valores orientadores	
Igualdade	Partir em partes iguais ou de valor semelhante.
Reciprocidade	Retribuir a quem deu.
Justiça (altruísmo)	Dar mais a quem precisa mais.
Respeito pelos desejos dos herdeiros	Respeitar os desejos e expectativas dos herdeiros (por exemplo, dar determinado bem a quem lhe atribuir maior valor afectivo).
Respeito pelos desejos dos doadores	Manter decisões tomadas pelos doadores, mesmo na sua ausência.
Autoridade legal (norma)	Recurso à lei para gestão da herança na família.
<b>5. Resolução/integração: “estar em paz” com a gestão da tarefa</b>	
União	Manter a família unida no momento da distribuição; a união familiar prévia favorece a distribuição harmoniosa dos bens.
Reforço dos limites da família com o exterior	A herança é um “assunto de família”, para ser gerido sem a interferência de profissionais ou de familiares sem laços de sangue.
Adaptabilidade	Resolver os problemas em conjunto, conjugando os desejos e as necessidades dos doadores e dos herdeiros.
Comunicação	Comunicação entre doadores e herdeiros sobre que bens transmitir, avaliar as necessidades e desejos comuns.

## 2.4. RESULTADOS

### 2.4.1. Acontecimentos precipitantes

Os acontecimentos precipitantes, na perspectiva do ciclo de vida familiar, são marcadores de transição de uma fase para a seguinte. Por norma, envolvem entradas e/ou saídas de elementos da família e desafiam (colocam a exigência da sua reorganização) os laços entre os membros da família. Herdeiros, doadores e profissionais concordam que o tema da herança emerge nas famílias envelhecidas, à medida que os pais envelhecem e se antecipa a sua perda (doença, dependência ou morte) (quadro 3): *“Quando se percebe que os pais estão a ficar velhinhos e que os podemos perder!”* [herdeiro, homem, 55 anos].

Os profissionais e dois doadores associam a outros marcadores do ciclo vital como a reforma ou a viuvez (perda de papéis e/ou pessoas significativas): *“Agora que sou viúva tenho pensado mais na herança, é um assunto que tenho de resolver!”* [doador, mulher, 72 anos].

Os profissionais distinguem o caso dos casais sem filhos, para quem o tema parece emergir mais cedo, a partir dos 40 anos de idade: *“Não tinham filhos e por isso quiseram saber o que aconteceria aos seus bens se um deles morresse.”* [advogado, mulher, 38 anos]. Além disso, os herdeiros referem que esperam que sejam os pais a abordar a questão da herança: *“Nunca tinha pensado nisso. Foi o meu pai que veio ter comigo e disse que queria passar tudo para o meu nome”* [herdeiro, homem, 54 anos].

### 2.4.2. Significados

A entrada numa nova tarefa do ciclo de vida familiar activa valores e mitos individuais e familiares; além disso envolve a reconstrução de relações que são impulsionadas por aspectos mais práticos da tarefa e obrigam a uma ponderação, reformulação e prática dos valores. As heranças (conteúdos) constroem-se ao longo da vida, contudo apenas nesta altura assumem esse estatuto.

### *Conteúdos e momentos*

Os participantes associam a herança aos conteúdos a transmitir (bens tangíveis e intangíveis) e ao momento da transmissão (em vida dos doadores ou após a sua morte).

Os conteúdos intangíveis da herança incluem: i) o nome e a memória da família (*não é o valor daquilo que dão mas o que significa*); ii) o investimento humano e afectivo dos doadores nos filhos (*a melhor herança que o meu pai me deixou foi esforçar-se para que tirássemos um curso*). Os bens tangíveis envolvem: imóveis (casas e terrenos), negócios, móveis e objectos (como loiças ou jóias).

Os doadores e os profissionais referem-se principalmente aos bens tangíveis (materiais), enquanto os herdeiros salientam mais os bens intangíveis. Os três grupos fazem emergir a distinção entre herança (transmissão após a morte) e *dádivas/presentes* (transmissões em vida): *“Aquilo que se vai dando em vida é uma dádiva, não tem a ver com herança.”* [doador, homem, 73 anos].

### *Significado relacional*

Nos três grupos sobressai o altruísmo, ou seja, os doadores deixam os seus bens materiais com o objectivo de ajudarem os filhos (herdeiros) a terem uma vida melhor. A herança é entendida como um desejo intrínseco de cuidar das gerações mais jovens (mesmo para além da morte), uma manifestação de generatividade: *“Eu vejo os terrenos como uma forma de assegurar o futuro dos meus filhos, quem sabe do que vão precisar no futuro!”* [herdeiro, homem, 55 anos].

Mas a herança pode revestir-se ainda de outros significados relacionais como: i) reciprocidade (*dou porque fui bem cuidado*), apenas referida pelos doadores; ii) troca estratégica pela prestação de cuidados na velhice (*dou para ser bem cuidado*), sobretudo na ausência de filhos (salientada pelos profissionais); iii) corte relacional (não referida por profissionais), como nas situações em que o doador deserda como forma de proteger o património em situações de risco. Estes casos são raros e aparecem associados a rupturas afectivas. De modo contrário, a herança pode responder ao desejo de preservar o património e manter os bens na posse da família (*reduto da continuidade e memória da família*).

Para os herdeiros a herança material constitui um tema sensível, que desperta emoções dolorosas: *“Para os pais é mais fácil falar disso... o meu pai era vivo e disse-me que queria passar tudo para o meu nome...foi como se me tivesse dado um soco no estômago...pior do que se me estivesse a dizer que me ia deserdar!”* [herdeiro, homem, 54 anos]. Observa-se pois um evitamento do tema pela sua associação a emoções negativas que parecem relacionar-se com: i) com a expectativa da perda (*“associo herdar à morte”*); ii) com a sucessão das gerações e a assunção da passagem, directa ou indirecta, do controlo dos bens da geração mais idosa para a geração mais jovem (*“senti um certo incómodo quando o meu pai me veio perguntar se queria vender um terreno ...o terreno era meu porque ele o tinha passado para meu nome mas para mim era dele”*).

### **2.4.3. Desafios**

Uma tarefa do ciclo de vida familiar implica sempre o desenvolvimento de novas funções e/ou papéis quer no interior da família, quer nas relações que mantém com o exterior. São vários os stressores que obrigam a família e os seus membros a desenvolverem novas competências e a reajustarem anteriores.

Em todos os grupos, a herança é representada como um processo conflitual, complexo e com forte carga burocrática. A gestão do património familiar, em particular, a inventariação dos bens disponíveis e a sua legalização é apontada como um desafio por doadores e profissionais, embora não pelos herdeiros: *“A minha preocupação era tomar conta de tudo para que um dia quando eu morresse estivesse tudo legal para os meus filhos!”* [doador, mulher, 67 anos].

Para os três grupos os maiores desafios incidem nos conflitos familiares entre pais e filhos e entre irmãos, principalmente em vida dos doadores (pais) e motivados pela distribuição dos bens entre os herdeiros. Os conflitos reportam-se: i) ao desacordo sobre o valor afectivo ou financeiro de um bem; ii) e à percepção de injustiças ou desfavorecimentos na partição dos bens. Os herdeiros sentem que o desafio pode surgir na gestão de conflitos familiares entre irmãos após a morte dos pais: *“Depois dos pais mortos há guerras entre irmãos.”* [herdeiro, mulher, 49 anos].

Os três grupos são unânimes em apontar a necessidade da família se reorganizar para conciliar a gestão da herança com outras funções (como, por exemplo, o suporte aos pais idosos), assim como, a gestão da participação de elementos externos à família de sangue (como noras, genros e/ou cunhados), sentidos como possíveis fontes de conflito e/ou ameaça à harmonia na distribuição dos bens.

#### **2.4.4. Gestão da tarefa**

Perante uma nova tarefa surgem novos papéis e funções que fazem com que as famílias e os seus membros necessitem de se reorganizar em termos práticos, relacionais e emocionais. Os resultados indiciam que os participantes salientam essa reorganização em dois momentos: planejar e distribuir os bens (transmitir a posse)

##### *Planejar*

Profissionais e herdeiros destacam a importância de preservar o património, impedindo a sua usurpação por terceiros. O acto de escriturar os bens e informar os filhos acerca das propriedades da família e sua localização serve, na opinião dos herdeiros para proteger o património e não um interesse financeiro.

Os participantes equacionam como elemento fulcral, para uma boa gestão da herança material, a possibilidade da família proceder à divisão dos bens em vida dos pais: i) vendendo alguns bens e distribuindo o dinheiro entre os filhos, embora apenas uma parte da herança seja susceptível de antecipação, pois alguns bens com valor relacional ou afectivo devem manter-se na posse da família; ii) ou partindo os bens pelos filhos, mas salvaguardando a reserva de uso pelos pais que mantém o poder dos pais e a hierarquia geracional. Para todos os grupos, a venda dos bens e a distribuição do seu valor monetário pelos herdeiros surge como um meio fácil de evitar conflitos, mas assume um valor pejorativo (pela redução do bem familiar a dinheiro), devendo ser encarado como um último recurso.

O aconselhamento legal emerge como uma boa forma de prevenir problemas relacionais futuros para os três grupos, com destaque para os profissionais que realçam a importância de fazer um testamento.

### *Distribuir*

A distribuição dos bens entre os herdeiros é um aspecto central e poderá constituir uma fonte de potenciais conflitos entre doadores e herdeiros, entre herdeiros e mesmo no casal de doadores. A Lei Portuguesa prevê a distribuição dos bens em partes iguais pelos herdeiros, independentemente do sexo e posição na fratria. Mas, as famílias detêm o seu “ethos” que pode prever outros princípios.

Os resultados evidenciam que doadores e herdeiros detêm valores diferentes sobre a distribuição dos bens. Os doadores valorizam a divisão justa (*dar mais a quem precisa mais*) e equitativa (*partes iguais ou de valor semelhante*); e, com menor relevância a reciprocidade (*dar mais a quem lhes deu mais*) e o respeito pela vontade/desejo dos herdeiros. Os herdeiros referem a divisão equitativa e o respeito pelos herdeiros (*a minha irmã sabia que eu queria o cordão e concordou que era para mim*), mas realçam o papel activo dos pais, admitindo como principal regra o respeito pelas suas decisões, por considerarem que são “imparciais”, depositando neles uma expectativa de imparcialidade e justiça: “*Os pais à partida são imparciais ou deviam sê-lo!*” [herdeiro, homem, 55 anos].

A este respeito, foram referidas algumas normas culturais de divisão equitativa dos bens como “ir a sortes” ou “fazer montes (sorteio de parcelas equitativas)”. Mas parecem ser desvalorizadas quando comparadas com a capacidade de comunicação e entendimento entre os elementos da família: “*Eu não quero montes...vamos dividindo conforme cada uma gosta e se alguém não estiver satisfeito, conversamos!*” [doador, mulher, 65 anos].

Apenas os profissionais fazem referência ao recurso à lei. Ainda assim, salientam-no nas situações em que o doador queira salvaguardar a titularidade de determinado bem ou em que os conflitos familiares impeçam a resolução da herança a partir das competências da família. Os profissionais salientam ainda um planeamento baseado na igualdade (princípio básico da lei Portuguesa) e alguns admitem a importância da justiça (“ser justo”) e o respeito pela vontade dos herdeiros.

#### 2.4.5. Resolução e integração da tarefa

Quando a família resolve uma tarefa do seu ciclo vital acede a um nível de complexidade superior, desenvolvendo novos padrões relacionais e afectivos (por exemplo, novos arranjos de papéis em termos de participação e poder) para prosseguir as suas funções.

Na resolução positiva da transmissão da herança, os três grupos de participantes elegem como factores decisivos: a união entre pais e filhos (*“se a herança de valores e a união for boa, a parte material também é mais fácil de gerir”*) e a adaptabilidade familiar ou capacidade para encontrar soluções conjuntas (*“trocou um terreno porque sabia que ele gostava e ele compensou-a no valor”*).

A comunicação entre herdeiros e doadores é salientada por herdeiros e profissionais, com a função de permitir pôr em comum as expectativas e necessidades dos futuros herdeiros, para que a distribuição seja adequada: *“Os pais podem conversar com os filhos sobre o que querem e o que precisam”* [herdeira, mulher, 50 anos].

Na transmissão da herança, os doadores salientam o reforço dos limites da família com o exterior e enquadram a herança como um “assunto privado” (*“não chamaram ninguém, nem avaliadores, nem advogados, partiram [repartir] como lhes pareceu bem”*). Associam a resolução da tarefa à consumação do processo de distribuição em família e sem a intervenção de elementos externos, nomeadamente profissionais, como prova da coesão e bons valores da família.



Tabela 1.3. Tarefa de desenvolvimento: (sub)categorias e distribuição das respostas

(Sub)categorias	Doadores (n=8)	Herdeiros (n=5)	Profissionais (n=7)
<b>1. Acontecimentos precipitantes</b>			
Envelhecimento, doença e/ou dependência	6	5	7
Perdas relacionais e sociais	2		6
<b>2. Significados</b>			
<b>2.1. Conteúdos e momentos</b>			
Conteúdos tangíveis	8	3	7
Conteúdos intangíveis	3	5	1
Transmissão em vida		5	2
Transmissão após a morte	8	5	7
<b>2.2. Significado relacional de dar/receber</b>			
Altruísmo	8	5	6
Reciprocidade	2		
Troca estratégica	1	1	5
Corte relacional	2	2	
<b>3. Desafios</b>			
Gerir o património material	2		1
Gerir conflitos (em vida dos doadores)	6	4	7
Gerir conflitos (após a morte dos doadores)		5	
Gerir a participação de familiares sem laços sanguíneos	3	2	3
Conciliar com outras funções da família	1	1	3
<b>4. Gestão: responder aos desafios</b>			
<b>4.1. Planear</b>			
Gerir o património	1	5	5
Distribuir em vida	4	4	4
Aconselhamento legal	3	3	7
<b>4.2. Distribuir</b>			
Igualdade	3	5	5
Reciprocidade	2		
Justiça	4		2
Respeito pelos desejos dos herdeiros	2	2	1
Respeito pelos desejos dos doadores		5	
Autoridade legal			7
<b>5. Resolução/integração</b>			
União	4	5	6
Reforço dos limites da família com o exterior	3		
Adaptabilidade	3	4	5
Comunicação		2	3

## 2.5. DISCUSSÃO

### 2.5.1. Herança: tarefa de desenvolvimento

A transmissão da herança material como tarefa do ciclo de vida familiar parece associar-se a circunstâncias do desenvolvimento da geração mais idosa (por norma os pais) que antecipam a sua perda: física (morte) e/ou emocional/cognitiva (doença e/ou dependência); ou perda de papéis sociais ou relacionais (p. ex, reforma). Note-se que a maioria das tarefas do ciclo de vida se associa a entradas ou saídas efectivas de algum membro na família, existindo nesta tarefa uma expectativa de saída (por morte), o que constitui uma especificidade. Para além disso, a tarefa sobrevém associada aos aspectos mais negativos da velhice.

Espera-se que sejam os doadores a lançar a tarefa, enquanto os herdeiros aguardam essa iniciativa sem revelarem o seu interesse, para não ferirem os sentimentos dos pais (a herança associa-se à sua morte ou doença) e/ou para não serem vistos como gananciosos e materialistas (características censuradas socialmente). Enquanto os doadores vêem a transmissão como uma necessidade, intrínseca ao seu desenvolvimento e à adaptação perante novas circunstâncias de vida, os herdeiros defendem-se da ideia de perder os pais (real ou simbolicamente). É frequente a família não querer misturar dinheiro e afectos, tentando isolar dois aspectos indissociáveis: os bens materiais detêm valor relacional e emocional e têm implicações nas relações familiares, mas jogam um papel secreto e raramente assumido.

Os protagonistas tendem a definir a herança material como o conjunto de bens materiais transmitidos aos herdeiros (filhos) após a morte dos doadores (pais), distinguindo das transmissões em vida definidas como *dádivas ou presentes*. À semelhança da definição legal, esta definição coloca a ênfase nos conteúdos (materiais) e no momento da transmissão (após a morte).

Ao contrário dos herdeiros, os doadores realçam menos a componente material da herança. Isto deve-se sobretudo à intenção dos doadores (pais) de ajudar os herdeiros (filhos) a terem uma vida melhor, mas também porque os bens transmitidos parecem

representar parte da sua realização material na vida e do seu sucesso enquanto pais, podendo ser encarados como um derradeiro contributo da sua função parental. Por sua vez, os herdeiros enfatizam o investimento afectivo e educativo dos pais (recusando a “materialização” da relação entre ambos) e enfatizam que os pais não são obrigados a construir uma herança avultada (*deixam o que podem*). A insatisfação em torno da herança que os pais deixam tende a emergir mais associada à forma como foi dividido entre irmãos (igual /desigual) e menos à sua quantidade.

A herança representa assim ganhos e perdas que se conjugam de forma paradoxal: os ganhos derivados da herança são o resultado de uma perda. Para os doadores, a herança parece traduzir, em primeiro lugar, uma perda de controlo, real (morte) ou simbólica (dependência), sobre os seus bens materiais; e uma perda afectiva (morte e perda do contacto com os que lhe são queridos), mas ao mesmo tempo envolve ganhos afectivos como poder ajudar os filhos, ser recordado para além da morte, ter o reconhecimento dos filhos e da comunidade e a continuidade simbólica (do próprio e da família). Para os herdeiros, a herança representa, primeiramente, a perda dos pais e simbolicamente antecipa a própria finitude (subida no degrau geracional). Todavia, comporta ganhos económicos (inerentes aos conteúdos materiais transmitidos) e afectivos, nomeadamente o afecto e o reconhecimento dos pais e da comunidade, o sentimento de pertença e a continuidade familiar. A discrepância entre perdas e ganhos parece ser contudo, mais difícil emocionalmente para os herdeiros do que para os doadores: os doadores têm ganhos essencialmente afectivos e as perdas são físicas/materiais; já os herdeiros têm ganhos materiais e as perdas são mais afectivas. Para além disso, esta tarefa acarreta para os herdeiros uma dificuldade secundária, na medida em que a reciprocidade apenas ocorre de forma indirecta, ou seja, só poderão retribuir a herança aos doadores quando se transformarem nos doadores da geração seguinte.

A herança emerge, assim, como um tópico emocional muito sensível. Os doadores têm de tomar decisões quer para manterem a família unida e bem (financeira e emocionalmente) após a sua morte (cuidar para além da morte), quer para preservarem o património material que construíram ao longo da vida. Os herdeiros deparam-se com a morte dos pais e antecipam a sua ascendência à geração mais idosa. Acrescente-se que esta

experiência emocional pode ser acentuada pela negatividade que o apego pelos bens materiais (materialismo) assume socialmente.

A gestão da herança material é um processo complexo e potencialmente gerador de conflitos motivados pela partição dos bens, principalmente entre pais e filhos e entre irmãos. Apesar da literatura referir a ocorrência de conflitos no casal de doadores, tal não emergiu neste estudo. Por outro lado, a participação de elementos externos à família (laços legais e não de sangue) foi considerada por herdeiros e doadores como potencial fonte de conflito e ameaça à harmonia na distribuição da herança. Esta deslocação ou triangulação do conflito com os elementos por afinidade poderá estar a funcionar como um mecanismo protector da união familiar, sobretudo da preservação dos laços entre pais e filhos e entre irmãos. Nesta fase pais e filhos reaproximam-se e a salvaguarda das relações é relevante pois ambos começam a preocupar-se com a integridade das relações familiares.

Para os doadores, o planeamento da herança é importante para manter os bens na família e preparar a passagem de testemunho aos filhos. Refere-se, sobretudo, a processos formais/legais de preparação da transmissão da herança, que visam manter o património na família, evitar a usurpação dos bens e facilitar o processo de distribuição para evitar conflitos entre irmãos (por exemplo, através da venda de bens). Para os herdeiros, o planeamento significa tomar contacto com os assuntos financeiros da família e assumir a passagem de testemunho ou pelo menos aceitar essa possibilidade.

É na distribuição da herança que podem emergir mais conflitos. Herdeiros e doadores valorizam a distribuição justa e equitativa. Os herdeiros afirmam a necessidade de seguir as decisões dos pais pela sua imparcialidade, embora não fique claro neste estudo o significado dessa imparcialidade e se é coincidente para pais e filhos. Contudo, a noção de imparcialidade faz sobressair um mito familiar actual, i.e., de que os pais devem tratar os filhos de forma igual (Drake & Lawrence, 2000). Subtrai-se, assim, o direito dos pais poderem agir de forma parcial. A ênfase na igualdade e imparcialidade parece remeter para o valor afectivo dos bens materiais na família, na medida em que aquilo que os pais dão representa o seu afecto pelos filhos ou vê-se transmutado numa relação de poder

entre os irmãos: de quem o pai gosta mais, quem é mais poderoso ou importante na família.

A boa resolução e integração da tarefa são associadas, por doadores e herdeiros, à união e *bons* valores da família. A herança parece deter um carácter de prova social, no sentido em que coloca os pais perante a avaliação externa da sua qualidade parental. Este aspecto torna-se ainda mais saliente porque às famílias portuguesas são atribuídos valores nucleares como honra, respeito, bondade e confiança (Araújo-Lane, 2005). Isto faz com que para os doadores, os conflitos e a não resolução da herança possam representar a falência da sua função parental. Para os herdeiros, a resolução positiva da *transmissão da herança material* poderá servir de modelo a seguir pelos próprios filhos. Como refere Wolff (2001) os pais têm usado o seu comportamento em relação aos avós para modelar o comportamento dos filhos em relação a si.

### **2.5.2. Implicações**

#### *Dinâmica familiar nas famílias envelhecidas*

As implicações da herança nas relações familiares podem sentir-se antes da morte dos pais, na preparação da herança e na gestão diária dos bens e funções familiares. Neste período é possível que se estabeleça uma relação de desconfiança entre irmãos e entre pais e filhos, fazendo com que todos ajam de modo reservado para evitar conflitos. Os filhos mostram alguma resistência em abordar a herança, mas quando os pais tomam as primeiras decisões, podem instalar-se tensões. Numa fratria alargada é provável que sejam os filhos com maior proximidade geográfica e/ou emocional aos pais que auxiliem na gestão dos bens, o que suscitará a desconfiança dos irmãos mais afastados. Os pais poderão utilizar os seus bens para assegurar a prestação de cuidados na velhice, mas isso contribuirá para aumentar a desconfiança e a tensão entre doadores e herdeiros. Para além disso, é possível que o casal idoso entre em desacordo, sobre que bens doar, a quem e quando doar.

Para os pais idosos os bens materiais constituem uma reserva de poder. Os doadores entendem a herança como a transmissão dos bens após a morte, revelando o seu desejo

de reservar a posse (total ou parcial) dos seus bens até ao fim. Quando os herdeiros, pressionados por necessidades económicas, queiram receber antecipadamente a sua parte de herança, é expectável que se instalem conflitos, relações de desconfiança e ressentimento.

Com a morte dos pais, as maiores dificuldades familiares parecem concentrar-se no processo de *distribuição da herança*. Para os herdeiros, os maiores problemas surgem nesta etapa, quando a ausência dos pais permite transformar as suas relações, pela primeira vez, em relações voluntárias, sentindo-se livres para disputar ou fazer emergir rivalidades antigas. Os conflitos poderão associar-se à dificuldade de harmonizar significados e valores afectivos atribuídos aos bens ou acentuar-se perante a existência de discordâncias anteriores, como por exemplo em relação à prestação de cuidados aos pais, ou perante diferenças socio-económicas e culturais entre os irmãos.

Isto significa que quando a *gestão da herança* é lançada em vida pelos pais a sua resolução formal poder ser preparada/concretizada antes da sua morte, por exemplo, através da distribuição e escrituração de alguns bens em vida. Contudo, a resolução emocional da tarefa sobrevive à morte dos doadores e, nalguns casos, será alcançada na sua ausência. Assim, podemos considerar que a *tarefa transmissão da herança material* comporta duas dimensões: i) legal, preparação da herança em vida e resolução formal do processo; ii) emocional, prolongada para além da morte dos pais (desafio específico para os herdeiros). A resolução emocional da herança é mais longa e nem sempre cronologicamente coincidente com a resolução formal/legal.

### *Intervenção familiar*

Doadores e herdeiros tendem a valorizar a resolução da herança sem intervenção de terceiros (parentes afins ou profissionais). Talvez por isso sejam os profissionais que relatem mais casos extremos de conflito. Tal como noutras situações em que a família está sujeita a fontes de stress, é pertinente perceber se o problema advém do contexto (exemplo desemprego dos filhos ou dificuldades económicas) ou se representa uma dificuldade recorrente da família (exemplo más relações entre pais e filhos).

Muitos conflitos em torno da herança estão associados aos significados e valores familiares, os quais mantêm uma relação com o contexto social e cultural e com a história de cada família. Assim, conhecer valores e significados que doadores e herdeiros detêm, tais como igualdade e justiça, pode ajudar a compatibilizar as suas perspectivas para chegar a uma resolução mutuamente satisfatória.

Conhecer os mitos e crenças familiares (heranças emocionais), como por exemplo, o mito da unidade familiar (que emergiu expressivamente nos resultados) torna-se essencial na medida em que poderão influenciar a forma como as heranças (materiais) são distribuídas. Num contexto de intervenção, o “desvelar” dos mitos ajuda a clarificar as relações entre os envolvidos e contribui para ajudar a família a metacomunicar sobre a herança. Desse modo ficariam mais claros os objectivos, necessidades e as intenções de quem dá e de quem recebe.

A família tende a encarar a herança como um processo burocrático e conflituoso que põe à prova à sua integridade e bons valores. Neste sentido, o recurso à informação e aos modelos psicoeducativos poderá constituir um instrumento útil de intervenção, já que permite baixar a tensão, gerir as emoções, normalizar os sentimentos de culpa e de desadequação e envolver todos num processo de colaboração que os torna mais consciente das suas competências para resolver o problema.

#### *Limites e perspectivas de pesquisa*

Um dos principais limites deste estudo centra-se no número reduzido de participantes, contudo a pesquisa responde somente a objectivos exploratórios. São necessários estudos sobre diferentes estruturas e contextos socio-culturais como as famílias reconstituídas, famílias de quatro gerações, pessoas solteiras ou casais sem filhos, famílias com baixos recursos, os quais poderão revelar outros padrões de transmissão, competências e estratégias, assim como apontar para outros valores e significados.

Futuras pesquisas devem aprofundar padrões transaccionais, incluindo questões como: “o que sentem as pessoas ao dar/receber”; “quais os aspectos mais positivos e negativos de dar/receber?”; “quem toma decisões?”; “quem as contesta?”; “o que gostaria que tivesse acontecido como herdeiro/doador?”, bem como aprofundar o estudo dos valores

e significados subjacentes à transmissão/recepção dos bens (em particular da igualdade e justiça), a sua construção ao longo da vida e ligação à história familiar.

## 2.6. CONCLUSÃO

Este estudo tem como finalidade contribuir para a compreensão do papel da herança material na dinâmica das famílias envelhecidas, a partir da perspectiva do ciclo da vida familiar. Os resultados indicam que a herança encontra-se intrinsecamente associada a vicissitudes do desenvolvimento individual e familiar, respondendo a solicitações externas e legais e a necessidades económicas, emocionais e relacionais de doadores e herdeiros.

A gestão da herança como tarefa do ciclo vital familiar faz emergir dois grandes desafios emocionais/relacionais: i) o da continuidade (continuar-se/dar continuidade), que acarreta lidar com uma situação paradoxal em que se ganha com a perda (real ou simbólica), aceitar alterações nos papéis geracionais, definir a relação com o doador e integrar o seu papel na família; e ii) o da sucessão (ser sucedido/sucedido) que remete para um jogo de reciprocidade entre doadores e herdeiros prolongado no tempo, para a renegociação do poder executivo e para a gestão da igualdade e da justiça nas relações entre pais e filhos e entre irmãos.

A herança parece constituir um desafio normativo, um ponto nodal onde se actualizam relações e modos de funcionamento familiar, do presente e do passado, e múltiplos percursos de desenvolvimento. Perspectiva-se assim o seu papel nas famílias envelhecidas: 1) como oportunidade de transformação das relações de acordo com as necessidades do ciclo vital centradas no dinheiro/bens e suporte; 2) como momento potencial para a reparação relacional ou redefinição de relações pais-filhos, filhos-filhos e no casal; e de revisão e integração da experiência de vida; 3) como ocasião ritual, definida socialmente e pela família, para transmissão de um legado material e simbólico.

Na família actual, a transmissão da herança parece continuar a apontar para a manutenção e preservação do sistema familiar (real ou emocional), embora os conteúdos e os processos de transmissão possam ter adquirido diferentes formas ao longo do tempo.



**1.7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Belk, R. (1988). Possessions and the extended self. *Journal of Consumer Research*, 15: 139-168.
- Bernheim, B. & Severinov, S. (2003). Bequests as signal: an explanation for the equal division puzzle. *Journal of Political Economy*, 111: 733-764.
- Bernheim, Shleifer & Summers (1985). The strategic bequest motive. *Journal of Political economy*, 93(6): 1045-1076.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (Eds.). (1999). *The expanded family life cycle*. (3 ed). Needham Heights: Allyn & Bacon, 362-372.
- Cole, C. (1986). Developmental tasks affecting the marital relationship in later life. *American Behavioral Scientist*, 29(4): 389-403.
- Cox, D. & Rank, M. (1992). Inter-vivos transfers and intergenerational exchange. *The Review of Economics and Statistics*: 305-314.
- Drake, D. & Lawrence, J. A. (2000). Equality and distributions of inheritance in families. *Social Justice Research*, 13 (3): 271-290.
- Finch, J., Mason, J., Masson, J., Wallis, L., Hayes, L. (1996). *Wills, inheritance and families*. Oxford: Oxford University Press.
- Hogan, D., Eggebeen, D. & Clogg, C. (1993). The structure of intergenerational exchanges in American families. *American Journal Sociology*, 98(6): 1428-1458.
- Kemp, S. & Hunt, F. (2001). Exploring the Psychology of inheritances. *Zeitschrift für Sozialpsychologie*, 32 (3): 171-179.
- Kohli, M. & Künemund, H. (2003). Intergenerational transfers in the family. In. V. Bengston & A. Lowenstein (Eds.). *Global aging and challenges to families*. New York: Aldine de Gruyter, 123-142.
- Lustbader, W. (1996). Conflict, emotion and power surrounding legacy. *Generations*, 20(3): 54-59.
- McGarry, K. (1999). Inter-vivos transfers and intended bequests. *Journal of Public Economics*, 73: 321-351.

- Price, L. Arnould, E. & Curasi, C. (2000). Older consumer's disposition of special possessions. *Journal of Consumer Research*, 27(2): 179-201.
- Sousa, L., Figueiredo, D.& Cerqueira, M. (2004). *Envelhecer em família*. Porto: Porto Editora.
- Sussman, M., Cates, J. & Smith, D. (1970). *The family and inheritance*. New York: Russel Sage .
- Stum, M. (2000). Families and inheritance decisions. *Journal of Family and Economic Issues*, 21 (2): 177-202.
- Telles, G. (1991). *Direito das sucessões. Noções fundamentais*. Coimbra: Coimbra Editora
- Titus, L., Rosenblatt, C. & Anderson, M. (1979). Family conflict over inheritance of property. *The family coordinator*, 28(3), 337-346.
- Wolff, François-Charles (2001). Private intergenerational contact in France and the demonstration effect. *Applied Economics*, 33: 143-153.

### **CAPÍTULO 3**

## **HERANÇA E DINÂMICAS DE ENTREAJUDA NAS FAMÍLIAS ENVELHECIDAS: CONJUGAR AS PERSPECTIVAS DE DOADORES E HERDEIROS**

### 3. HERANÇA E DINÂMICAS DE ENTREAJUDA NAS FAMÍLIAS ENVELHECIDAS: CONJUGAR AS PERSPECTIVAS DE DOADORES E HERDEIROS

Marta Patrão\*<sup>1</sup> & Liliana Sousa<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Ciências da Saúde, universidade de Aveiro, 3810-193 Aveiro, Portugal

\*E.mail: marta.patrazo@ua.pt

#### Resumo

A herança representa um marco emocional na fase final da vida e uma das mais expressivas dinâmicas de entreajuda na família. Contudo a dinâmica relacional e natureza das trocas de apoio entre doadores e herdeiros permanece pouco esclarecida. Este estudo procura compreender as dinâmicas associadas à transmissão da herança e a sua ligação à entreajuda familiar, comparando as perspectivas de doadores e herdeiros. Os dados foram recolhidos junto de duas subamostras independentes (50 doadores e 50 herdeiros) através de um questionário. Os principais resultados sugerem que: i) a herança constitui um processo normativo, centrado na família, que tende a iniciar-se em vida, envolvendo transmissões materiais e a organização da entreajuda entre doadores e herdeiros; ii) o apoio entre doadores e herdeiros organiza-se em três estilos de reciprocidade, correspondentes a fases (momentos) diferentes do processo de herança; iii) a proximidade afectiva e a reciprocidade do suporte contribuem para a satisfação familiar. Assim, a herança constitui uma oportunidade para promover ou para intervir na transformação dos papéis familiares entre doadores e herdeiros, contribuindo para a adaptação às transformações da fase final do ciclo da vida familiar e um envelhecimento bem sucedido.

**Palavras-chave:** famílias na fase final do ciclo da vida familiar; herança; entreajuda; satisfação com a vida familiar e individual.

### 3.1. INTRODUÇÃO

O apoio familiar e a transmissão intergeracional de recursos (incluindo dinheiro, apoio nas tarefas do quotidiano, companhia ou conselhos) constituem aspectos centrais dos laços familiares, com grande relevância emocional e financeira para as famílias (Rossi & Rossi, 1990). De entre estas dinâmicas de troca e entreaajuda familiar, a herança salienta-se ao longo dos tempos como uma das mais relevantes (Sussman, 1985; Finch, 1989; McGarry, 1999; Kohli, 2003). Nas últimas três décadas, a investigação sugere que representa simultaneamente uma forma de motivar a responsabilidade filial (obrigação de cuidar dos pais idosos) e/ou de compensar os filhos (herdeiros) pelos cuidados prestados (Sussman, 1985; Kane, 1996), Caputo, 2005) e uma ajuda financeira que os doadores dão aos filhos.

Trata-se de um tipo especial de ajuda porque, estando associada ao desaparecimento da geração mais velha, implica a transmissão da posse dos bens materiais e a sucessão entre gerações (uma geração assume simbolicamente o lugar e o património da outra, dando-lhe continuidade). Porém o processo de transmissão (sobretudo psicológico e relacional) tende a iniciar-se antes da morte: usualmente envolve a discussão do tema na família, transmissões informais (ex. oferecer um bem pessoal estimado) ou formais (ex. doações em vida) ou a preparação legal da transmissão (ex. redacção do testamento) (Patrão & Sousa, 2009). Assim, a morte do doador marca simbolicamente a transmissão mas o processo começa em vida.

A herança representa um marco significativo para a integração emocional, a ajuda e a continuidade emocional na velhice. No entanto, o conhecimento que a Psicologia da Família detém sobre a transmissão dos bens materiais e as suas implicações nas relações familiares ainda é escasso. A relação entre doadores e herdeiros (que como vimos se estabelece anteriormente à morte) e a forma como organizam a entreaajuda permanece pouco esclarecida. Sobre ela recaem alguns mitos culpabilizantes para doadores e herdeiros, por exemplo: os herdeiros só se interessam pelos doadores porque estes lhes dão algo em troca ou os idosos são um fardo para família.

Nas últimas décadas a investigação centrada nas relações intergeracionais e no funcionamento familiar salienta a importância do apoio e da entreajuda para o ajustamento e o desenvolvimento familiar na velhice (Sussman, 1985; Rossi & Rossi, 1990; Bengtson, 2001). Nomeadamente, a entreajuda entre doadores e herdeiros (emocional, prática e financeira, incluindo a herança) parece ter consequências relevantes na satisfação familiar (por exemplo, favorecer o sentimento de coesão ou lançar conflitos) e no bem-estar subjectivo (por exemplo, na construção da identidade e de um sentido para a vida).

Este estudo procura aprofundar as dinâmicas associadas à transmissão da herança e a sua ligação às trocas de apoio (emocional, financeiro, prático) e à satisfação com a vida (individual e familiar), comparando as perspectivas de doadores e herdeiros. Neste sentido, foram aplicados questionários similares a um grupo de 100 participantes (50 doadores e 50 herdeiros não relacionados entre si). Os resultados são relevantes para a compreensão das dinâmicas familiares (e intergeracionais) no fim da vida, salientando factores que facilitam a adaptação às transições do ciclo de vida e a satisfação familiar.

### **3.1.1. Herança: uma fonte de apoio para doadores e herdeiros**

A criação e transmissão do legado material (herança) constitui um tema de elevado significado para doadores e herdeiros (Sussman *et al*, 1970; King & Wynne, 2004): transmitir e/ou receber os bens contribui para a criação e consolidação do sentimento de identidade individual e familiar e promove a coesão entre gerações e a memória familiar. Ademais a herança integra o ciclo familiar de entreajuda: representa uma ajuda financeira para as gerações mais jovens (herdeiros) e tem sido associada à prestação de apoio e cuidados à geração mais idosa (doadores) (Finch, 1989; Henretta *et al*, 1997; Rossi & Rossi, 1990; Sussman, 1985; Caputo, 2005).

Tratando-se de um tema central para a vida familiar na velhice, o estudo das transmissões intergeracionais tem procurado esclarecer a direcção (de quem para quem), momentos (quando) e as motivações (porquê?) das transmissões materiais. Na literatura emergem duas hipóteses que podem ser utilizadas para explicar as motivações para transmitir uma

herança: altruísmo (Becker, 1974) *versus* troca estratégica (Bernheim, Shleifer & Summers, 1985). Tendo por base o altruísmo, os doadores transmitiriam os seus bens para facilitar e melhorar o nível de vida dos herdeiros (em particular dos seus descendentes), sem qualquer expectativa de recompensa. De acordo com a hipótese da troca estratégica, os doadores utilizariam os seus bens para influenciar o comportamento dos herdeiros, ou seja, como um meio de os persuadirem a prestarem-lhes cuidados na velhice. Esta hipótese sugere que as transmissões intergeracionais criam e mantêm a interdependência familiar, criando obrigações sociais e expectativas de compensação (pagamento) (Cox, 1987). De facto, a literatura sugere que a herança representa um dos principais meios utilizados pelos idosos para assegurar cuidados e apoio na velhice, uma vez que a perspectiva de receber uma herança parece motivar/influenciar a responsabilidade filial. (Henretta, Hill, Soldo & Wolf, 1997; Caputo, 2005).

Contudo o debate em torno das hipóteses altruísta e troca estratégica persiste. Estas hipóteses não explicam porque razão as heranças (transmissão *post-mortem*) são frequentemente divididas em partes iguais mesmo que isso implique perdas económicas para doadores e herdeiros, contrariando qualquer uma das hipóteses anteriores. (McGarry, 1999; Stum, 2000). Com efeito, os mecanismos de transmissão da herança parecem responder melhor a modelos compreensivos que incluam simultaneamente motivações instrumentais (ex. troca e satisfação de necessidades práticas e financeiras) e afectivas (ex. amor altruísta, reconhecimento, preocupação e protecção familiar) (Kohli, 2003).

### **3.1.2. Entreaajuda nas famílias envelhecidas**

As dinâmicas de entreaajuda nas famílias contemporâneas assumem diversas formas, incluindo dar e receber bens materiais, apoio nas tarefas domésticas e cuidados, companhia ou conselhos (Finch, 1989, 2004). Nas últimas três décadas, a troca de apoio na velhice, especialmente entre pais e filhos (que nesta fase da vida usualmente assumem simultaneamente o papel de doadores e herdeiros) tem sido estudada à luz do

conceito de solidariedade intergeracional (Bengston & Roberts, 1991; Bengston, 2001). A solidariedade tem subjacentes duas dimensões (Lang, 2004): i) instrumentalidade que evidencia como pais e filhos respondem a necessidades instrumentais específicas que poderiam ser satisfeitas fora da díade pai-filho; ii) afectividade, referindo-se às emoções intensas experimentadas nesta relação. Esta perspectiva sugere que os pais idosos e os filhos constituem as principais fontes de apoio emocional e instrumental entre si (Hogan, Eggebeen & Clogg, 1995; Silverstein, Burnholt, Wenger & Bengston, 1999). Estudos realizados nas famílias contemporâneas demonstram que o apoio financeiro é mais frequente dos pais para os filhos; e que o apoio prático e emocional dado pelos filhos tende a ser igual ou a exceder aquele que é dado pelos pais (Rossi & Rossi, 1990; Kohli, 2003; Attias-Donfut & Ogg, 2005; Wall, 2005). A entreajuda (troca de apoio) é contínua ao longo do ciclo de vida familiar. Porém, observa-se uma quebra do apoio dado pelos pais (emocional e prático mas não financeiro) na fase final da vida (Rossi & Rossi, 1990; Cooney & Uhlenberg, 1992), ao passo que os filhos tendem a manter ou a aumentar o apoio dado aos pais idosos (Rossi & Rossi, 1990; Finch, 1989, 2004).

O modelo da solidariedade intergeracional pressupõe que o apoio dado é influenciado pela qualidade da relação afectiva entre pais e filhos. Rossi & Rossi (1990) consideram que a proximidade afectiva na relação pais-filhos prepara e define o contexto para a frequência da interacção e da troca de ajuda. Nesta perspectiva, a entreajuda entre pais e filhos na velhice parece depender de uma “estrutura latente” (Hogan, Eggebeen & Clogg, 1993), construída em cada sistema familiar ao longo do ciclo de vida.

### **3.1.3. Herança, entreajuda e ajustamento nas famílias envelhecidas**

Estudos acerca das transmissões intergeracionais têm vindo a sugerir que a herança constitui um elemento central no sistema de trocas e entreajuda familiar (Finch, 1989, 2004; Wall, 2005). Sussman *et al* (1970, 1985) defendem que a transmissão da herança revela um padrão relacional e de conexão intergeracional na família: os pais ajudam os filhos; quando os filhos atingem a maioridade, assumem a responsabilidade de ajudar os pais idosos e são recompensados através da transmissão da herança. O processo implica



igualmente o estabelecimento de reciprocidade: o doador distribui os seus bens tendo em conta as actuais trocas de cuidados, apoio prático ou de bens materiais. Porém este padrão de reciprocidade desafia os papéis e regras familiares: doadores e herdeiros têm de aprender a dar e receber, reajustando a sua relação, o que pode constituir uma fonte de tensão emocional (stress) para a família.

Com efeito, as opções tomadas na transmissão (e partilha) da herança parecem ter implicações relacionais muito significativas no bem-estar familiar. Os pais (doadores) tendem a optar por padrões de distribuição que protegem a harmonia das relações familiares, por exemplo, distribuir os bens em partes iguais (Drake & Lawrence, 2000) uma vez que os conflitos em torno da herança estão usualmente centrados em desacordos com estratégias de distribuição (Sussman *et al.*, 1970; Stum, 2000). Mais recentemente outros estudos revelam que os doadores podem usar a herança para responder a necessidades específicas dos herdeiros e às suas circunstâncias de vida (Drake & Lawrence, 2000).

Estudos sobre as relações intergeracionais referem que as trocas entre os pais idosos e os filhos são centrais para o desenvolvimento e o bem-estar (Sussman, 1985; Rossi & Rossi, 1990; King & Wynne, 2004), representando estratégias adaptativas para enfrentar os desafios relacionados com o envelhecimento (Katz *et al.*, 2003; Lang, 2004). A adaptação bem sucedida na fase final da vida parece depender do estabelecimento de transmissões que sejam mutuamente benéficas para a geração idosa e para as gerações mais jovens da família; ou seja, à medida que se tornam receptores da ajuda dos filhos, os mais idosos continuam a oferecer várias formas de apoio aos seus filhos e netos (King & Wynne, 2004). Contrariando posições mais tradicionais, os idosos actuais tendem a encarar as transmissões financeiras na família como um processo de troca (relações simétricas e recíprocas) em que filhos adultos e os pais idosos se ajudam mutuamente sempre que uma das partes necessita e a outra tem os recursos para ajudar (Iecovich & Lanrkri, 2002). Kim & Kim (2003) sugerem que os idosos, assim como as gerações mais jovens da família, valorizam mais as relações intergeracionais baseadas na ajuda e apoio mútuo (reciprocidade) do que as relações baseadas na norma tradicional de obrigação/responsabilidade filial. Contudo existem variações: nas famílias portuguesas

parece existir uma tendência para desvalorizar as expectativas de contribuição material dos filhos; por exemplo, receber ajuda financeira dos filhos pode despertar nos pais idosos sentimentos de menos-valia (Patrão & Sousa, 2009); contudo as mulheres com pouca escolaridade e as camponesas continuam a valorizar e a ter expectativas de que filhos sejam um apoio moral e material na velhice (Cunha, 2005).

### **3.2. OBJECTIVOS**

A literatura realça como pais e filhos (doadores e herdeiros) adoptam diferentes estratégias para dar e receber apoio, incluindo as heranças materiais, e como estes diferentes padrões de troca e entreajuda podem ter implicações na satisfação familiar e individual. Contudo, a natureza das trocas e da entreajuda (emocional, financeira e prática) entre doadores e herdeiros permanece indefinida. Este estudo procura aprofundar o conhecimento sobre o processo de herança, explorando as dinâmicas de entreajuda (emocional, financeira e prática) entre doadores e herdeiros e suas implicações na satisfação com a vida (individual e familiar). Especificamente procura explorar: i) perfis do processo de transmissão da herança na família; ii) dinâmica e padrões de apoio emocional, financeiro e prático entre doadores e herdeiros; iii) como esses processos poderão estar a contribuir para a satisfação familiar e individual. Espera-se que os resultados contribuam para expandir o conhecimento sobre as relações intergeracionais e o funcionamento familiar na velhice. Por outro lado, os resultados apontam para factores que contribuem para a satisfação relacional entre doadores e herdeiros, sugerindo temas específicos para melhorar ou desenvolver guiões para intervenção com pessoas idosas e as suas famílias.

### **3.3. METODOLOGIA**

#### **3.3.1. Instrumentos**

O estudo baseia-se na administração de questionário (similar) a duas subamostras independentes de doadores e herdeiros (Tabela 2.1).

Tabela 2.1. Herança e dinâmicas de entreeajuda na velhice: descrição e operacionalização das variáveis

Variável	Doadores	Herdeiros
<b>1. Dados sociodemográficos dos participantes:</b> idade, sexo, estado civil, residência (rural, peri-urbana, urbana), percepção do rendimento económico mensal (como avalia a sua situação financeira no final do mês?; 1 - muito insuficiente a 5 - mais do que suficiente).		
<b>2. Perfis de transmissão da herança</b>		
2.1. Herança(s) recebida(s)	Já recebeu uma herança ( <i>sim, não</i> )? De quem? Há quanto tempo? O que recebeu?	
2.2. Herança futura		
Expectativas em relação à herança	Espera deixar uma herança ( <i>sim, não</i> )? O quê?	Espera receber uma herança ( <i>sim, não</i> )? O quê?
Pares no processo de herança	Quem são os seus herdeiros? (parentesco, idade, sexo, estado civil, distância geográfica).	Quem são os seus doadores? (parentesco, idade, sexo, estado civil, distância geográfica).
Planeamento da herança	Já começou a preparar a sua futura herança? ( <i>sim, não</i> ); Como ( <i>transmissão, doação, outro</i> )?; Quem participou na tomada de decisões? As decisões foram unânimes? ( <i>sim, não</i> ); quem discordou?	Os seus futuros doadores já começaram a preparar a sua herança? ( <i>sim, não</i> ); Como <i>testamento, doação, outro</i> ? Quem participação na tomada de decisão? ( <i>sim, não</i> ) As decisões foram unânimes? ( <i>sim, não</i> ) Quem discordou?
Padrões de distribuição	Como espera/gostaria que os seus bens fossem partilhados entre os herdeiros? ( <i>em partes iguais; partes desiguais, como?</i> )	Como acha que devem ser partilhados os bens entre os herdeiros? ( <i>em partes iguais, em partes desiguais, como</i> )
2.3. Conflitos na herança	Na sua família se gerou algum conflito em relação à herança? O que motivou o conflito e quem está envolvido?	
<b>4. Proximidade afectiva (intimidade percebida)</b>	Sente-se íntimo/próximo dos seus herdeiros? (1 – nada a 5 – muito íntimo)	Sente-se íntimo/próximo dos seus doadores? 1 – nada a 5 – muito íntimo)
<b>3. Apoio recebido/dado</b>		
Percepção do apoio recebido e dado entre doadores e herdeiros; três tipos de apoio: emocional, financeiro e prático.	Recebe/dá apoio (emocional, financeiro, prático) aos/dos seus herdeiros? (1 - nenhum to 5 - muitíssimo)	Recebe/dá apoio (emocional, financeiro, prático) aos/dos seus doadores? (1 - nenhum a 5 - muitíssimo)
<b>5. Satisfação</b>		
Family satisfaction ( <i>Family Satisfaction</i> , Olson <i>et al.</i> , 1992; versão portuguesa de Serra, Firmino, Ramalheira & Canavarro, 1990)		
Avalia a satisfação dos elementos da família em duas dimensões do funcionamento familiar (coesão e adaptabilidade). Compreende 14 itens (escala de Likert de 5 pontos: 1-“insatisfeito” a 5 – “extremamente satisfeito”). A consistência interna é na versão original de 0.80). A consistência interna neste estudo é: escala global= 0,94; coesão= 0,89; adaptabilidade= 0,90.		
Satisfação familiar com os assuntos financeiros		
Pensando na sua família, indique usando uma escala de 1 (“insatisfeito”) a 5 (“extremamente satisfeito”), o seu grau de satisfação em relação: 1-“a forma como as questões financeiras são resolvidas”; 2- “a sua participação nas questões financeiras”; 3- “o modo como o dinheiro é governado”). Os valores de consistência interna revelaram-se satisfatórios (alpha de Cronbach= 0,91).		
Satisfaction with life ( <i>Satisfaction with life Scale</i> , SWLS, Diener <i>et al</i> , 1985; versão Portuguesa, Simões, 1992).		
Compreende cinco itens organizados numa escala de Likert de 5 pontos (1-“discordo muito” a 5-“concordo muito”) (versão portuguesa). Os itens agrupam-se num factor, que representa um juízo subjectivo da qualidade da própria vida. A escala revela boas qualidades psicométricas; neste estudo, a consistência interna (alpha de Cronbach) é 0,79.		

### 3.3.2. Procedimentos

Neste estudo optámos por utilizar amostras independentes de doadores e herdeiros, pois sendo um tema sensível, o emparelhamento das amostras poderia inibir respostas. Estudar um grupo de herdeiros e um grupo de doadores (não relacionados) permite comparar duas gerações (em posições contíguas do ciclo de vida), que actualmente assumem papéis complementares no ciclo da vida familiar.

A selecção dos participantes (doadores e herdeiros) realizou-se segundo um processo de amostragem por conveniência, adoptando os seguintes critérios de inclusão: i) os doadores deviam ter idade superior a 64 anos, sem incapacidade cognitiva; ii) os herdeiros deviam ter iniciado o processo de transmissão da herança material e ter pelo menos um progenitor vivo (com idade superior a 64 anos).

Os sujeitos foram identificados com a colaboração de instituições que prestam cuidados a idosos (doadores) ou através do processo bola-de-neve. No primeiro caso, as instituições foram contactadas, solicitando-lhes autorização para conduzir o estudo. A instituição nomeava um profissional para mediar a identificação de participantes. Após a identificação, esse profissional facilitava o primeiro contacto entre os participantes e a investigadora para expor os objectivos do estudo e solicitar a sua participação voluntária. Quando os sujeitos aceitavam participar era garantida a confidencialidade e, após obtenção de consentimento livre e informado, era agendada uma data para administração do instrumento de avaliação. No segundo caso, a autora identificou sujeitos de acordo com os critérios de inclusão e contactou-os directamente (depois ia solicitando aos participantes que identificassem outros sujeitos); no primeiro contacto apresentava o estudo, solicitava a colaboração voluntária e, no caso de aceitação, procedia-se à garantia de confidencialidade e obtenção de consentimento livre e informado, agendando a data para administração do questionário.

Os questionários foram administrados pela primeira autora. No grupo de doadores, a administração decorreu em contexto de entrevista (numa sala reservada cedida pela instituição ou em casa do participante), permitindo que, nas situações em que os participantes não sabiam ler ou escrever ou quando o preferiam, o investigador lesse as

questões e anotasse as respostas. No grupo de herdeiros o instrumento foi entregue pessoalmente (em casa do participante) ou via e-mail, e administrado por auto-preenchimento, sendo devolvido à autora pela mesma via. O questionário demora cerca de 25 minutos a ser preenchido, mas nas situações de administração por entrevista, o tempo de aplicação prolongou-se entre 60 a 90 minutos, pois muitos participantes idosos relatavam outros acontecimentos de vida, comentavam as suas respostas ou procuravam introduzir outros temas de conversa.

### 3.3.3. Amostra

A amostra é constituída por duas subamostras independentes: 50 doadores e 50 herdeiros (Tabela 2.2)

Tabela 2.2. Herança e dinâmicas de entreajuda nas famílias envelhecidas: amostra

	<i>Doadores</i>		<i>Herdeiros</i>	
	N=50	%	N=50	%
<b>Sexo</b>				
Feminino	37	74	29	58
Masculino	13	26	21	42
<b>Estado civil</b>				
Casado	14	28	30	60
Divorciado	3	6	8	16
Solteiro	4	8	12	24
Viúvo	29	58	0	0
<b>Escolaridade</b>				
Nunca frequentou a escola	11	22	0	0
4 anos de escolaridade	21	42	1	2
5 a 9 anos de escolaridade	5	10	5	10
Ensino secundário ou equivalente	8	16	8	16
Ensino superior	5	10	36	72
<b>Residência</b>				
Rural	14	28	5	10
Peri-urbana	13	26	20	40
Urbana	23	46	25	50
<b>Idade, situação financeira</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio-Padrão</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio-Padrão</b>
Idade	77,78	8,596	44,34	8,47
Percepção do rendimento mensal	3,36	1,03	3,58	,81

#### Diferenças estatisticamente significativas

Idade: os doadores são significativamente mais velhos do que os herdeiros ( $t = 19,60$ ;  $p = 0,000$ ). Situação conjugal:  $\chi^2(4) = 41,09$ ;  $p = 0,000$ ; Escolaridade:  $\chi^2(5) = 52,62$ ;  $p = 0,000$

Doadores e herdeiros distribuem-se de forma similar em termos de sexo e contexto de residência e apresentam perspectivas similares sobre o rendimento económico (no sentido do “pouco suficiente”/”suficiente”). A idade dos doadores é significativamente superior à dos herdeiros. A maior parte dos doadores é viúvo (58%) ou casado (28%); e os herdeiros tendem a ser casados (60%) ou solteiros (24%). Os herdeiros apresentam níveis de escolaridade superiores, predominando o ensino superior (72%) e secundário (16%); nos doadores prevalece a frequência de 4 anos de escolaridade (42%) e a ausência de escolaridade (22%).

#### **3.3.4. Análise dos dados**

A análise dos dados incluiu três fases: 1<sup>o</sup> – os dados foram analisados recorrendo a estatística descritiva, correlacional e comparativa; 2<sup>o</sup> – procedeu-se a uma análise de clusters a partir dos indicadores de proximidade afectiva e de apoio emocional, financeiro e prático (dado e recebido) para identificar padrões de entreajuda entre doadores e herdeiros; 3<sup>o</sup> – os clusters foram comparados relativamente às variáveis socio-demográficas, planeamento da herança e conflito, satisfação familiar, satisfação com a condução dos assuntos financeiros na família e satisfação com a vida.

### **3.4. RESULTADOS**

#### **3.4.1. Perfis de transmissão da herança**

##### *Perspectiva dos doadores*

82% dos doadores referem já ter recebido uma herança na sua vida, proveniente dos pais (85%) e constituída por imóveis (68%) e dinheiro (32%) (Tabela 2.3). Apenas 18% refere não ter recebido herança (ou uma pequena herança), principalmente porque os seus pais eram pobres e tinham poucos bens. Neste contexto, alguns participantes referem ter

abdicado da sua parte a favor de irmãos que cuidaram dos pais idosos, evidenciando uma dinâmica de compensação (reciprocidade) do processo de herança.

Em relação à sua herança, 98% dos doadores espera deixar algo aos herdeiros, incluindo móveis (60%), dinheiro (50%) e objectos como ouro, livros ou ferramentas (60%). Os doadores (média etária de 74,17 anos) tendem a identificar mais do que um herdeiro (média de 2,58 herdeiros), essencialmente filhos (88%), sugerindo que a transmissão tende a concentrar-se nas linhas familiares de parentesco.

Tabela 2.3 Perfis de transmissão da herança: perspectivas de doadores e herdeiros

	Doadores		Herdeiros	
	n=50	%	n=50	%
<b>1. Herança recebida (sim)</b>	41	82	27	54
<b>De quem</b>				
De um ou ambos os pais	35	85	22	81
Tios	3	7	2	7
Outros	3	7	5	15
<b>Itens recebidos</b>				
Propriedades (casa, terrenos)	28	68	20	74
Dinheiro	13	31	11	41
Objectos (jóias/ouro, mobílias)	6	15	4	15
<b>2. Futura herança</b>				
<b>2.1. Expectativa de receber uma herança (sim)</b>	49	98	36	72
<b>2.2. Contraparte na herança (herdeiros/doadores)</b>				
Filhos	43	88	0	0
Netos	4	8	0	0
Sobrinhos	3	6	0	0
Pais	0	0	41	82
Tios	0	0	5	10
Outros (esposo, amigos, instituições)	4	8	2	4
<b>2.3. Planeamento da herança</b>				
<b>Sim</b>	30	60	25	50
<b>Tipo de bens</b>				
Imóveis (casa, terrenos)	30	60	32	64
Dinheiro	25	50	10	20
Objectos (jóias/ouro, livros, ferramentas, mobílias)	30	60	8	16
<b>Como</b>				
Distribuição enquanto os doadores estão vivos (adiantamento da herança)	16	55	17	68
Aconselhamento legal (testamento, consultar um advogado)	7	24	1	4
Doação/presentes	6	21	6	24
Diálogo familiar	0	0	1	4
<b>Pessoas envolvidas na tomada de decisões</b>				
Doadores e herdeiros	17	59	20	80
Doador ou casal de doadores	11	38	4	16
Doador e outros (irmãos, advogado)	1	3	1	4

**HERANÇA E DINÂMICAS DE ENTREAJUDA NA VELHICE: CONJUGAR AS PERSPECTIVAS DE DOADORES E HERDEIROS**

	Doadores		Herdeiros	
	n=50	%	n=50	%
<b>Opções de distribuição</b>				
Partes iguais	30	60	37	74
Um herdeiro	15	30		
Partes desiguais (resposta a necessidades do herdeiro, reciprocidade)	4	8	6	12
<b>2.4. Conflitos no processo de herança (sim)</b>	11	22	2	8
Desacordo na gestão dos bens	6	55	0	0
Desacordo na divisão dos bens	5	45	2	100
<b>Pessoas envolvidas</b>				
Entre irmãos e/ou cunhados (herdeiros)	7	64	2	100
Entre doadores e herdeiros (filhos)	2	18	0	0
Primos	2	18	0	0
	<b>Média</b>	<b>Desvio-padrão</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio-padrão</b>
<b>Idade dos herdeiros</b>	45,76	10,71		
<b>Idade dos doadores</b>			74,17	6,80
<b>Nº de herdeiros/doadores</b>	2,58	1,53	1,68	1,03
<b>Distância geográfica entre doadores e herdeiros</b>	3,43	1,14	3,49	1,3

Neste momento da vida, 60% dos doadores já planeou a sua herança, optando por distribuí-la (total ou parcialmente) em vida (55%). Outras opções de planeamento envolvem aconselhamento legal, escriturar os bens ou preparar um documento (formal ou informal) para orientar a distribuição (24%) ou realizar doações/presentes (21%). Estas decisões incluíram: os doadores e seus herdeiros (59%); só o doador (por norma mães viúvas); ou o casal de doadores (quando ambos são vivos) (38%). As opções de distribuição dos bens apontam para a distribuição em partes iguais entre os herdeiros (60%) ou quando há um filho único este será herdeiro único (30%). Este planeamento nem sempre decorre pacificamente: 22% dos doadores referem conflitos, por norma entre irmãos (64%), 55% relativos à gestão dos bens em vida dos doadores (por exemplo, em relação à gestão e controlo do dinheiro) e 45% relativos a desacordos na divisão dos bens entre herdeiros (discordam da proporção e tipo de bens que cada um recebe).

*Perspectiva dos herdeiros*

Os (potenciais) herdeiros já começaram a assumir o papel: 54% já recebeu alguma herança, proveniente dos pais (81%) e composta por imóveis (74%) e dinheiro (40%) (tabela 3). Os herdeiros tendem a identificar mais de um possível doador (média de 1,68 de doadores), nas suas relações familiares, sendo 98% os pais (42% são mães viúvas). 72% dos herdeiros esperam receber uma herança que envolverá imóveis, tais como casas e



terrenos (64%), e/ou dinheiro (20%). 50% dos herdeiros referem que os seus doadores já iniciaram o planeamento da herança, centrado na divisão parcial ou total dos bens (68%) ou na doação/presentes (24%). Em 80% dos casos, os herdeiros participaram nas decisões com os doadores (por norma, mães viúvas). Tal como na subamostra de doadores, muitos herdeiros (74%) consideram que os bens devem ser divididos em partes iguais entre herdeiros. No entanto, a percentagem que prefere distribuição em partes desiguais (12%) é superior à percentagem dos doadores que considera tal opção. Em comparação com a subamostra de doadores, os herdeiros parecem ter uma experiência da herança menos conflitual, apenas 8% referem conflitos na divisão dos bens.

### 3.4.2. Padrões e dinâmicas de entreaajuda

Tabela 2.4 Dinâmicas de entreaajuda entre doadores e herdeiros

	<i>Doadores</i>		<i>Herdeiros</i>		<i>Test T</i>	
	<b>Média</b>	<b>Desvio-padrão</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio-padrão</b>	<b>T</b>	<b>p</b>
<b>Proximidade afectiva</b>	3,68	1,11	3,88	0,90	-1,238	0,222
<b>Apoio recebido</b>						
Emocional	<b>3,48</b>	1,25	3,57	1,11	-0,449	0,655
Financeiro	1,59	1,11	<b>2,7</b>	1,37	-7,485	<b>0,000</b>
Prático	1,84	1,30	2,12	1,32	-1,499	0,141
Total	6,91	2,88	8,39	3,06	-3,555	0,001
<b>Apoio dado</b>						
Emocional	<b>2,91</b>	1,53	<b>3,68</b>	0,90	-3,461	<b>0,001</b>
Financeiro	<b>2,03</b>	1,32	1,94	1,17	0,453	0,652
Prático	<b>1,83</b>	1,35	<b>2,44</b>	1,33	-3,104	<b>0,003</b>
Total	6,77	3,64	8,06	2,13	-2,447	<b>0,018</b>

Doadores e herdeiros referem sentimentos de moderada proximidade afectiva com a sua contraparte (Tabela 2.4).

Os doadores recebem principalmente apoio emocional e dão sobretudo apoio emocional e financeiro (tabela 3.4), ou seja, o apoio emocional parece recíproco, o financeiro é mais dado e prático é pouco relevante. As diferenças entre o total de apoio recebido e dado não são significativas ( $t=-0.258$ ;  $p=0.797$ ), sugerindo um padrão de reciprocidade (dão aos herdeiros em proporção semelhante ao que recebem).

Os herdeiros recebem principalmente apoio emocional e financeiro; em contraponto, dão mais apoio emocional e prático (Tabela 2.4); i.e. o apoio emocional é recíproco, o financeiro é recebido e o prático dado (eventualmente o prático e o financeiro funcionam numa troca). Não existem diferenças significativas entre apoio recebido e apoio dado ( $t=0.972$ ;  $p=0.336$ ), sugerindo que os herdeiros (tal como os doadores) colocam as trocas num padrão de reciprocidade.

### **Padrões de entreaajuda**

Os apoios (emocionais, financeiros e práticos) e a proximidade afectiva foram utilizados para calcular clusters (K-means; Euclidian Square), para doadores e herdeiros. Estes clusters representam padrões de entreaajuda (i.e., como as trocas emocionais, financeiras e práticas se organizam tendo em conta a proximidade afectiva) que: i) doadores identificam na relação com os herdeiros (perspectiva dos doadores); ii) herdeiros identificam com os doadores (perspectiva dos herdeiros). Para ambas as perspectivas foi seleccionada uma solução de 3 clusters, por melhor se adequar aos dados e se mostrar mais relevante para os objectivos em estudo (Tabela 2.5).

As variáveis que apresentam maior contribuição para a diferenciação dos clusters (Mean Square/Error Mean Square) são: para os doadores o apoio emocional e o apoio prático dado; para os herdeiros o apoio emocional, financeiro e prático e financeiro. Assim, emerge a complementaridade entre dar (doadores) e receber (herdeiros). Os clusters obtidos para doadores e herdeiros são similares, em ambos existe: um cluster em que a proximidade afectiva é baixa e as trocas são pouco relevantes; um cluster com proximidade afectiva e trocas emocionais elevadas, mas com trocas financeiras e práticas mais baixas; outro cluster com grande proximidade afectiva e elevadas trocas emocionais, financeiras e práticas.

#### *Perspectiva dos doadores*

41.67% dos doadores encontram-se no cluster “*distanciamento/baixa entreaajuda*”, caracterizando-se por receber e dar apoio emocional, financeiro e prático abaixo da

média e por sentir menor proximidade afectiva em relação dos seus herdeiros; estes doadores recebem mais apoio do que dão (Tabela 2.5). 37.5% dos doadores estão no cluster *“proximidade emocional/entreaajuda moderada”* caracterizado por receber e dar níveis médios de apoio prático e financeiro, receber e dar apoio emocional acima da média e sentir muita proximidade afectiva em relação aos herdeiros (cluster com maior similaridade entre apoio dado e recebido). 20.8% dos doadores pertencem ao cluster *“proximidade emocional/entreaajuda elevada”*, caracterizado por receber e dar apoio emocional financeiro e prático acima da média e por sentir grande proximidade afectiva em relação aos herdeiros; estes doadores dão mais apoio do que recebem.

#### *Perspectiva dos herdeiros*

46% dos herdeiros situam-se no cluster *“ajuda distante”*, caracterizado por sentir menor proximidade afectiva em relação aos doadores, por receber apoio emocional, financeiro e prático abaixo da média e por dar menor apoio emocional, embora continue a dar apoio financeiro e prático médio aos doadores; estes herdeiros dão mais apoio do que aquele que recebem dos doadores (Tabela 2.5). 32% dos herdeiros encontram-se no cluster *“proximidade emocional /entreaajuda elevada”*, referindo receber e dar apoio emocional, financeiro e prático acima da média e sentir muita proximidade afectiva em relação aos doadores; estes herdeiros recebem mais apoio dos doadores do que dão. 22% dos herdeiros pertencem ao cluster *“proximidade emocional/entreaajuda emocional”* que se caracteriza por receber e dar apoio emocional acima da média; receber e dar apoio financeiro médio, embora o apoio prático recebido e dado esteja abaixo da média (maior similaridade entre apoio dado e recebido).

#### *Influência das variáveis socio-demográficas*

A distribuição por sexo não revela diferenças significativas entre os diferentes clusters/padrões identificados, em nenhuma das subamostras. Contudo existem algumas diferenças relativamente à distribuição por idade dos herdeiros/doadores, estado civil, distância geográfica e rendimento económico (Tabela 2.5).

Os doadores no cluster *“proximidade/entreaajuda elevada”*, relativamente aos outros dois clusters, apresentam média etária inferior; também a média etária dos seus herdeiros é inferior e têm um rendimento mensal mais elevado, mas as diferenças só são significativas em relação ao cluster *“distanciamento/baixa entreaajuda”* (Tabela 2.5). Os doadores do cluster *“distanciamento/baixa entreaajuda”* são com maior frequência viúvos ( $\chi^2 (6) = 25,74$ ;  $p=0.000$ ), ao passo que os doadores do cluster *“proximidade emocional/entreaajuda elevada”* são com maior frequência casados.

Os herdeiros do cluster *“proximidade emocional/entreaajuda elevada”* apresentam a média etária inferior, os seus doadores tendem a ser mais novos (as diferenças só são significativas em relação ao cluster *“ajuda distante”*) e vivem mais perto dos seus doadores. A comparação entre frequências observadas e esperadas sugere maior frequência de herdeiros solteiros no cluster *“proximidade emocional/entreaajuda elevada”*.

#### *Influência do perfil de transmissão da herança*

A comparação entre frequências esperadas e observadas indica que os doadores do cluster *“distanciamento/baixa entreaajuda”* apresentam com mais frequência: desacordos no planeamento da herança ( $\chi^2 (6) = 25,74$ ;  $p=0.00$ ) e conflitos familiares associados à herança ( $\chi^2 (2) = 7,71$ ;  $p=0.021$ ). Provavelmente, quando os doadores se sentem menos próximos afectivamente dos seus herdeiros e estabelecem menos trocas, existe maior probabilidade de conflito.

Além disso, o mesmo cálculo de frequências observadas e esperadas revela que: i) os doadores do cluster *“proximidade emocional/entreaajuda elevada”* apresentam menor frequência de planeamento da herança; ii) os doadores do cluster *“distanciamento/baixa entreaajuda”* apresentam mais frequência de planeamento da herança, recorrendo sobretudo à distribuição (parcial ou total) dos bens em vida; iii) quando planeiam a herança, os doadores do cluster *“proximidade emocional/entreaajuda moderada”* tendem a recorrer com maior frequência à doação/presentes. A influência das opções de distribuição aponta em todos os clusters para a preferência pela distribuição em partes iguais.

Na subamostra de herdeiros verificam-se as seguintes tendências: i) no cluster *“ajuda distante”* tendem a ter recebido parte ou totalidade da herança; ii) no cluster *“proximidade emocional/entreaajuda elevada”* o planeamento da herança com maior frequência envolve a doação/presentes; iii) os conflitos são mais referidos por herdeiros do cluster *“ajuda distante”*. Tal como nos doadores, os herdeiros dos diferentes clusters evidenciam uma preferência pela partilha dos bens em partes iguais. Contudo, a comparação das frequências observadas e esperadas indica que os herdeiros do cluster *“proximidade emocional/entreaajuda emocional”* escolhem com mais frequência a distribuição em partes desiguais.

Tabela 2.5 Padrões/clusters de entreajuda entre doadores e herdeiros

Doadores								Herdeiros							
	Proximidade emocional/entreajud a elevada (n=10; 20,83%)		Proximidade emocional/entreajuda moderada (n=18; 37,5%)		Distanciamento/baix a entreajuda (n=20; 41,67%)		Scheffe test (pares de medias diferentes)		Proximidade emocional/entreajud a elevada (n=16; 32%)		Proximidade emocional/entreajuda emocional (n=11; 22%)		Ajuda distante (n=23; 46%)		Scheffe test (pares de medias diferentes)
	Média	DP	Média	DP	Média	DP			Média	DP	Média	DP	Média	DP	
Proximidade Afectiva (3,68)	4,70	0,48	4,30	0,57	2,61	0,75	1#3; 2#3	Proximidade Afectiva (3,88)	4,17	0,80	4,52	0,67	3,38	0,80	1#3; 2#3
Apoio Recebido								Apoio Recebido							
Emocional(3,49)	4,40	0,70	4,29	0,55	2,31	0,92	1#3; 2#3	Emocional (3,56)	4,34	0,75	4,32	0,64	2,67	0,79	1#3; 2#3
Financeiro (1,59)	2,30	1,49	1,71	1,24	1,11	0,39	1#3	Financeiro (2,79)	3,78	0,88	3,18	1,60	1,91	0,95	
Prático1,84)	3,45	1,38	1,71	1,18	1,15	0,40	1#2; 1#3	Prático (2,14)	3,72	0,89	1,27	0,47	1,41	0,72	1#2; 1#3
Total (6,91)	10,15	2,56	7,71	2,08	4,58	1,29	1#2; 1#3; 2#3	Total (8,39)	11,84	1,75	8,77	1,83	5,99	1,57	1#2; 1#3; 2#3
Apoio Dado								Apoio Dado							
Emocional2,91)	4,60	0,70	3,64	0,98	1,42	0,61		Emocional(3,67)	4,00	0,89	4,41	0,66	3,11	0,60	1#3; 2#3
Financeiro(2,03)	3,70	1,06	2,01	1,23	1,20	0,48	1#2; 1#3; 2#3	Financeiro(1,96)	2,44	1,36	1,91	1,30	1,61	0,84	1=2=3
Prático(1,83)	4,10	0,84	1,50	0,86	1,00	0,00	1#2; 1#3	Prático (2,47)	3,50	1,10	1,09	0,30	2,35	1,15	1#2; 1#3; 2#3
Total (6,77)	12,40	1,94	7,15	1,81	3,62	0, 91	1#2; 1#3; 2#3	Total (8,06)	9,94	2,08	7,41	1,28	7,07	1,62	1#2; 1#3
Idade (77,83)	68,90	4,43	78,94	8,99	81,30	7,19	1#2; 1#3	Idade (44,34)	40,19	9,85	42,73	6,57	48	6,78	1#3
Idade dos Herdeiros (45,76)	41,55	11,34	41,92	9,51	51,33	9,29	1#3; 2#3	Idade dos Doadores (74,17)	71,13	7,16	73,56	6,29	76,59	6,08	1#3
Distância Geográfica(3,43)	2,90	1,37	3,51	1,04	3,62	1,08	1=2=3	Distância Geográfica (3,49)	3,06	1,39	4,45	0,93	3,33	1,20	1#2
Rendimento Económico (3,38)	4,00	0,47	3,50	0,86	2,95	1,23	1#3	Rendimento Económico (3,58)	3,75	0,78	3,73	0,79	3,39	0,81	1=2=3
Satisfação Familiar								Satisfação Familiar							
Coesão (3,21)	3,84	0,57	3,44	0,56	2,71	0,93		Coesão(3,07)	3,49	0,59	3,23	0,63	2,71	0,59	1#3
Adaptabilidade (3,18)	3,93	0,72	3,39	0,60	2,62	0,96	1#3; 2#3	Adaptabilidade (3,15)	3,49	0,63	3,45	0,80	2,78	0,58	
Global (3,20)	3,88	0,62	3,42	0,56	2,67	0,93		Global (3,11)	3,49	0,59	3,34	0,69	2,74	0,56	1#3; 2#3
Assuntos Financeiros(3,10)	4,07	0,68	3,35	0,60	2,40	1,09	1#3; 2#3	Financial matters (3,26)	3,42	0,86	3,76	0,99	2,91	0,78	2#3
Satisfação com a Vida (3,23)	3,36	0,43	3,40	0,87	3,03	0,98	1=2=3	Satisfação com a Vida (3,39)	3,51	0,94	3,47	0,84	3,26	0,89	1=2=3

### 3.4.3. Padrões de entreajuda, satisfação familiar e satisfação com a vida

#### *Doadores*

Na satisfação com a vida familiar: os doadores do cluster *“distanciamento/baixa entreajuda”* (comparativamente aos outros clusters) apresentam valores mais baixos (menor satisfação) na coesão, adaptabilidade e satisfação familiar (escala global) (tabela 5). Há a tendência para que os doadores do cluster *“proximidade emocional/entreajuda elevada”* apresentem médias ligeiramente superiores (maior satisfação) em ambas as dimensões e na escala global, realçando a importância da proximidade emocional e das trocas emocionais (mas não das práticas e financeiras) entre doadores e herdeiros na satisfação familiar.

A satisfação com os assuntos financeiros dos doadores no cluster *“distanciamento/baixa entreajuda”* é significativamente mais baixa do que nos outros dois clusters (Tabela 2.5). Provavelmente, é a existência de proximidade emocional e trocas emocionais elevadas que facilita a satisfação com a condução dos assuntos financeiros.

As médias para a satisfação com a vida apresentam valores similares e moderados nos clusters identificados (Tabela 2.5), sugerindo que os padrões de entreajuda/apoio têm pouca influência no juízo sobre a satisfação com a vida.

#### *Herdeiros*

Os herdeiros *“ajuda distante”* apresentam valores de satisfação familiar mais baixos do que os herdeiros dos outros clusters (Tabela 2.5), mas apenas diferem significativamente dos *“proximidade emocional/entreajuda elevada”*. Os herdeiros do cluster *“proximidade emocional/entreajuda elevada”* apresentam médias de satisfação familiar global, satisfação com a coesão e satisfação com a adaptabilidade ligeiramente superiores às dos *“proximidade emocional/reciprocidade emocional”*, mas as diferenças nunca são significativas, o que enfatiza a importância da proximidade emocional e da reciprocidade do apoio emocional na satisfação familiar.

Os herdeiros do cluster *“ajuda distante”* apresentam os valores mais baixos de satisfação com os assuntos financeiros na família (Tabela 2.5), mas a diferença só é significativa em

relação aos herdeiros pertencentes ao cluster “*proximidade emocional/entreaajuda emocional*”, evidenciando que a proximidade emocional e as trocas emocionais presentes neste último grupo contribuem para a satisfação.

As médias para a satisfação com vida apresentam valores similares e moderados nos clusters (Tabela 2.5), sugerindo que os padrões de entreaajuda/apoio entre doadores e herdeiros têm uma influência pouco significativa no juízo sobre a satisfação com a vida.

### **3.5. DISCUSSÃO**

Os resultados sugerem que doadores e herdeiros detêm perspectivas semelhantes sobre o processo de transmissão da herança e sobre a organização das suas relações de entreaajuda (emocional, financeira e prática). Esta semelhança apoia a complementaridade entre os papéis de doador e herdeiro. Além disso, reforça que a herança tende a emergir na vida familiar como um desafio normativo (esperado, comum e associado a vicissitudes de desenvolvimento da geração mais idosa) no qual se organizam novos papéis (pais e filhos assumem o papel, respectivamente, de doadores e herdeiros) e funções familiares (por exemplo transmitir/receber o legado e reorganizar a entreaajuda entre doadores e herdeiros).

#### **3.5.1. Perfis de transmissão da herança: pessoas, momentos e partilha dos bens**

Os resultados sugerem que os papéis de doador e herdeiro assumem relevo na segunda metade da vida, perante a perspectiva de perda real ou simbólica da geração mais velha (doadores). Trata-se de papéis emocionalmente relevantes, que os envolvidos desempenham e integram nas suas interações (98% dos doadores pondera deixar uma herança e 72% dos herdeiros espera receber uma herança). Contudo, o papel de herdeiro parece ir existindo ao longo a vida (os herdeiros tendem a receber mais de uma herança em momentos diferentes da vida e os doadores já foram herdeiros), mas o papel de doador envolve a aprendizagem de um papel novo e significativo: decidir que bens



transmitir, a quem, quando e como; ou seja, gerir o património familiar, das relações familiares e da sua memória e continuidade (Patrão & Sousa, 2009).

Este estudo retrata a herança como um processo cíclico na vida familiar (Sussman *et al*, 1970; Prieur, 1999), i.e. todos começamos por ser herdeiros para mais tarde nos tornarmos doadores: o herdeiro, com a resolução (comportamental e emocional) da herança e o desaparecimento da geração mais velha, passa a assumir o papel de doador (sobe um degrau geracional), perpetuando o ciclo.

Os resultados indicam que transmissão tende a centrar-se nas linhas de parentesco directo: entre pais e filhos. Este padrão de transmissão pode ser encarado como o reflexo da orientação definida pela legislação portuguesa segundo a qual a hierarquia sucessória coloca como primeiros herdeiros os filhos e o cônjuge. No entanto, estudos realizados noutros contextos legais, onde existe liberdade de testamento ou em famílias reconstituídas (Finch *et al*, 1996; Coleman & Ganong, 1998;), salientam esta mesma orientação biológica e familiar, sublinhando a existência de um princípio de linhagem e protecção familiar na transmissão da herança.

No processo de transmissão estão envolvidos diversos protagonistas. Os resultados sugerem que a herança envolve cerca de 4 pessoas: 2 doadores (por norma, os pais) e 2 herdeiros (em geral, os filhos) Ou seja, as heranças envolvem sistemas de interacção que compreendem as interacções: doador-doador; doador/es-herdeiro/s e herdeiro/s-herdeiro/s. Assim evidencia-se a complexidade relacional do processo pois a transmissão (e as suas implicações relacionais, como conflitos ou ressentimentos) têm de ser geridas neste sistema de múltiplas interacções, abrangendo valores, necessidades e expectativas (nem sempre coincidentes) dos protagonistas. Assim, apesar da definição legal da herança a situar após a morte do doador, os resultados evidenciam que a transmissão da herança tende a iniciar-se em vida.

Os dados indicam que doadores e herdeiros tendem a tomar decisões sobre a transmissão da herança em conjunto para garantir a harmonia familiar (por exemplo, procurando aconselhamento legal), velar pelo bem-estar de quem fica (antecipando ajuda financeira aos herdeiros) ou concretizando a passagem de testemunho (financeiro) à geração mais nova (herdeiros). Convém notar que 42% dos doadores (a quem cabem

decisões de transmissão) são mães viúvas, o que pode constituir um desafio familiar importante porque as mulheres (pelo menos nas actuais gerações idosas) estão menos habituadas a lidar com as questões financeiras e poderão mais facilmente optar por passar o testemunho financeiro aos herdeiros. Deste modo, a herança na vida familiar e individual assume uma concepção diferente da definição legal, pois inclui: i) transmissões em vida (grandes ajudas financeiras) com valor real e simbólico de herança (ou antecipações da herança); ii) a organização das relações de suporte entre doadores e herdeiros (assumir as responsabilidades financeiras é uma forma de ajuda).

Quando existe mais de um herdeiro possível (30% dos doadores têm apenas um herdeiro), os resultados evidenciam que a maior parte dos doadores (60%) e herdeiros (74%) elege a partilha dos bens em partes iguais, aderindo ao disposto pela legislação portuguesa que prevê que a transmissão dos bens se faça em partes iguais entre os herdeiros (o doador dispõe apenas de 1/3 dos bens para doar livremente). A igualdade é o princípio de partilha mais frequente, mesmo quando o doador tem liberdade de testamento (Sussman *et al*, 1970; Finch *et al*, 1996; Drake & Lawrence, 2000), indicando que a igualdade representa um valor especial na herança (distinguindo-a de outras transmissões materiais na família). Não obstante, os herdeiros salientam princípios que contrariam a igualdade, em especial a resposta a necessidades específicas dos herdeiros, parecendo evocar o papel de cuidador e a responsabilidade familiar do doador (aproximando-a de mais uma ajuda financeira).

Neste estudo emergem poucos relatos de conflitos associados à herança (17% dos doadores e 2% dos herdeiros relatam conflitos), sugerindo que processo de transmissão da herança decorre com baixa prevalência de conflitos. Provavelmente para os herdeiros os conflitos tendem a ser vividos mais internamente (ressentimentos) do que de forma aberta (Finch, 1989) e doadores e herdeiros procurarão negar essas dificuldades para proteger a honra/respeito da família (Patrão & Sousa, 2009) ou para se defenderem da conotação negativa que o apego e a disputa pelos bens têm na sociedade. Os conflitos assumidos, sobretudo pelos doadores, tenderão a ser aqueles de maior gravidade quando ocorre ruptura das relações familiares. Em consonância com outros estudos (Sussman *et al*, 1970; Stum, 2000; Drake & Lawrence, 2000), os conflitos tendem a centrar-se em

desacordos acerca das estratégias de partilha, evidenciando a dificuldade em conciliar os conceitos (subjectivos) de justiça dos diferentes intervenientes (por exemplo, justo pode ser igual, responder em reciprocidade ou ao mérito).

### **3.5.2. Entreaajuda entre doadores e herdeiros**

Os resultados apontam para um padrão de reciprocidade nas trocas de apoio entre doadores e herdeiros. O apoio emocional é recíproco. O apoio financeiro (mais relevante para os herdeiros) e o apoio prático (mais significativo para os doadores) parecem também funcionar numa troca recíproca que procura dar resposta às necessidades específicas dos doadores e herdeiros nesta fase da vida. Os doadores fazem mais transmissões financeiras aos herdeiros para os apoiar; os herdeiros respondem reciprocamente dando mais suporte prático. Assim, os resultados contrariam o mito do abandono do idoso pela família e uma perspectiva pessimista sobre as relações intergeracionais, pois evidenciam a continuidade (embora com uma nova organização) dos apoios entre doadores e herdeiros na fase final do ciclo da vida familiar (Rossi & Rossi, 1990; Cooney, 1999).

#### *Padrões de entreaajuda*

Os padrões de entreaajuda identificados pela análise de clusters representam diferentes modos de organização dos apoios (emocional, financeiro e pratico) entre doadores e herdeiros, tendo por base a proximidade afectiva. Os resultados indiciam que a proximidade afectiva influencia a organização (e a percepção) das trocas emocionais (a coesão e a proximidade constroem-se ao longo da vida), mas não é condição necessária para que ocorram trocas financeiras ou práticas, talvez porque este tipo de ajuda responde a um sentido de reciprocidade, protecção e responsabilidade pelas necessidades da família (Rossi & Rossi, 1990; Finch, 1989).

No entanto, mais do que diferentes estilos de reciprocidade, estes padrões parecem representar fases na relação entre doadores e herdeiros e no processo de herança. Assim, a entreaajuda entre doadores e herdeiros parece seguir um padrão que se altera ao longo

do ciclo vida familiar e que pode ser caracterizado como simétrico ou balanceado ao longo do tempo (Sussman, 1985; Hammarström, 2005), provavelmente para responder às necessidades desenvolvimentais (individuais e familiares) dos envolvidos.

A similaridade entre os padrões de entreaajuda encontrados para doadores e herdeiros permite ponderar três padrões de interação nas díades doador/es-herdeiro/s:

- a) Apoio centrado nos herdeiros (enviesamento da reciprocidade para o lado dos herdeiros): numa fase inicial, em que doadores e herdeiros são mais novos, há maior proximidade emocional, os doadores dão mais apoio (sobretudo financeiro) do que recebem; os herdeiros recebem mais do que dão; os doadores ainda vivem frequentemente em casal;
- b) Equilíbrio entre dar e receber (reciprocidade): numa idade intermédia, doadores (proximidade emocional/entreaajuda moderada) e herdeiros (proximidade emocional/entreaajuda emocional) parecem centrar as suas interações na entreaajuda emocional (associada a uma elevada proximidade emocional), associada a maior distância geográfica; apoio dado e recebido apresentam grande equilíbrio
- c) Apoio centrado nos doadores (enviesamento da reciprocidade para os doadores): quando os doadores atingem o período velhice tardia (distanciamento/baixa entreaajuda), por norma já viúvos, tendem a receber mais apoio (sobretudo prático e financeiro) dos herdeiros (ajuda distante) e a proximidade emocional tende a diminuir.

Estes resultados sublinham a riqueza e heterogeneidade dos processos de desenvolvimento (individual e familiar) na fase final da vida, e as competências da família para lidar e se adaptar às transições do ciclo vital (Schaie & Willis, 2002; King & Wynne, 2004).

### **3.5.3. Herança, entreaajuda familiar e satisfação familiar**

A herança emerge neste estudo como uma ajuda financeira significativa transmitida de pais (doadores) para filhos (herdeiros), representando um marco no ciclo de entreaajuda e funcionamento das famílias no fim da vida. Ou seja, a distribuição da herança em vida (resolução em vida) pode constituir um marco (simbólico e real) no sistema de trocas que

valida a passagem de testemunho entre as gerações e a reorganização do suporte entre doadores e herdeiros.

No entanto, a herança parece ter um significado especial no sistema de entreajuda familiar pois enquanto as trocas emocionais e práticas entre doadores e herdeiros parecem geridas pelo princípio de reciprocidade, a distribuição dos bens materiais entre os herdeiros parece reger-se pelo princípio de igualdade. O grande desafio nas famílias parece ser conciliar a gestão simultânea de heranças (baseadas no princípio da igualdade) com a de outras transmissões materiais, práticas e emocionais (baseadas na reciprocidade). A literatura (Stum, 2000; Drake & Lawrence, 2004) refere que a violação da expectativa de igualdade (mesmo no sentido da reciprocidade) está na base de muitos conflitos em torno da herança.

Este dado é ainda mais relevante porque a reciprocidade familiar têm um impacto significativo na satisfação familiar. Os resultados indiciam que apesar de o apoio (sobretudo financeiro e prático) não depender da proximidade afectiva entre doadores e herdeiros, a proximidade afectiva e as trocas emocionais influenciam positivamente a satisfação familiar. Provavelmente estão associadas à existência de maior maturidade filial (disponibilidade para receber e dar) (King & Wynne, 2004) e sentido de generatividade (fazer pela geração seguinte ou pela anterior, conforme se está no papel de herdeiro ou doador). Na ausência deste sentido de reciprocidade (mútua) as relações familiares podem imobilizar-se em papéis e padrões relacionais que já não respondem às necessidades do ciclo de vida; as relações rígidas tornam-se mais vulneráveis à desconexão à medida que doadores e herdeiros deixam de dispor de recursos emocionais e cognitivos para se adaptarem aos novos desafios (King & Wynne, 2004).

Com efeito, os dados sugerem que os (poucos) conflitos associados à herança tendem a concentrar-se nos doadores e herdeiros mais velhos (respectivamente, padrões distanciamento/baixa e ajuda distante), ou seja, aqueles que vivem uma fase de menor intimidade, entreajuda e satisfação familiar). É provável que a herança tenha acordado rivalidades antigas ou conflitos não resolvidos, agudizando-os e aumentando o risco de desconexão familiar.

#### 3.5.4. Implicações

Os resultados salientam a relevância emocional da entreaajuda e da transmissão da herança para a organização instrumental (reorganização financeira e dos cuidados, passagem de testemunho financeiro) e emocional (confronto com a mortalidade, transformação dos papéis) das relações familiares no fim da vida, corroborando a necessidade de abordar estes temas na intervenção familiar (e individual). Os próximos tópicos poderão ser utilizados como guias para abordar e facilitar a comunicação familiar acerca da organização das relações de suporte e do planeamento da herança: i) quais são as expectativas e necessidades (emocionais e financeiras) de doadores e herdeiros? ii) quais as estratégias de transmissão adoptadas e qual o grau de participação dos intervenientes nas decisões tomadas?; iii) como está a família a lidar com a passagem do testemunho financeiro?; quem está a assumir responsabilidades?; quais e como? quem detém o poder (real ou simbolicamente)? e de que forma?, iv) quais as perdas e ganhos (emocionais e económicas dos diversos elementos) e como está a família a equilibrá-los? Além disso, será fundamental explorar valores como a igualdade e a reciprocidade (e os significados associados), o que pode facilitar a descoberta de soluções mutuamente satisfatórias e abrir novas perspectivas na relação entre doadores e herdeiros e/ou entre herdeiros.

#### *Limitações e perspectivas futuras de investigação*

Os resultados deste estudo fornecem informação pertinente acerca das dinâmicas relacionais da herança, nomeadamente acerca da natureza da entreaajuda entre doadores e herdeiros e as suas implicações para o ajustamento e adaptação da família aos desafios desta fase. Contudo o estudo centra-se em expressões finais de entreaajuda familiar e não na criação destes laços familiares. Assim, consideramos pertinente que estudos futuros aprofundem os significados e valores associados à entreaajuda, especialmente à ajuda da herança, clarificando os motivos que subjazem a estes padrões e a sua construção ao longo da vida. Dada a incidência dos laços biológicos neste estudo, consideramos relevante que estudos futuros utilizem amostras mais diversificadas para expandir a

compreensão do tema em diversos estratos sócio-económicos, contextos de residência e estruturas familiares, em particular as que desafiam o contexto legal e tradicional da herança, como sejam famílias sem filhos ou divorciadas.

### **3.6. CONCLUSÃO**

A herança revela-se um marco no sistema de entreajuda e transmissão familiar (e intergeracional), contribuindo para a construção da integridade e o alcance da satisfação familiar no fim da vida. A experiência emocional da herança (construir, dar e receber um legado) apresenta uma circunscrição diferente da definição legal: embora balizada pela expectativa de perda (doença ou morte da geração mais idosa), começa a desenvolver-se em vida do doador, durante um período extenso do ciclo da vida (velhice) em que doadores e herdeiros (especialmente os doadores) aprendem a desempenhar este papéis e integrá-los no funcionamento familiar. O modo como doadores e herdeiros organizam a entreajuda familiar sublinha a complementaridade e a reciprocidade dos apoios entre as gerações e realça como a transmissão da herança responde aos desafios desenvolvimentais nesta fase do ciclo da vida (individual e familiar). Através da herança os doadores garantem a ajuda aos filhos (antes e após a morte), a sua continuidade simbólica, mas também a necessária reorganização dos recursos familiares e financeiros (e a passagem de testemunho ou sucessão geracional). Os herdeiros são confrontados com a necessidade de aceitar e participar na construção do legado, valorizá-lo e a reorganizar o seu papel cuidador e responsabilidades perante os doadores; assim como a sua relação com os outros herdeiros. Neste sentido a herança oferece-se simultaneamente como uma moratória de desenvolvimento para doadores e herdeiros, um modelo relacional e afectivo de compreensão das relações intergeracionais e um ponto focal para a intervenção familiar (e individual) nesta fase do ciclo da vida.

### 3.7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Attias-Donfut, C. & Ogg, J. (2005). European patterns of intergenerational financial and time transfers. *European Journal of Ageing*, 2: 161-173.
- Becker, G. (1974). A theory of social interactions. *Journal of political Economy*, 82(6), 1063-1093.
- Bengston, V. (2001). Beyond the nuclear family: The increasing importance of multigenerational bonds. *Journal of Marriage and the Family*, 63, 1-16.
- Bengston, V. & Roberts, R. (1991). Intergenerational solidarity in aging families: an example of formal theory construction. *Journal of Marriage and the Family*, 53: 856-870.
- Bernheim, Shleifer & Summers (1985). The strategic bequest motive. *Journal of Political economy*, 93(6): 1045-1076.
- Caputo, R. (2005). Inheritance and intergenerational transmission of parental care. *Marriage and the Family Review*, 37 (1/2): 107-127.
- Coleman, M. & Ganong, L. (1998). Attitudes toward inheritance following divorce and remarriage. *Journal of Family and Economic Issues*, 19(4): 289-314.
- Cooney, T. & Uhlenberg, P. (1992) Support from parents over the life course: the adult child's perspective. *Social Forces*, 71(1): 63-84.
- Cox, D. (1987). Motives for private income transfers. *Journal of Political Economy*, 95(3), 508-546.
- Cunha, V. (2005). As funções dos filhos na família. In Wall, K. (Org) *Famílias em Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Diener, E.; Emmons, R.; Larsen, R. & Griffin, S. (1985). The Satisfaction with Life Scale (SLS). *Journal of Personality Assessment*, 49: 71-75.
- Drake, D. & Lawrence, J. (2000). Equality and distributions of inheritance in families. *Social Justice Research*, 13 (3): 271-290.
- Finch, J. (1989). *Family obligations and social change*. Cambridge: PolityPress
- Finch, J. (2004). Inheritance and intergenerational relationships in english families. In S. Harper (eds). *Families in Ageing Societies*. Oxford: Oxford University Press.
- Finch, J. et al. (1996). *Wills, inheritance and families*. Oxford: Oxford University Press.



- Henretta, J. C., Hill, M. S., Li, W., Soldo, B. J. & Wolf, D. A. (1997). Selection of children to provide care: the effect of earlier parental transfers: *The Journals of Gerontology*, 98: 1428-1458.
- Hammarstrom, G. (2005). The construct of intergenerational solidarity in a lineage perspective: a discussion on underlying theoretical assumptions. *Journal of Aging Studies*, 19: 33-51.
- Hogan, D., Eggebeen, D. & Clogg, C. (1993). The structure of intergenerational exchanges in American families. *American Journal Sociology*, 98(6): 1428-1458.
- Iecovich, E. & Lankri, M. (2002). Attitudes of elderly persons toward receiving financial support from adult children. *Journal of Aging Studies*, 16:121-133.
- Kane, R. (1996). From generation to generation. *Generations*, 20(3).
- Katz, R., Daatland, S., Lowenstein, T., Bazo, M., Ancizu, I., Herlofson, K., Mehlhausen-Hassoen, D. & Prilutzky, D. (2003). Family norms in intergenerational relations: a comparative perspective. In Vern Bengston & Ariela Lowenstein (Eds.). *Global aging and challenges to families*. New York: Aldine de Gruyter: 305-326.
- Kim, I. & Kim, C. (2003). Patterns of family support and the quality of life of the elderly. *Social Indicators Research* 63: 437-454
- King, D. & Wynne, L. (2004). The emergence of “family integrity” in later life. *Family Process*, 43(1): 7-21.
- Kohli, M. & Künemund, H. (2003). Intergenerational transfers in the family. In Vern Bengston & Ariela Lowenstein (Eds.). *Global aging and challenges to families*. New York: Aldine de Gruyter, 123-142.
- Lang, F. (2004). The filial task in midlife: ambivalence and the quality of adult children’s relationships with their parents. In K. Pillemer & K. Lüscher (eds.) *Intergenerational ambivalences: New perspectives on parent-child relations in later life*. Oxford: Elsevier.
- McGarry, K. (1999). Inter-vivos transfers and intended bequests. *Journal of Public Economics*, 73: 321-351
- Olson, D.; Portner, J. & Bell, R. (1982). *Family Adaptability & Cohesion Evaluation Scales (FACES II)*. Manual Published by the University of Minnesota Family Social Science Department.

- Patrão, M. e Sousa, L. (2009). Transmissão da herança: uma tarefa normativa das famílias envelhecidas. *Actas do II Congresso Internacional do CIDINE*, Vila nova de Gaia, Portugal.
- Rossi, A.. & Rossi, P. (1990). *Of human bonding: parent-child relations across the life course*. New York: Aldine de Gruyter.
- Schaie, W. & Willis, S. (2002). *Adult Development and Aging* (5th ed). New Jersey: Prentice Hall.
- Silverstein, M., Burnholt, V., Wenger, C. & Bengston, V. (1999). Parent-child relations among very old parents in Wales and the United States. *Journal of Aging Studies*, 12(4): 387-408.
- Simões, A. (1992). Ulterior validação de uma Escala de Satisfação com a Vida (SWLS). *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XXVI, 3: 503-515.
- Sussman, M., et al. (1970). *The family and inheritance*. New York: Russel Sage foundation.
- Sussman, M. (1985). The family life of old people. In R. Binstock & E. Shanas (eds.). *Handbook of Aging and Social Sciences*. New York: Van Nostrand Reinhold Company
- Stum, M. (2000). Families and inheritance decisions. *Journal of Family and Economic Issues*, 21 (2): 177-202

## **CAPÍTULO 4**

### **HERANÇA: (DES)ENCONTRO DOS SIGNIFICADOS E VALORES MATERIAIS DE DOADORES E HERDEIROS**

#### 4. HERANÇA: (DES)ENCONTRO DOS SIGNIFICADOS E VALORES MATERIAIS DE DOADORES E HERDEIROS

Marta Patrão\*<sup>1</sup> & Liliana Sousa<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Ciências da Saúde, universidade de Aveiro, 3810-193 Aveiro, Portugal

\*E.mail: marta.patrazo@ua.pt

##### Resumo

Este estudo procura compreender os valores de doadores e herdeiros em relação aos bens materiais e como esses valores poderão estar a influenciar a sua interacção na gestão da herança. Duas subamostras independentes de doadores (n=50) e herdeiros (n=50), responderam um questionário composto pelos seguintes instrumentos: i) Material Values Scale (Richins & Dawson, 2004); ii) Money Ethic Scale (Tang, 1995); iii) Money Belief and Behavior Scale, (Furnham, 1984); iv) valoração afectiva dos bens materiais adaptada do Método da Auto-Confrontação (Hermans, 1992). Os resultados sugerem que: i) os doadores são mais materialistas, associam os bens ao sucesso e centram-se na poupança; iii) os herdeiros são menos materialistas, relacionam os bens com a felicidade e enfatizam a poupança (mas menos). Estes valores podem despertar conflitos entre doadores e herdeiros centrados: na (des)valorização do legado material; poupança/uso do legado material; tipo e momento da transmissão. Assim, são susceptíveis de enquadrar as interacções entre doadores e herdeiros num jogo silencioso de legitimidade em que cada uma das partes procura fazer prevalecer as suas necessidades (financeiras e emocionais). O jogo pode acentuar as diferenças e o conflito ou facilitar a interacção e ajuda familiar (se as partes estiverem dispostas a renegociar as suas posições).

**Palavras-Chave:** famílias no fim da vida, herança, significados e valores emocionais dos bens materiais

#### 4.1. INTRODUÇÃO

Os bens materiais (incluindo o dinheiro) e os afectos tendem a ser considerados aspectos distintos das relações familiares. Contudo esta é uma expectativa irrealista pois o dinheiro/bens materiais e os afectos coexistem no dia-a-dia de todas as famílias. A herança (transmissão de bens materiais entre doadores e herdeiros, usualmente pais e filhos) constitui um bom exemplo de como o amor e o dinheiro (bens materiais) se relacionam na vida familiar: envolve aspectos financeiros (transmissão material, decisões financeiras) e afectivos (valores emocionais da transmissão e dos bens transmitidos, prestação de cuidados, apoio familiar), conjugando-os de uma forma única na vida familiar. Constitui-se assim como um dos temas mais sensíveis e ambivalentes na vida familiar. Doadores e herdeiros enfrentam a resolução da herança num momento de crise em que ambas as gerações respondem a desafios económicos e emocionais específicos (Patrão & Sousa, 2009): os doadores lidam com perdas físicas e emocionais (de entes queridos e amigos, de saúde, de estatuto) e tensões financeiras (ex. despesas médicas); os herdeiros enfrentam responsabilidades financeiras acrescidas associadas à carreira profissional, educação e cuidados dos filhos, envolvimento e participação social. Ambas as gerações enfrentam estes desafios num momento em que se vêm envolvidos na mudança dos seus papéis e funções familiares: os doadores tendem a transmitir o testemunho financeiro para os herdeiros, os herdeiros preparam-se para os suceder. Assim, é provável que doadores e herdeiros entrem neste processo com diferentes crenças (necessidades e motivações) sobre como deve ser a sua relação, quais as decisões sobre a gestão financeira que os faz sentirem-se recompensados ou que melhor respondem às suas necessidades. Com efeito, a maior parte dos conflitos no planeamento da herança (comportamentos e decisões envolvidos no seu planeamento) deriva da discordância de valores e as crenças entre doadores e herdeiros ou entre herdeiros (Stum, 2000).

A investigação sobre as transmissões familiares (McGarry & Light, 2003; Kohli, 2003; Hayoe & Stevenson, 2007) tem vindo a enfatizar a influência dos valores, crenças e atitudes na transmissão dos bens materiais. Porém, o conhecimento sobre este processo

é escasso. Por exemplo, Stum (2000) enfatiza a necessidade de identificar valores-chave que influenciam a transmissão dos bens, sugerindo especificamente o estudo do papel desempenhado pelos bens materiais na facilitação/validação das dinâmicas familiares ligadas à herança (tais como transformação dos papéis entre os membros da família e como se relacionam com as questões do poder e controle).

Este estudo procura explorar os valores associados aos bens materiais e suas implicações na gestão da herança familiar. Os resultados são relevantes para aprofundar o papel dos bens materiais na vida individual e familiar bem como as implicações relacionais das transações materiais entre doadores e herdeiros. Deste modo poderão contribuir para expandir a intervenção (familiar e comunitária) na velhice.

#### **4.1.1. Significados e valores emocionais dos bens materiais**

O mundo material não é constituído apenas por “coisas”. As “coisas” (bens materiais) estão imbuídas de sentimentos e motivações; e, para cada pessoa, têm uma história e valores emocionais. Os sentimentos e comportamentos das pessoas em relação aos seus bens materiais derivam das suas experiências de vida, de influências da família de origem e da história e contexto social (ex. classe social, cultural, sexo). Ou seja, o mundo material de cada um resulta de uma combinação dialéctica de valores, emoções e comportamentos em relação aos bens materiais (Sousa *et al*, 2004; Shapiro, 2007; Tatzel, 2002). De acordo com esse mundo material, as pessoas têm diferentes experiências emocionais em relação aos bens: para algumas a experiência é de escassez; para outras de prosperidade e abundância; para algumas os bens representam o centro da sua existência, para outros são apenas elementos periféricos. Os bens materiais despertam uma diversa paleta de sentimentos: ansiedade, depressão, ira, desamparo, felicidade, excitação (Rubenstein, 1984), amor, zanga, compaixão, inveja (Madanes & Madanes, 1994). Na vida familiar, em particular parecem ser utilizados para expressar amor e cuidado. Na velhice estes valores emocionais (e relacionais) tendem a ser mais significativos do que o valor financeiro (Belk, 1985; Sousa *et al*, 2008).

#### **4.1.2. Materialismo: valorização dos bens materiais**

O materialismo designa, em termos globais, a importância e significado atribuído aos bens materiais. Porém têm sido propostas na literatura várias definições: um conjunto de traços de personalidade (Belk;1985), a orientação social para os bens pessoais (Inglehart, 1981 )e um valor pessoal (Richin & Dawson, 1992, 2004).

Neste estudo entende-se o materialismo como um valor pessoal, representando a importância que é atribuída à posse e aquisição dos bens materiais na prossecução de objectivos de vida (Richins & Dawson, 1992, 2004). Neste contexto, a investigação (Richins & Dawson, 1994) sugere que as pessoas menos materialistas tendem a ser mais orientadas para os valores simbólicos e relacionais dos bens e para o seu potencial hedónico; deste modo valorizam mais os bens materiais associados aos amigos e à família ou que promovem os laços interpessoais. Pelo contrário, as pessoas mais materialistas tendem a salientar os aspectos utilitários, a aparência e/ou o estatuto social dos bens; por isso dão maior importância à segurança financeira e menor às relações interpessoais; preferem gastar mais consigo do que com os outros e sentem-se menos satisfeitas com a vida (Richins & Dawson, 1992, 1994).

Csikszentmihalyi and Rochenberg-Halton (1981) chamaram a atenção para variações no materialismo longo do ciclo de vida. Segundo os autores, quando se pede a três gerações de uma mesma família para identificar os seus bens favoritos e explicar o significado que lhes atribuem, cada geração apresenta bens e significados diferentes. Na fase intermédia da vida (25-60 anos) os bens são utilizados preferencialmente para a manutenção e alcance do estatuto social (por exemplo, são utilizados para comunicar aos quem somos e as competências que possuímos), associando-se à construção da identidade pessoal (Gentry, Baker & Kraft, 1995). Na velhice, a função identitária dos bens materiais é ainda mais importante: ajudam a dar sentido ao passado porque estão associados a momentos chave da vida (Belk *et al.*, 2000; Csikszentmihalyi & Rochberg-Halton, 1981); representam uma forma de conforto e segurança pois permitem que o idoso continue a sua existência entre as coisas que lhe são familiares (Gentry, Baker & Kraft, 1995), dando-lhe ao mesmo tempo um sentimento de conforto e segurança financeira (Borglin *et al.*, 2005) e, a sua

transmissão às gerações futuras devolve-lhe um sentimento de imortalidade simbólica e preservação no tempo.

#### **4.1.3. Atitudes e comportamentos financeiros**

O modo como as pessoas utilizam o seu dinheiro exprime valores que detêm em relação aos bens materiais. O dinheiro tem funções objectivas mas também tem significados afectivos que se traduzem em atitudes e comportamentos. A investigação (Furnham, 1984; Doyle, 1992; Tang, 1992, 1993, 1995; Mitchell & Mickel, 1999) sugere 5 factores subjacentes às atitudes (e comportamentos) monetários: obsessão, retenção, poder, ansiedade e segurança. Estes factores são influenciados por variáveis como: i) normas e valores sociais e culturais (Zelizer, 1997); ii) variáveis de personalidade (Doyle, 1992); iii) experiências precoces e relações familiares (Mitchell & Mickel, 1999); iv) variáveis demográficas como o sexo, contexto de residência ou idade (Furnham, 1984; Tang, 1992, 1993). Crenças pessoais sobre como gastar e poupar o dinheiro (comportamentos monetários) são particularmente influentes na transmissão dos recursos financeiros entre as gerações e representam um dos temas mais conflituais e sensíveis nas famílias no fim da vida (Lowenstein, Hayhoe & Stevenson, 2007). Por exemplo: i) idosos que tenham maiores níveis de obsessão e ansiedade em relação ao dinheiro tendem a acreditar que o dinheiro representa segurança; e que, por isso, dinheiro não deve ser gasto em vida; assim, terão menor tendência para fazer transmissões aos filhos em vida, preferindo intensificar as trocas emocionais como forma de demonstrar o seu apoio e ajuda; idosos que vêem o dinheiro como uma forma de poder poderão recorrer as transferências materiais para os filhos como formas de influenciar o seu comportamento. Deste modo, significados e comportamentos monetários convidam ao julgamento de valores, uma vez que os pais idosos e os seus filhos podem aprovar ou reprovar os respectivos comportamentos monetários, dependendo da consistência que tiverem com os seus próprios valores.

Nas últimas duas décadas, a literatura (McGarry, 1999; McGarry & Light, 2003; Kohli, 2003; Hayhoe & Stevenson, 2007) é unânime sobre influência dos valores, crenças e



atitudes nos comportamentos monetários da família, apoiando a necessidade de aprofundar o seu papel no processo de transmissão familiar dos bens materiais, em particular na herança (McGarry, 1999; Stum, 2000; McGarry & Light, 2003).

## **4.2. OBJECTIVOS**

Este estudo exploratório foca-se nos valores emocionais que doadores e herdeiros atribuem aos bens materiais e como esses valores poderão influenciar o planeamento e gestão da herança familiar. Especificamente procura responder às seguintes questões: i) quais os valores emocionais de doadores e herdeiros em relação aos bens materiais? ii) como é que estes valores podem influenciar, de formas positivas ou negativas, a sua interacção na gestão e planeamento da herança? iii) que sistema de crenças poderá estar a organizar a interacção entre doadores e herdeiros na gestão dos bens materiais? Espera-se que os resultados contribuam para: i) esclarecer o papel simbólico e emocional dos bens materiais na vida das famílias envelhecidas; e ii) aprofundar as implicações relacionais das transacções materiais entre doadores e herdeiros, contribuindo para a intervenção (familiar e comunitária) nesta fase do ciclo da vida familiar.

## **4.3. METODOLOGIA**

### **4.3.1. Instrumentos**

Este estudo baseia-se na aplicação de um questionário com duas versões similares, uma para doadores e outra para herdeiros, diferindo apenas na formulação das questões e indicações de preenchimento. Descrevem-se seguidamente as variáveis e escalas/questões envolvidas.

### *Dados sócio-demográficos*

*Caracterização:* idade, sexo, situação conjugal, escolaridade, classe socioprofissional, contexto de residência (rural; peri-urbano; urbano); percepção do rendimento mensal (*como avalia o seu rendimento no final do mês?* 1-muito insuficiente a 5- mais do que suficiente).

### *Valores emocionais dos bens materiais*

Os valores emocionais associados a 5 tipos de bens materiais (dinheiro, casa, terrenos, móveis, objectos de uso pessoal) foram estimados recorrendo à matriz de termos afectivos sugerida por Hermans (2001) no Método da Auto-Confrontação (MAC). O método permite traçar uma representação do sistema de valores e significados do sujeito, convidando-o a: i) construir valorações em torno de acontecimentos, circunstâncias ou pessoas relevantes na história de vida (unidades de significado); ii) associar cada uma dessas valorações a um conjunto de termos referentes a afectos; e iii) discriminar, numa escala de 0 a 5, a intensidade com que associa cada afecto à valoração. Este processo permite obter quatro índices quantitativos que caracterizam as valorações afectivas do sujeito (cada um varia entre 0 e 20 pontos): **P** (positivo) - somatório dos pontos atribuídos aos termos afectivos positivos (alegria, felicidade, prazer e calma interior); **N** (negativo) - somatório dos pontos dos termos negativos (preocupação, infelicidade, desânimo, desapontamento); **O** (contacto e união) - somatório dos termos afectivos que expressam contacto e união com os outros (intimidade, carinho, amor, ternura); **S** (auto-realização) - somatório da pontuação atribuída aos termos afectivos que expressam auto-realização (auto-estima, força, orgulho e auto-confiança). Os índices P e N reportam-se ao bem-estar subjectivo e a sua diferença traduz o grau de bem-estar que a pessoa experiencia em relação a uma valoração específica:  $P > N$  representa bem-estar;  $N < P$ , indica mal-estar;  $P = N$  traduz afecto ambivalente. Os índices O e S remetem para duas motivações básicas da personalidade (relacionamento com as outras pessoas e o mundo circundante e auto-manutenção/auto-expansão) e a sua diferença traduz a sua importância relativa:  $S > O$  significa que a experiência de auto-realização é mais forte;  $O > S$

implica que o contacto com o outro prevalece; e S=O indica que as experiências coexistem.

Neste estudo os participantes foram solicitados a associar os 16 termos afectivos da lista standard (alegria, auto-estima, felicidade, preocupação, força, prazer, carinho, amor, infelicidade, ternura, auto-confiança, intimidade, desânimo, orgulho, desapontamento, calma interior) a cada tipo de bem e discriminar numa escala de 0 (não significativo) a 5 (muito significativo) a intensidade de cada associação. Nessa sequência obtiveram-se: i) índices P, N, O e S para cada um dos tipos de bens (dinheiro, casa, móveis, terrenos, objectos pessoais) (compreendidos entre 0 e 20 pontos); e ii) índices globais, relativos à soma dos pontos atribuídos aos afectos positivos (P total), aos afectos negativos (N total), aos afectos de união e contacto com os outros (O total) e aos afectos de auto-realização (S total) de todos os bens (podendo oscilar entre 0 e 40 pontos).

*Escala de Valores Materiais (Material Values Scale, versão reduzida de 9 itens – MVS; Richins & Dawson, 1992; versão portuguesa, Patrão & Sousa, 2008)*

A Escala de Valores Materiais (EVM) é um questionário de auto-preenchimento desenvolvido por Richins & Dawson (1992) com o objectivo de avaliar o materialismo como um valor. A escala mede a importância atribuída à posse e aquisição de bens materiais na prossecução de objectivos e finalidades de vida, reportando-se a três dimensões: 1) sucesso (uso dos bens materiais para avaliar o sucesso dos outros e do próprio); 2) centralidade (posição nuclear dos bens na vida do indivíduo); e 3) felicidade (crença de que os bens e a sua aquisição conduzem à felicidade e à satisfação com a vida). Este estudo recorre a uma versão reduzida da EVM desenvolvida por Richins (2004) com o objectivo de facilitar a sua utilização em contextos de investigação: é composta por 9 dos 18 itens da escala original (3 por cada um dos factores da escala original), organizados numa escala de Likert de 5 pontos (1- “discordo totalmente” a 5- “concordo totalmente”). Uma pontuação mais alta representa valores materialistas mais elevados. A consistência interna desta versão é boa ( $\alpha$  de Cronbach=0.82, Richins, 2004). Para a utilização da escala neste estudo utilizámos o seguinte procedimento: i) a versão original foi sujeita a um processo de tradução e retroversão; ii) manteve-se a estrutura factorial da escala

original; iii) no estudo das qualidades psicométricas, a análise da consistência interna revelou valores  $\alpha$  de Cronbach mais baixos, mas satisfatórios para o uso em investigação (variações culturais subtis que implicam a sobrevalorização de uns itens em relação a outros poderão estar na base destes valores): escala global = 0.67; sucesso=0.50; centralidade= 0.51; felicidade= 0.69.

*Escala de Ética Monetária (Money Ethic Scale, versão reduzida de 12 itens, Tang, 1995, versão portuguesa, Patrão & Sousa, 2008)*

A Escala de Ética Monetária (EEM) é um questionário de auto-resposta desenvolvido por Tang (1992) para avaliar atitudes em relação ao dinheiro. Neste estudo usamos a versão reduzida (Tang, 1995) para facilitar a sua utilização em investigação: contém 12 itens numa escala de Likert de 5 pontos (1- “discordo totalmente” a 5- “concordo totalmente”). Os itens agrupam-se em 3 factores: “sucesso” (componente cognitiva, avaliação do dinheiro como sucesso, respeito, poder); “gestão do orçamento” (componente comportamental, orçamentação cuidadosa do dinheiro); e “perverso” (componente afectiva, o dinheiro é pernicioso e raiz do mal). O *score* global da escala obtém-se pela soma de todos os itens com a inversão dos itens do factor “perverso”, sendo que valores mais elevados representam atitudes mais positivas em relação ao dinheiro. A consistência interna desta versão é boa: alpha de Cronbach = 0.82 (Tang, 1995). Para a utilização neste estudo efectuou-se um procedimento similar ao descrito na escala anterior. A análise da consistência interna ( $\alpha$  de Cronbach) revelou valores satisfatórios: escala global=0.75; sucesso=0.74; gestão do orçamento=0.74; perverso=0.84.

*Comportamentos Monetários (Money Belief and Behavior Scale, MBBS, Furnham, 1984; versão portuguesa, Patrão & Sousa, 2008)*

A poupança, ansiedade e generosidade constituem aspectos da relação com o dinheiro, não inteiramente contemplados na Money Ethic Scale, por isso foram incluídos neste estudo itens da Money Belief and Behavior Scale (MBBS) centrados nesses comportamentos. A MBBS é um questionário de auto-preenchimento desenvolvida por Furnham (1984) com o objectivo de avaliar crenças e comportamentos monetários. Os

itens utilizados neste estudo são os dois com saturação mais elevada em cada das seguintes dimensões: poupança (hábitos de poupança e capacidade de gestão do dinheiro), ansiedade (pensar e preocupar-se com as questões financeiras) e não generosidade (não disponibilidade para emprestar dinheiro/contribuir para instituições de caridade). Os itens organizam-se numa escala de Likert de 5 pontos (1 –discordo totalmente; a 5- concordo totalmente). Pontuações mais elevadas revelam maior ênfase nos comportamentos monetários. A consistência interna dos itens na escala original é boa: Alpha de Cronbach  $\geq 0.60$  (Furnham, 1984). Neste estudo, seguiu-se o procedimento indicado nas escalas anteriores. A análise da consistência interna ( $\alpha$  de Cronbach) revelou valores satisfatórios (com excepção do factor não-generosidade): escala global= 0.71; poupança= 0,56; ansiedade=0.87; não-generosidade= 0.16.

#### **4.3.2. Procedimentos**

A selecção dos participantes (doadores e herdeiros) realizou-se segundo um processo de amostragem por conveniência, adoptando os seguintes critérios de inclusão: i) os doadores deviam ter idade superior a 64 anos, sem incapacidade cognitiva; ii) os herdeiros deviam ter iniciado o processo de transmissão da herança material na família e/ou ter pelo menos um dos progenitores vivo com idade superior a 64 anos.

Os sujeitos foram identificados com a colaboração de instituições que prestam cuidados a idosos (doadores) ou através de um processo bola de neve baseado nas redes sociais da autora (doadores e herdeiros). No primeiro caso, as instituições foram contactadas, solicitando-lhes autorização para conduzir o estudo. A instituição nomeava um profissional para mediar a identificação de participantes. Após a identificação, esse profissional facilitava o primeiro contacto entre os participantes e a investigadora para expor os objectivos do estudo e solicitar a sua participação voluntária. Quando os sujeitos aceitavam participar era-lhes garantida confidencialidade e, após obtenção de consentimento livre e informado, era agendada uma data para administração do instrumento de avaliação. No segundo caso, foi a autora quem identificou os sujeitos de acordo com os critérios de inclusão e os contactou directamente; no primeiro contacto

apresentava o estudo, solicitava a colaboração voluntária, e, caso os sujeitos aceitassem, procedia-se à garantia de confidencialidade e obtenção de consentimento livre e informado, agendando a data para administração do questionário.

Os questionários foram administrados pela primeira autora. No grupo de doadores, a administração decorreu em contexto de entrevista (numa sala reservada cedida pela instituição ou em casa do participante), permitindo que, nas situações em que os participantes não sabiam ler ou escrever ou quando o preferiam, o investigador lesse as questões e anotasse as respostas. No grupo de herdeiros o instrumento foi entregue pessoalmente (em casa do participante) ou via e-mail, e administrado por auto-preenchimento, sendo devolvido à autora pela mesma via. Embora o questionário demorasse cerca de 25 minutos a ser preenchido, nas situações em o questionário foi administrado em situação de entrevista, o tempo de aplicação prolongou-se entre 60 a 90 minutos, pois muitos participantes idosos, relatavam outros acontecimentos de vida, comentavam as suas respostas ou procuravam introduzir outros temas de conversa.

#### **4.3.3. Amostra**

A amostra (N=100) compreende duas subamostras: doadores (n=50) e herdeiros (n=50) (Tabela 3.1).

Doadores e herdeiros distribuem-se de forma similar em termos de sexo, contexto de residência e situação residencial dos doadores (a maior parte é autónoma a residir em casa própria). Também detêm perspectivas similares sobre o seu rendimento económico (com uma apreciação no sentido do “pouco suficiente”/”suficiente”). No entanto, salientam-se algumas diferenças que reflectem diferenças de coorte no acesso à educação e na especialização profissional: na geração de doadores o acesso à educação estava restrito às classes mais diferenciadas, mas generalizou-se na geração dos herdeiros (as expectativas de mobilidade social dos filhos são um valor dominante nas relações intergeracionais em Portugal). Assim, a idade dos doadores é significativamente superior à dos herdeiros. Quanto à situação conjugal, a maior parte dos doadores é viúvo (58%) ou casado (28%); os herdeiros tende a ser casados (60%) ou solteiros (24%). Na escolaridade

verifica-se que os herdeiros têm níveis de escolaridade superiores, predominando o ensino superior (72%) e secundário (16%); nos doadores prevalece a frequência de 4 anos de escolaridade (42%) e a ausência de escolaridade (22%). Na classe socioprofissional (Aboim, Cunha & Vasconcelos, 2005): nos herdeiros ocorre maior representação das profissões intelectuais e científicas (60%) e dos serviços administrativos (22%); nos doadores predominam classes operárias (34%), serviços administrativos (14%) ou de enquadramento intermédio (14%).

Tabela 3.1 Valores materiais de doadores e herdeiros: características socio-demográficas da amostra

	Doadores		Herdeiros	
	N=50	%	N=50	%
<b>Sexo</b>				
Feminino	37	74	29	58
Masculino	13	26	21	42
<b>Situação conjugal</b>				
Casado	14	28	30	60
Divorciado	3	6	8	16
Solteiro	4	8	12	24
Viúvo	29	58	0	0
<b>Escolaridade</b>				
Nunca frequentou a escola	11	22	0	0
4 anos de escolaridade	21	42	1	2
5 a 9 anos de escolaridade	5	10	5	10
Ensino secundário ou equivalente	8	16	8	16
Ensino superior	5	10	36	72
<b>Classe sócio-profissional*</b>				
1. Empresários e dirigentes	0	0	0	0
2. Profissões intelectuais e científicas	2	4	33	66
3. Profissões técnicas/de enquadramento intermédio	7	14	2	4
4. Comerciantes independentes e pequenos patrões	4	8	2	4
5. Camponeses	4	8	0	0
6. Empregados administrativos e dos serviços	7	14	11	22
7. Empregados não qualificados	0	0	0	0
8. Operários industriais	17	34	2	4
9. Assalariados agrícolas	7	14	0	0
<b>Contexto de residência</b>				
Rural	14	28	5	10
Peri-urbano	13	26	20	40
Urbano	23	46	25	50
<b>Age and financial situation</b>				
	<b>Média</b>	<b>Desvio-Padrão</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio-Padrão</b>
Idade	77,78	8,596	44,34	8,47
Percepção do rendimento	3,36	1,03	3,58	,81

\*Aboim, Cunha & Vasconcelos (2005)

**Diferenças estatisticamente significativas:**

Idade: os doadores são significativamente mais velhos do que os herdeiros ( $t = 19,60$ ;  $p = 0,000$ ). Situação conjugal:  $\chi^2(4) = 41,09$ ;  $p = 0,000$ ; Escolaridade:  $\chi^2(5) = 52,62$ ;  $p = 0,000$ ; Classe socioprofissional:  $\chi^2(9) = 40,02$ ;  $p = 0,000$ ;

#### 4.4. RESULTADOS

##### 4.4.1. Valores emocionais dos bens materiais

Os herdeiros apresentam médias significativamente superiores para os diversos tipos de bens nos factores P (valorações afectivas positivas), N (valorações afectivas negativas) e S (auto-realização). Observam-se duas excepções: i) os doadores apresentam as valorações positivas mais elevadas em relação aos móveis; e ii) doadores e herdeiros apresentam valores similares nas valorações O (união e contacto com os outros) em relação ao dinheiro, terrenos e móveis. Em ambas as subamostras e em todos os factores, as médias são moderadas, sugerindo uma tendência para estabelecer diferenciações entre os domínios afectivo e material da vida ou um menor envolvimento com as questões materiais (sobretudo nos doadores) (Tabela 3.2).

Tabela 3.2 Valorações afectivas dos bens materiais

	<b>Positivo</b> (alegria, felicidade, prazer, calma interior)		<b>Negativo</b> (preocupação, infelicidade, desânimo, desapontamento)		<b>Contacto e união</b> (intimidade, carinho, amor, ternura)		<b>Auto-realização</b> (auto-estima, força, orgulho, auto- confiança)	
	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>
<b>Dinheiro</b>								
Doadores	6,26	6,35	4,08	4,85	2,30	4,26	5,22	5,33
Herdeiros	10,46	4,16	8,80	4,44	3,38	4,34	9,68	4,38
Test T	T=-3,91	P=,000	T=-5,08	P=,000	T=-1,26	P=,212	T=-4,55	P=,000
<b>Casa</b>								
Doadores	8,70	7,78	2,78	3,92	6,70	7,48	7,64	7,48
Herdeiros	15,00	3,84	7,50	4,74	11,28	5,64	12,78	4,05
Test T	T=-5,05	P=,000	T=-5,43	P=,000	T=-3,46	P=,001	T=-4,27	P=,000
<b>Terrenos</b>								
Doadores	3,42	5,13	1,34	2,41	2,45	4,63	3,24	4,86
Herdeiros	5,74	5,02	3,42	3,72	3,32	4,48	6,06	4,64
Test T	T=-2,287	P=,024	T=-3,32	P=,001	T=-9,51	P=,344	T=-2,97	P=,004
<b>Móveis</b>								
Doadores	4,32	6,41	1,02	1,97	3,54	6,26	3,94	5,69
Herdeiros	1,74	1,56	9,36	4,18	4,32	3,76	6,02	4,61
Test T	T=2,76	P=,007	T=-12,75	P=,000	T=-,756	P=,45	T=-2,01	P=,047
<b>Objectos pessoais</b>								
Doadores	5,46	6,62	1,46	2,57	4,61	6,76	5,64	6,48
Herdeiros	10,80	4,28	4,54	4,25	7,86	5,39	9,18	4,71
Test T	T=-4,79	P=,000	T=-4,38	P=,000	T=-2,65	P=,010	T=-3,13	P=,002
	<b>P total</b>		<b>N total</b>		<b>O total</b>		<b>S total</b>	
Doadores	28,16	26,66	10,68	11,22	19,52	24,44	25,82	24,40
Herdeiros	52,04	14,46	28,58	16,45	31,86	17,49	45,40	17,16
Test T	T=-5,52	P=,000	T=-6,35	P=,000	T=-2,90	P=,000	T=-4,64	P=,000



As valorações revelam uma organização nos factores idêntica em ambas as subamostras (Tabela 3.2): as valorações afectivas dos bens materiais que os associam à auto-realização (S) são superiores às que os relacionam com a sua união e com os outros (O); as valorações positivas (P) dos bens materiais são superiores às valorações negativas (N). Estes dados parecem indicar que: i) a relação dos bens materiais com a auto-realização (como motivação básica) é mais significativa, sendo menos relevante a dimensão relacional; e ii) os bens materiais estão associados a sentimentos positivos, ou seja, não parecem privar os sujeitos de actualizar as suas motivações básicas. Refira-se que para ambas as subamostras: i) o bem material com atribuições negativas mais elevadas, ou seja aquele que mais facilmente pode constituir um obstáculo à expressão das motivações básicas, é o dinheiro; ii) a casa é o bem investido de forma mais positiva, ou seja, aquele que melhor satisfaz as motivações básicas e onde o investimento emocional (valorações afectivas) é mais elevado; e iii) terrenos e outras propriedades são os menos valorados emocionalmente.

#### **4.4.2. Materialismo**

As médias na escala global e em cada factor, em ambas as subamostras, são moderadas (entre o “discordo” e “concordo às vezes”), indicando um materialismo (apego aos bens materiais) moderado na vida de doadores e herdeiros. Os doadores são ligeiramente mais materialistas (2.58) do que os herdeiros (2.37) (Tabela 3.3).

O sucesso é o factor com média superior nos doadores e aquele com média inferior nos herdeiros; a felicidade é o factor com média mais elevada nos herdeiros e com média mais baixa nos doadores. O factor centralidade obtém a média de valor intermédio em ambas as subamostras. As diferenças apenas são significativas para o factor sucesso: significativamente superior nos doadores. Ou seja, os doadores revelam maior tendência para serem materialistas (atribuem maior importância à posse dos bens materiais), valorizando os bens como indicadores de sucesso na vida; para os herdeiros os bens materiais parecem representar uma forma de alcançar felicidade e bem-estar.

O contexto de residência e o sexo não parecem influenciar o materialismo em qualquer das subamostras. Contudo, a idade apresenta influências: i) nos doadores correlaciona-se de forma significativa e negativa com a felicidade ( $r=-0,334$ ;  $p<0,05$ ) e com a escala global ( $r=-0,311$ ;  $p<0,05$ ) e mantém correlação negativa (não significativa) com a “centralidade” ( $r=-0,261$ ;  $p=0,067$ ); ii) nos herdeiros correlaciona-se de forma negativa com a “centralidade” ( $r=-0,415$ ;  $p<0,001$ ) e de modo positivo com o “sucesso” ( $r=0,286$ ;  $p<0,05$ ). Assim, o materialismo parece diminuir à medida que a idade aumenta. Contudo, a valorização dos bens materiais como expressão de sucesso na vida segue um percurso diferente: parece aumentar até uma certa idade, esbatendo-se em idades mais avançadas.

A diferenciação socioprofissional influencia o materialismo, sobretudo nos herdeiros: correlaciona-se de forma negativa e significativa com o “sucesso” ( $r=-0,326$ ;  $p<0,05$ ) e a “felicidade” ( $r=-0,302$ ;  $p=0,05$ ), indiciando que sujeitos com maior diferenciação escolar e profissional valorizam menos os bens materiais como expressões de “sucesso” e “felicidade”. Nos doadores esta relação exprime-se em sentido contrário: apesar das correlações não serem significativas apresentam uma tendência positiva.

Tabela 3.3 Valores Materiais (Médias e Desvios-padrão)

	Doadores (N=50)		Herdeiros (N=50)		Test T	
	Média	Desvio- padrão	Média	Desvio- padrão	T	p
<b>1.Escala de Materialismo</b>	2,58	,56	2,3778	,47	1,91	,06
Sucesso	<b>2,93</b>	,71	2,26	,61	5,02	,000
Centralidade	2,44	,67	2,36	,64	,61	,543
Felicidade	2,36	,84	<b>2,51</b>	,80	-9,39	,350
<b>2.Escala Ética Monetária</b>	3,20	,49	2,98	,40	2,42	,017
Sucesso	3,03	,60	2,78	,56	2,15	,034
Orçamento	<b>4,19</b>	,68	<b>3,45</b>	,82	4,91	,000
Perverso	3,13	1,03	2,67	1,08	2,18	,032
<b>3.Escala Crenças e Comportamentos Monetários</b>	3,18	,64	2,97	1,03	1,19	,239
Poupança	<b>3,40</b>	,99	<b>3,18</b>	1,11	3,80	,000
Ansiedade	2,78	,96	2,62	2,01	,51	,612
Não Generosidade	2,77	,69	3,12	,68	-2,54	,013

#### 4.4.3. Ética Monetária

As médias para os factores sucesso e perverso, em ambos os grupos, são moderadas (entre o “concordo um pouco” e o “discordo”). No factor “orçamento” as médias são superiores indicando uma tendência de resposta entre “concordo” e “concordo muito”. As médias são para a escala global e em cada um dos factores sempre significativamente superiores nos doadores (Tabela 3.3). Ou seja, os doadores parecem ter uma atitude global mais positiva em relação ao dinheiro do que os herdeiros. Contudo, ambos valorizam principalmente os aspectos comportamentais (gestão do orçamento), parecendo reger-se por um uso cauteloso e racional do dinheiro, mas os doadores obtêm uma média significativamente superior, parecendo extremar as atitudes.

O segundo factor com média mais elevada é nos doadores o factor perverso, ou seja o potencial mais negativo do dinheiro; para os herdeiros é o sucesso (Tabela 3.3). Como factor com média inferior emerge o sucesso nos doadores e o perverso nos herdeiros.

Os contextos de residência e o sexo parecem não influenciar os resultados, contudo as mulheres doadoras apresentam valores tendencialmente mais elevados no factor “perverso”. A classe socioprofissional influencia a ética monetária: i) para os doadores correlaciona-se de forma negativa com o factor “gestão do orçamento” ( $r=-0,626$ ;  $p<0,01$ ) e com o factor “perverso” ( $r=-0,288$ ;  $p<0,05$ ); ii) para os herdeiros correlaciona-se de forma negativa com o “sucesso” ( $r=-0,325$ ;  $p<0,05$ ) e com o factor “perverso” ( $r=-0,344$ ;  $p<0,05$ ). Isto é, os participantes com maior diferenciação escolar e profissional parecem atribuir menor importância à gestão do orçamento e às qualidades negativas do dinheiro.

#### 4.4.4. Crenças e Comportamentos monetários

A comparação das médias (tabela 3.3.) indica que: i) os doadores apresentam médias significativamente superiores no factor “poupança”, ii) os herdeiros têm médias significativamente mais altas no factor não-generosidade; iii) os factores ansiedade e a pontuação na escala global são similares para doadores e herdeiros. A comparação das médias dentro de cada uma das subamostras revela ainda que o factor “poupança”

apresenta uma média significativamente superior: i) à “ansiedade” e à “não-generosidade”, no caso dos doadores e ii) à “não-generosidade”, no caso dos herdeiros. Ou seja, doadores e herdeiros parecem centrar as suas preocupações na poupança, com maior expressão nos doadores; os herdeiros parecem ter mais tendência para serem menos generosos.

Os contextos de residência e o sexo parecem não influenciar os comportamentos monetários de poupança, ansiedade e não generosidade. Contudo, assinala-se que os homens herdeiros são mais não-generosos do que as mulheres e, tendencialmente, enfatizam mais todos os comportamentos monetários avaliados.

A percepção do rendimento financeiro parece influenciar os comportamentos monetários principalmente nos doadores: i) a correlação é moderada, negativa e significativa com a ansiedade ( $r=-0,322$ ;  $p < 0,05$ ). A influência da idade é mais evidente nos doadores: correlaciona-se de forma negativa e significativa com a ansiedade ( $r=-0,427$ ;  $p < 0,01$ ), indiciando que nos doadores a preocupação com o dinheiro tende a diminuir com a idade.

A diferenciação socioprofissional influencia os comportamentos monetários: correlaciona-se de forma negativa com escala global ( $r=0,429$ ;  $p < 0,01$ ) e com a poupança ( $r=-0,500$ ;  $p < 0,01$ ) nos doadores; e de forma moderada e negativa com a poupança nos herdeiros ( $r=-0,333$ ;  $p < 0,05$ ). Estes dados sugerem que os sujeitos com maior diferenciação socioprofissional, tendem a valorizar menos a poupança, a manifestar menos ansiedade em relação às questões financeiras e ser mais generosos.

## **4.5. DISCUSSÃO**

### **4.5.1. Quais são os significados e valores emocionais de doadores e herdeiros em relação aos bens materiais?**

Os resultados sugerem que a experiência com os bens materiais não é apenas racional, envolvendo, para doadores e herdeiros, valores emocionais (sentimentos). Os valores

emocionais mais significativos (orgulho, auto-estima, auto-confiança, alegria) são partilhados por doadores e herdeiros, e expressam uma motivação para o sucesso/autonomia (Hermans, 1995), associando-se à competência, capacidade de realização e ao poder. Paralelamente, os bens materiais despertam preocupação (com a sua gestão e/ou obtenção), ilustrando como desempenham um papel significativo na auto-realização e validação do self (Czsientmyhalyi & Rothenberg-Halton, 1981).

Apesar de doadores e herdeiros partilharem estes valores, a intensidade dos sentimentos é diferente: os doadores parecem ter um menor envolvimento emocional com os bens, provavelmente porque na sua idade os valores associados à espiritualidade e à transcendência começam a consolidar-se (Thorsen, 1998). Para além disso, doadores e herdeiros enfatizam os seus valores materiais em sentidos diferentes: i) os doadores valorizam os bens materiais como símbolos do sucesso alcançado na vida; ii) os herdeiros associam mais à felicidade e ao bem-estar. Para os herdeiros os bens emergem com um valor mais instrumental e hedónico (responder às solicitações económicas do quotidiano) e com uma dimensão simbólica de liberdade e autonomia (proporcionar experiências agradáveis). Para os doadores os bens parecem servir para manter o seu valor pessoal, representando o sucesso alcançado com o trabalho de uma vida (permitem preservar e redefinir a identidade). Talvez por isso os doadores sejam algo mais materialistas do que os herdeiros pois na velhice a identidade parece ser função não só daquilo que se possui, mas também da capacidade que cada um tem para desenvolver e proteger aquilo que tem/conquistou (Pavia, 1993; Gentry, Baker & Kraft, 1995).

Apesar disso, doadores e herdeiros partilham uma atitude/comportamento em relação ao dinheiro: poupar. Aos portugueses tem sido atribuído um mito cultural (associado à perda do Império Ultramarino) que salienta a sua incerteza face ao dinheiro (a perda económica parece sempre eminente) e que se expressa numa grande cautela na gestão do dinheiro e na necessidade de assegurar o futuro (Araújo- Lane, 2005). Contudo, os doadores demonstram atitudes mais positivas em relação ao dinheiro e poupam mais. Provavelmente, a necessidade de controlo e de segurança financeira é maior nos idosos devido a aspectos instrumentais (necessidades e fragilidade crescente) e simbólicos (o dinheiro parece constituir um símbolo visível do sucesso na vida).

#### **4.5.2. Como é que estes valores podem influenciar a interacção entre doadores e herdeiros de forma positiva e negativa?**

Os resultados sugerem que os valores emocionais de doadores e herdeiros em relação aos bens materiais têm orientações diferentes: i) os doadores apresentam uma forma de materialismo mais tradicional caracterizada por maior retenção e apego ao dinheiro e outros bens materiais (ter/possuir) ii) os valores materiais dos herdeiros aproximam-se de uma ideologia materialista moderna (Thorsen, 1998) caracterizada por menor apego à posse e maior propensão para usufruir e adquirir bens materiais (desejar ter/adquirir). Estas diferenças de valores podem enviesar a interpretação de comportamentos e atitudes entre os dois protagonistas (doadores e herdeiros) no processo de planeamento e gestão da herança.

Daqui podem emergir alguns padrões de interacção: i) os doadores valorizam os bens materiais como sinais de sucesso, assim poderão querer manter os seus bens mais tempo, evitando distribuí-los pois simbolizam a sua identidade, representam uma ligação à sua vida e ao que conseguiram alcançar, um reduto de poder e segurança num momento de mudanças e perdas (reais e/ou sentidas); ii) os herdeiros poderão querer receber os bens antecipadamente e usá-los para alcançar maior felicidade. Este padrão revela dissonância de motivações e de necessidades entre doadores e herdeiros e nesse sentido é susceptível de criar desentendimento (Stum, 2000), sobretudo se não houver um esforço ou a capacidade de compreender os valores do outro. Contudo, este padrão pode assumir variações (que revelam sempre inconsistência entre herdeiros e doadores): os doadores poderão querer dar alguns bens aos herdeiros em vida para os ajudar e manter o legado vivo, criando significado e continuidade; e/ou os herdeiros poderão querer que os doadores usufruem dos seus bens em vida, mesmo que isso signifique deixar uma herança menos valiosa (o que para os doadores pode representar a não valorização do seu contributo).

Doadores e herdeiros são poupados, denotando tendência para a retenção do dinheiro, mas os doadores são mais poupados que os herdeiros. Estes valores contribuem para os seguintes padrões de interacção: i) os doadores poupam muito porque podem vir a

precisar, privando-se para além do que parece necessário aos herdeiros; ii) os doadores sentem-se incompreendidos pelos herdeiros e podem mesmo pensar que eles não estão a valorizar a herança que têm vindo a reservar. Ou então, numa perspectiva mais egoísta (em alternativa à anterior mais altruísta): i) os herdeiros podem querer (ou esperar) que os doadores lhes vão adiantando parte da herança, mas os doadores não o fazem porque podem vir a precisar ou acham que os herdeiros não o gastariam da forma mais adequada; ii) os herdeiros podem entender esta atitude como falta de interesse, confiança ou reconhecimento das suas necessidades (ou até das suas competências financeiras), e afastarem-se ou discutirem com os doadores. Conflitos e o distanciamento podem surgir com facilidade pois nesta fase da vida a família enfrenta tensões económicas diversas e cada uma das partes tenta responder às suas próprias necessidades e valores.

Do mesmo modo, no casal de doadores estas diferenças podem manifestar-se em divergências quanto ao timing da transmissão (por exemplo, um dos doadores pode querer reservar os seus bens e o outro pode ter o desejo de os transmitir aos herdeiros em vida), ou ao tipo e montante de ajuda a prestar aos herdeiros (por exemplo, um dos doadores tenciona vender alguns bens para realizar dinheiro e ajudar os filhos a ter um melhor nível de vida, ao passo que o outro planeia manter o seu património intacto e transmiti-lo desse modo).

Os resultados sugerem igualmente que em certos contextos sócio-económicos estes padrões de interacção podem intensificar-se: o materialismo, a importância do dinheiro e a ênfase em comportamentos monetários (como a poupança) tendem a acentuar-se com as diferenças de classe: é expectável que nas famílias com maiores necessidades económicas se torne mais difícil harmonizar valores e necessidades entre os protagonistas da herança. Serão necessários mais estudos para esclarecer esta tendência dos resultados. Mas, para além dos conflitos estes valores podem influenciar a interacção positivamente: os pais poderão querer transmitir bens materiais aos filhos para os ajudar a ascender socialmente e ter uma vida melhor (Cunha, 2005). A transmissão de dinheiro aos filhos (orientada por um desejo de mobilidade social) responderia assim simultaneamente às expectativas de doadores (sucesso) e herdeiros (felicidade).

#### **4.5.3. Que sistema de crenças poderá estar organizar a interacção entre doadores e herdeiros na gestão dos bens materiais?**

Os resultados sugerem que os valores emocionais dos bens materiais são passíveis de organizar a interacção entre doadores e herdeiros num jogo de poder e legitimação de direitos (*entitlement*) (Desmairais & Lerner, 1994) em relação ao uso e gestão dos bens materiais (“tenho mais direito, sei o que é melhor”). A legitimação e (auto)atribuição de direitos é uma característica comum das interacções governadas pelo poder. Refere-se a um conjunto de regras que são adoptadas na relação e que reflectem crenças pessoais sobre justiça relacional (conjugação entre direitos e obrigações na relação). Os direitos que cada um se outorga e auto-determina captam a percepção sobre o seu mérito pessoal e o dos outros, influenciando as decisões e os comportamentos na interacção pessoal. Alguns valores pessoais que sobressaem dos dados, e a sua possível interacção no contexto do sistema legal português, suportam este sistema de crenças. Em primeiro lugar, os resultados apontam para valores materiais que estão significativamente ligados a questões de poder (ser bem sucedido) e de necessidade (sentir-se seguro e/ou feliz), ambos centrais nas crenças pessoais sobre o que é justo na relação. Em segundo lugar, a herança é um território relacional propenso a considerações de justiça, em que os participantes tendem a escrutinar os seus direitos e a justiça que lhes é ou não feita (Stum, 2000; Drake & Lawrence, 2004). Finalmente, a lei portuguesa representa um caso particular em que o sentimento de direito (legítimo) aos bens do doador é determinante (Campos, 2008): prevê que a maior parte da herança (2/3) é devolvida aos filhos, considerando que a propriedade é mais familiar do que individual; os filhos são sempre herdeiros, e têm a expectativa (segura) de receber herança por morte do doador. Neste contexto relacional cada um dos participantes (doadores e/ou herdeiros), sente que a sua posição em relação ao uso dos bens é a mais legítima (a mais justa, a mais correcta, a mais sensata) autorizados pelas suas necessidades e/ou por direitos percebidos na relação.

Os resultados indiciam-nos que o dinheiro representa um contexto em que o julgamento moral e de valor é muito acentuado (sobretudo para os doadores, mais idosos). Assim,



para além do poder financeiro (real), o jogo envolve um poder simbólico baseado na legitimidade dos valores e ideias: quem sabe o que é melhor, quem sabe gerir melhor, quem tem razão. Contudo, como se salienta na literatura, as questões materiais e financeiras tendem a ser um tema tabu na família e as pessoas tendem a separar as relações familiares dos assuntos financeiros (Madanes & Madanes, 1994). Assim, espera-se que este jogo, em que cada se outorga direitos e atribui obrigações ao outro, seja silencioso. Seja jogado entre os doadores, entre os herdeiros ou entre doadores e herdeiros, permite que os participantes defendam os seus objectivos e necessidades emocionais e financeiras, mantendo as suas posições de poder, mas sem assumir abertamente o seu interesse nos bens materiais (corresponde ao mito da separação entre os bens materiais e as relações familiares, ou uma pressão para a desejabilidade social, uma vez que o materialismo é condenado socialmente).

No casal de doadores, este jogo pode remeter para o direito que cada um sente ter sobre os bens e a melhor forma de os gerir. Pode ocorrer um jogo de poder no casal, muito frequente nesta fase da vida (Madanes & Madanes, 1999), porque cada um sente ter direito a satisfazer as suas necessidades e desejos (acertando as contas de uma vida em comum).

Entre os herdeiros, para quem os bens valem sobretudo pela felicidade e bem-estar que permitem alcançar, o jogo relacional assenta num argumento de necessidade e no sentir-se com mais direito aos bens do doador. Sobretudo, um herdeiro pode sentir ter mais direito aos bens do que outros quando sente que deve ser reciprocado pelos cuidados prestados aos pais ou considera que têm maiores necessidades económicas. Podem emergir conflitos porque as pessoas acreditam que os outros (especialmente a família) devem cuidar delas e tomar conta das suas necessidades. Quando uma das partes sente uma discrepância entre aquilo a que sente ter direito e aquilo que recebe, podem emergir comportamentos negativos e disfuncionais para a relação. Assim, doadores e herdeiros que não se sintam reciprocados (ou respeitados nas suas necessidades e expectativas) podem procurar substituir estas emoções, utilizando ameaças, manipulações ou ainda comportamentos mais disfuncionais (ex. abuso financeiro, maus tratos e negligência para com o idoso).

#### 4.6. CONCLUSÃO

A transacção de valores entre doadores e herdeiros é crucial para entender o processo de herança e os factores que estão a enquadrar as suas interacções. Neste estudo procuramos explorar valores emocionais associados aos bens materiais por doadores e herdeiros para alcançar uma melhor compreensão de como é que os seus valores interagem e organizam a sua interacção na gestão dos bens materiais. Os valores atribuídos aos bens materiais parecem alicerçar-se numa motivação para o sucesso e a autonomia, contribuindo desse modo para a validação e desenvolvimento do self. Porém tomam orientações diferentes para doadores e herdeiros: nos doadores traduz-se numa ideologia material voltada para preservação, a segurança e a contemplação dos bens; nos herdeiros numa ideologia material de bem-estar, liberdade e realização pessoal. Esta diferença de valores pode aprisionar a sua interacção num jogo rígido em que cada um das partes se outorga direitos e concede obrigações silenciosamente, muitas vezes inconsistentes com as necessidades e desejos da outra parte. Assim, desvelar os valores e as motivações que lhe estão subjacentes permite lançar uma nova luz sobre aspectos conflituais e insatisfatórios da relação, ajudando os participantes a encontrar novas perspectivas. Ao mesmo tempo contribui para informar profissionais e famílias de potenciais dificuldades relacionais e desse modo facilitar o planeamento da herança, prevenindo problemas e conflitos no futuro.

A gestão dos bens materiais na herança (*transmitir o quê, quando, a quem, quanto*) parece implicar que doadores e herdeiros consigam pôr os seus valores materiais em perspectiva (eventualmente separando-os de outros valores relacionais envolvidos na herança) e os conciliem ou renegociem em função dos desafios relacionais (ex. renegociar o poder e as hierarquias familiares; transmissão do testemunho entre gerações) e emocionais (ex. aceitar e lidar com as perdas do envelhecimento, encarar e resolver rivalidades antigas) que se lhes colocam. Assim, embora constituam um domínio muito desafiante nesta fase da vida, os bens materiais podem criar um contexto específico para aprender a conhecer os valores dos outros elementos da família e construir relações mais fortes a longo prazo (aumento da proximidade, confiança e respeito).

Este estudo apresenta contudo limitações relevantes. A primeira delas prende-se com a amostra. Consideramos pertinente que estudo futuros utilizem amostras mais diversificadas e representativas que permitam estudar e comparar os valores materiais entre sexos e entre diferentes contextos socioeconómicos e de residência. Do mesmo modo seria importante melhorar e aprofundar os resultados obtidos através de dados qualitativos, por exemplo entrevistas ou técnicas metafóricas como os incidentes críticos, que refinem e aprofundem os valores e significados (ex. sucesso, felicidade, poupança) aqui a florados.

#### 4.6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araujo-Lane, Z. (2005). Portuguese families. In M. McGoldrick, J. Giordano & N. Garcia-Preto (eds). *Etnnicity and family Therapy*. New York: The Guilford Pres.
- Becker, G. (1974). A theory of social interactions. *Journal of Political Economy*, 82(6), 1063-1093.
- Belk, R. (1985). Materialism: trait aspects of living in the material world. *Journal of Consumer Research*, 12: 265-280.
- Borglin, G., Edberg, A. & Hallberg, I. (2005). The experience of quality of life among older people. *Journal of Aging Studies*, 19(2): 201-220.
- Csikzentmihalyi, M. & Rochenberg-Halton, E. (1981). *The meaning of things: domestic symbols and the self*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Campos, D. L. (2008). *Lições de Direito da Família e das Sucessões* (4ed). Coimbra: Almedina.
- Desmarais, S. & Lerner, J. L. (1994). Entitlements in Close Relationships. A justice-motive analysis. In Lerner, M. J & Mikula, G. (eds). *Entitlement and the affectional bond: justice in close relationships*. New York: Plenum Press
- Cunha, V. (2005). As funções dos filhos na família. In Wall, K (Org) *Famílias em Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Doyle, K. (1992). Money and the behavioral Sciences. *American Behavioral Scientist*, 35(6).
- Furnham, A. (1984). Many sides of the coin: The psychology of money usage. *Personality and Individual Differences*, 5: 501-509.

- Gentry, G., Baker, S. & Kraft, F. (1995). The role of possessions in creating, maintaining and preserving one's identity: variations over the life course. *Advances in Consumer Research*, 22: 413-418.
- Hayohe, R. & Stevenson, M. (2007). Financial attitudes and inter vivos resource transfers from older parents to adult children. *Journal of Family and Economic Issues*, 28: 123-135.
- Hermans, H. (1995). *Self-narratives: the construction of meaning in psychotherapy*. New York: The Guilford Press.
- Inglehart, R. (1981). Post-materialism in a environment of insecurity. *American Political Science Review*, 75 (December): 880-900.
- Kohli, M. & Künemund, H. (2003). Intergenerational transfers in the family. What motivates giving?. In: Vern L. Bengston & Ariela Lowenstein (Eds.). *Global aging and challenges to families*. New York: Aldine de Gruyter, 123-142.
- Madanes, C. & Madanes, C. (1994). *The secret meaning of money*. San Francisco: Jossey Bass.
- McGarry, K. (1999). Inter-vivos transfers and intended bequests. *Journal of Public Economics*, 73: 321-351.
- McGarry, K. & Light, A. (2003). Why parents play favorites: explanation for unequal bequests. *NBER Working Papers 9745*. National Bureau of Economic Research, Inc.
- Mitchell, T & Mickel, A. (1999). The meaning of money: an individual-difference perspective. *Academy of Management Review*, 24(3): 566-578.
- Patrão, M. e Sousa, L. (2009). Transmissão da herança: uma tarefa normativa das famílias envelhecidas. *Actas do II Encontro Internacional do CiDine*, Vila Nova de Gaia, Portugal.
- Patrão, M. & Sousa, L. (2008). *Validação de escalas de materialismo e comportamentos e ética monetária*. Aveiro: Universidade de Aveiro (documento policopiado).
- Pavia, T. (1993). Dispossession and perceptions of self in late stage HIV infection. *Advances in Consumer Research*, 20: 425-428.
- Richins, M & Dawson, S. (1992). A consumer values orientation for materialism and its measurement: scale development and validation. *Journal of Consumer Research*, 19 (December): 303-317.

- Richins, M. (2004). The Material Values Scale: measurement properties and development of a short form. *Journal of Consumer Research*, 31: 209-219.
- Rubenstein, C. (1981). Money and self-esteem, relationships, secrecy, envy, satisfaction. *Psychology Today*, 15 (5): 29-44.
- Shapiro, M. (2007). Money: A therapeutic tool for couples therapy. *Family Process*, 46(3): 279-292.
- Sousa, L. *et al* (2009). Material domain and life satisfaction: the elderly living alone (no prelo).
- Stum, M. (2000). Families and inheritance decisions. *Journal of Family and Economic Issues*, 21 (2): 177-202.
- Tang, T. (1992). The meaning of money revisited. *Journal of Organizational Behavior*, 13: 197-202.
- Tang, T. (1995). The development of a short money ethic scale: attitudes toward money and pay satisfaction revisited. *Personality and Individual Differences*, 19(6): 809-816.
- Tatzel, M. (2002). Money worlds and well-being: An integration of money dispositions, materialism and price-related behavior. *Journal of Economic Psychology*, 23: 103-126.
- Thorsen, K.(1998). The paradoxes of gerotranscendence: the theory of gerotranscendence in a cultural gerontological and post-modernist perspective. *Norwegian Journal of Epidemiology*, 8(2): 165-176.
- Zelizer, V.( 1997). *The social meaning of money*. Princeton: Princeton.

## **CAPÍTULO 5**

### **SIGNIFICADOS E VALORES DA HERANÇA MATERIAL: REVER E INTEGRAR O SEU SIGNIFICADO**

## 5. SIGNIFICADOS E VALORES DA HERANÇA MATERIAL: REVER E INTEGRAR O SEU SIGNIFICADO

Marta Patrão\*<sup>1</sup> & Liliana Sousa<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Secção Autónoma de Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro, 3810-193 Aveiro, Portugal

\*E.mail: marta.pat rao@ua.pt

### Resumo

A herança material (construção e transmissão do legado material) constitui uma tarefa central na velhice, envolvendo significados e processos emocionais essenciais para compreender o idoso e família no fim da vida. Este estudo encara a herança como um processo emocional e relacional, procurando explorar significados e valores emocionais da herança e o seu papel na vida individual e familiar. O estudo foi desenvolvido a partir do Método da Auto-Confrontação (Hermans & Hermans-Jansen, 1995) aplicado a uma amostra de 5 participantes (2 mulheres e 3 homens) com idade superior a 75 anos que já assumiram o papel de doadores. Os resultados sugerem que: i) os significados valores da herança material se centram na resolução da herança, na valorização do legado e da continuidade e da sucessão (transmissão de testemunho) entre gerações; ii) existe uma relação da herança com o sistema individual de valores ligado à proximidade/união familiar, realização pessoal e filosofia de vida, gestão dos cuidados/autonomia; iii) a herança actualiza simultaneamente motivações ligadas à valorização pessoal e o contacto e união com os outros. Estes resultados sublinham que a herança emerge como um ponto focal da história individual e familiar (ligação ao processo de *life review*) contribuindo na fase final da vida para a construção da identidade e da integridade do self e familiar.

**Palavras-chave:** herança; narrativas autobiográficas; processos de significação; desenvolvimento individual e familiar na velhice

### 5.1. INTRODUÇÃO

A herança material é um tema importante na vida familiar, que ganha relevo à medida que a família se confronta com a perda (real ou simbólica) da geração mais velha e com a sucessão natural entre gerações. É um processo que envolve a transmissão de bens materiais entre gerações de uma família, geralmente os pais idosos (doadores) e os filhos adultos (herdeiros). Trata-se de uma experiência familiar normativa (associada a um marcador do ciclo vital) e universal, independentemente do *background* social ou cultural e do valor económico do património (Stum, 2000; Patrão & Sousa, 2009).

A transmissão dos bens materiais entre doador e herdeiros envolve decisões relativas à gestão dos bens (o que gastar, poupar, como fazer face às despesas e à necessidade crescente de cuidados na fase final da vida) e como distribuir os bens entre herdeiros: *quando, a quem e como*. Estas decisões envolvem aspectos emocionais e relacionais, ou seja, têm implicações que vão além dos aspectos económicos: para o doador envolvem decisões sobre como quer ser lembrado após a morte e que uso dar a bens pessoais estimados, representando uma experiência relacional, associada ao *life review*, à continuidade do *self* e à preservação da identidade (Csikszentmihalyi & Rochenberg-Halton, 1980; Belk, 1988); para os herdeiros, o que recebem (ou não) transforma-se, com frequência, num sinal do (des)amor e reconhecimento do doador. Assim, a herança material ultrapassa questões legais e económicas, revelando-se um complexo fenómeno emocional e relacional: envolve lealdades, normas e obrigações familiares, permite a transmissão da história e rituais familiares e simboliza a transmissão intergeracional de poder, confiança, amor (Sussman *et al*, 1970; Kane, 1996; Stum, 2000; Patrão & Sousa, 2009).

Criar e transmitir um legado representa uma forma da pessoa concluir a sua história de vida e projectar elementos chave da sua personalidade, a partir da forma como são transmitidos da sua história de vida para as gerações futuras: as narrativas do idoso e familiares em relação à herança exprimem valores e significados familiares profundos (McAdams, 1993; Hunter & Rowles, 2004; Patrão & Sousa, 2009). No entanto, o conhecimento deste processo é ainda pouco sistemático, e o tema dos valores e



motivações envolvidos na herança e como influenciam o fim da vida permanece pouco esclarecido. Este estudo encara a herança como um processo emocional, procurando explorar, a partir de narrativas autobiográficas, significados e valores emocionais associados à herança e a sua ligação ao sistema de valores individual. Pretendemos contribuir para aprofundar o conhecimento sobre o papel da herança e a sua relação com outros processos normativos na velhice, ao nível individual e familiar. A herança material pode constituir um proveitoso instrumento conceptual e de intervenção junto das famílias envelhecidas pois representa um processo comum e associa-se a elementos centrais do desenvolvimento, como a criação de sentido e continuidade.

#### **5.1.1. Herança: uma definição**

A herança é com frequência associada à sua definição legal: a transmissão *post-mortem* de bens, direitos e obrigações entre gerações através de testamento ou por via da sucessão (Chaves, 2008). Nesta acepção significa que uma ou mais pessoas (herdeiros) serão chamadas a assumir os estatutos direitos, deveres, obrigações e propriedades de outra pessoa (doador). Esta definição salienta dois elementos da herança material: a proximidade com a morte e a dimensão material. No entanto, numa abordagem mais fenomenológica, a herança ultrapassa as fronteiras do enquadramento legal e económico. Trata-se de uma experiência emocional intensa e multifacetada que impõe uma definição mais vasta, conjugando dimensões experienciais, conteúdos (materiais, culturais, biológicos) e processos de transmissão (jurídicos, sociais, psicológicos). Hunter & Rowles (2005) definem três tipos da herança: i) biológica, relacionada com a passagem dos genes e das condições de saúde ou com a doação do próprio corpo; ii) valores, associada à transmissão de crenças, rituais, tradições e história familiar; iii) material, referindo-se à transmissão de dinheiro, bens patrimoniais, bens pessoais com elevado valor simbólico ou bens materiais convertidos em valores simbólicos. Na vivência emocional da herança, os três tipos podem coexistir e a preponderância de cada um dependerá das necessidades e objectivos pessoais, da história de vida e do sentido que o indivíduo confere à sua vida.

### 5.1.2. Herança material: relevância no desenvolvimento individual e familiar

A herança material constitui um elemento da experiência de envelhecimento (e.g. Schaie & Willis, 2002; Hunter & Rowles, 2005), pois a criação de uma herança (ou legado) assume-se como um desejo na vida adulta. Contudo para os mais idosos, criar e transmitir uma herança tende a assumir um enorme relevo: a percepção da proximidade à morte constitui um factor decisivo no desejo de criar e transmitir uma herança (Kane, 1996; King & Wynne, 2004, Marx, Solomon & Miller, 2004). A literatura neste âmbito destaca um desejo intrínseco para deixar uma herança material (Becker, 1974; Bernheim, Shleifer & Summers, 1985; Cox, 1987; Webster, 2003). Isto é, as pessoas tenderiam a organizar e construir uma herança durante a vida, reorganizando a gestão dos recursos materiais para salvaguardar a herança a transmitir na velhice. Poderia pensar-se que a relação parental pesaria mais como motivo, mas as pessoas sós e sem descendentes directos, valorizam a transmissão, envolvendo-se na criação de heranças (materiais ou simbólicas) que transmitem a outros familiares, amigos, comunidade ou sociedade. Paralelamente, o desinvestimento afectivo da herança (não há herança para deixar ou não há a quem deixar) associa-se a sentimentos de tristeza (Rubinstein, 1996) ou então à valorização de uma herança de princípios e valores (que substitui a material). Recentemente, Schaie & Willis (2002) incluíram a construção do legado (herança) no seu modelo dos estádios de desenvolvimento cognitivo na velhice, oferecendo um enquadramento conceptual para aprofundar a experiência de criação de um legado e sua transmissão.

A herança constitui uma tarefa desenvolvimental da pessoa idosa, emergindo associada ao desejo de dar sentido à vida e *sobreviver à morte*, mantendo a presença simbólica (Kane, 1996; Schaie & Willis, 2002; King & Wynne, 2004; Hunter & Rowles, 2005). A transmissão dos bens pessoais pode mesmo constituir um elemento de reconstrução do *self*, principalmente quando a distribuição ou doação de bens pessoais funciona como ritual de transição no ciclo de vida (Unruh, 1983; Price, Arnould & Curasi, 2000; Marcoux, 2001). Além disso, a transmissão da herança tem outras implicações relacionais e familiares. Com efeito, o doador assume-se frequentemente como guardião das relações familiares, usando a herança para proteger a harmonia das relações familiares,

compensar ajudas anteriores dos filhos cuidadores ou ajudar os filhos com mais necessidades (Drake & Lawrence, 2004). As decisões envolvidas na gestão e partilha dos bens colocam a família face à expectativa da perda da geração mais idosa e tocam a memória e a história da família, bem como a natureza da relação entre doadores e herdeiros. Assim, são activados temas centrais para as famílias no fim da vida, tais como o poder, a autoridade e as lealdades e mitos familiares (Boszormenyi-Nagy & Spark, 1973; Hargrave & Anderson, 1992;). Conflitos passados e presentes, alianças, preferências e rivalidades não resolvidas entre os elementos da família tendem, então, a emergir, despertando sentimentos tão diversos como amor, gratidão, culpa, orgulho, zanga, satisfação ou reconhecimento.

### **5.1.3. Herança material, identidade e história de vida**

Construir e transmitir um legado material constitui uma forma das pessoas concluírem a sua história de vida e lhe conferirem sentido. MacAdams (1993) considera que o desenvolvimento da identidade através da organização da história de vida constitui a grande (mais importante) tarefa de desenvolvimento psicossocial da vida adulta.

Diversas teorias têm abordado esta dimensão narrativa da experiência humana. A concepção da Teoria da Valoração de H. Hermans (1987, 1988, 1989; Hermans-Jansen, 1995) constitui uma das mais significativas. Esta teoria direcciona-se para os processos envolvidos na construção de significados pessoais, estudando as experiências individuais, sua ordenação numa estrutura narrativa e seu desenvolvimento no tempo. Baseia-se no pressuposto de que o indivíduo se orienta sucessivamente para diferentes partes da sua situação espaço-temporal e as articula numa história (auto-narrativa) organizada. Para explicar como as pessoas dão significado à sua existência baseia-se na metáfora de que as pessoas são *narradoras motivadas de histórias*.

O primeiro elemento desta metáfora, a história (narrativa) constitui uma forma básica de organizar a experiência e dar sentido à vida. Contar a história implica a valorização afectiva de experiências, formando valorações. As valorações são construções subjectivas de experiência pessoais (por exemplo, uma recordação preciosa, uma desilusão

amorosa), podendo ter conotações positivas (agradáveis), negativas (desagradáveis) ou ambivalentes. O segundo elemento remete para o acto de narrar; quando as pessoas narram acontecimentos das suas vidas, reflectem sobre si, considerando simultaneamente a posição do ouvinte. Esta concepção da narração baseia-se na distinção entre *I* e *Me*, num enquadramento narrativo (Sarbin, 1986): a pessoa constitui um autor (*I*) que se relaciona consigo enquanto actor ou figura narrativa (*Me*) e é parte de uma relação dialéctica em que o interlocutor (outro *I*) co-constrói a auto-narrativa. Mas, as pessoas são narradoras de histórias emocionalmente envolvidas: ao narrar a história focam-se selectivamente nos acontecimentos que são relevantes em relação aos seus motivos básicos, dos quais se destacam a procura de auto-realização e o desejo de contacto/união com os outros.

Nesta perspectiva, a herança parece constituir-se como uma narrativa (Patrão & Sousa, 2009), condensando múltiplos aspectos de desenvolvimento e da história familiar contribuindo para a revisão e integração da história de vida (*life review*). Na velhice, os bens materiais constituem âncoras de significado e referenciais espaço-temporais, pois representam simbolicamente pessoas e acontecimentos marcantes da história de vida (Csikszentmihalyi & Rochenberg-Halton, 1980; Belk, 1988). Ao construir a herança material (escolher e reunir os bens a transmitir, decidir o quê, quando e a quem vai doar), o doador está a atribuir-lhe valores e significados relacionais e afectivos, o que potencia o processo de revisão e de (re)criação de uma história de vida com sentido (e.g. Butler, 1963). Desse modo, a narrativa do doador sobre o seu legado material (o que diz a si sobre os seus bens e o que expressa aos outros, em particular aos herdeiros) permite-lhe integrar a história de vida, oferecendo-lhe coesão e consistência (MacAdams, 1993). O carácter público (e ritualizado) da herança confere-lhe um carácter de prova social, na qual o doador usa a herança material como símbolo do seu estatuto e do que conseguiu alcançar ao longo da vida. Além disso, permite-lhe expressar a generatividade (MacAdams & St Aubin, 1998), preservando a continuidade do papel parental cuidador da geração seguinte (cuidar enquanto velho e para além da morte).

## 5.2. OBJECTIVOS

Os significados e processos emocionais envolvidos na herança material (construção e transmissão do legado) são essenciais para compreender como o idoso e a sua família gerem a tarefa e o papel que desempenha nas vidas individual e familiar. Este estudo encara a herança como um processo emocional, procurando aprofundar, a partir de narrativas autobiográficas, os processos de significação associados à herança material. Especificamente procura: i) explorar significados e valores emocionais associados à herança; ii) aprofundar a experiência emocional da herança e a sua relação com o sistema de valores individuais e a história de vida (acontecimentos, pessoas ou interações relevantes). Os resultados contribuem para a compreensão do papel da herança no desenvolvimento do idoso e suas implicações nas dinâmicas familiares, alargando o conhecimento dos processos normativos nesta fase da vida. Em simultâneo permite identificar aspectos-chave na resolução emocional e instrumental desta tarefa do ciclo de vida, contribuindo para desenvolver a intervenção junto das pessoas idosas e suas famílias.

## 5.3. METODOLOGIA

O estudo adopta o Método da Auto-Confrontação (Self Confrontation Method, Hermans & Hermans-Jansen, 1995; versão portuguesa, Pereira, 2009), uma metodologia de investigação (e intervenção clínica) direccionada para o aprofundamento dos processos de construção de significado. Foi desenvolvida a partir da teoria da valoração (Hermans, 1987, 1988, 1989; Hermans & Hermans-Jansen, 1995), assente na colaboração entre investigador e participante para a reconstrução da narrativa autobiográfica (passado, presente e futuro). Este método é muito versátil, permitindo adaptações a diversas temáticas (Hermans & Hermans-Jansen, 1995; Salgado, 2003). Em virtude do seu enfoque temporal, as auto-investigações podem ser utilizadas com uma estratégia de *life review* para apoiar os idosos na compreensão de experiências de vida significativas, padrões

afectivos e conflitos ou problemas não resolvidos no passado (Lyddon & Alford, 2001). O método da Auto-Confrontação tem demonstrado índices adequados de consistência interna (alfa de Cronbach) em estudos realizados como amostras clínicas ( $.83 < r < .91$ ) e não clínicas ( $.83 < r < .90$ ) (Hermans, 1987, 1999). Neste estudo o método foi ajustado aos objectivos, introduzindo a recolha de uma narrativa pessoal da herança (tabela 1): o participante era convidado a distinguir dois posicionamentos na herança (herdeiro e doador), formulando valorações em cada uma das posições.

### **5.3.1. Instrumentos**

As entrevistas (Tabela 4.1) foram gravadas com autorização do participante e começaram com a recolha de dados sócio-demográficos: idade, anos de escolaridade formal, estado civil, número de filhos vivos, profissão anterior à reforma e local de residência (rural versus urbano). Em seguida, desenvolveram-se de acordo com protocolo de administração do Método da Auto-Confrontação (Hermans & Hermans-Jansen, 1995) com as adaptações aos objectivos deste estudo. Neste método o participante é convidado a construir o seu sistema de valorações, a partir do acto de contar e organizar a sua narrativa autobiográfica, em duas fases: i) formulação das valorações; ii) atribuir propriedades afectivas às valorações.

Tabela 4.1. Método da Auto-Confrontação: Protocolo da entrevista

Método da Auto-Confrontação			
1.1. Formulação das valorações pessoais (narrativa autobiográfica)	Estas questões procuram guiá-lo para um ou mais aspectos da sua vida que poderão ter sido muito importantes para si e que o guiarão, após alguma reflexão, a formular uma resposta.		
	Passado	Presente	Futuro
	<div>- Houve alguma coisa no seu passado que tenha sido de grande importância ou significado na sua vida e que ainda hoje represente um papel importante?</div> <div>- Houve no seu passado alguma(s) pessoa(s), experiência(s) ou circunstância(s) que tenham(m) influenciado a sua vida e que ainda afecta(m) muito a sua existência É livre de recuar no seu passado tanto quanto quiser.</div>	<div>- Existe algo na sua vida presente que seja da maior importância ou que exerça grande influência na sua existência?</div> <div>- Existe na sua vida presente uma ou mais pessoas ou circunstâncias que exerçam uma influência significativa em si.</div>	<div>- Antevê algo que venha a ser de grande importância ou influência na sua vida futura?</div> <div>- Sente que certas pessoas ou circunstâncias exercerão uma grande influência na sua vida futura?</div> <div>- Tem algum objectivo futuro que espera vir a desempenhar um papel importante na sua vida? É livre de olhar o futuro tão longe quanto deseja.</div>
1.2. Formulação das valorações da herança (narrativa da herança)	Estas questões têm como intenção guiá-lo para aspectos relacionados com a herança material na sua família que poderão ser de grande importância para si.		
	Herdeiro	Doador	
	<div>- Pense na herança material na sua família e escolha um ou mais episódios que tenham ocorrido quando foi herdeiro e que tenham sido muito significativo(s) para si. Por favor, relate com os pormenores possíveis.</div> <div>Para explorar: Quando se iniciou? Quem está envolvido? Como se desenvolveu? Qual foi o desfecho? Porque razão é importante? Identificar o tempo em que aconteceu.</div>	<div>- Agora, pense na herança material que vai deixar à sua família e colocando-se no papel de doador, escolha um episódio, circunstância ou pessoa que lhe esteja associado e que considere ser muito significativo para si. Relate com os pormenores possíveis.</div>	
2. Discriminação dos termos afectivos	Os acontecimentos da nossa vida despertam sentimentos. Para cada uma das frases que criou indique, numa escala de de 0 a 5 (0-nada; 1- um pouco; 2- de alguma forma; 3- bastante; 4- muito; 5-muitíssimo) a intensidade que lhe despertam os seguintes sentimentos: alegria, auto-confiança, ânimo, desapontamento, força, entusiasmo, proximidade, ternura, infelicidade, amor, confiança, carinho, desgosto, sucesso, impotência, felicidade.		

Na fase de formulação de valorações o participante é convidado a identificar acontecimentos e pessoas significativas na sua vida (passado, presente e futuro) e a sumariá-los em afirmações (valorações). Para facilitar a elaboração das valorações o investigador introduz um conjunto de questões abertas para maior centração nos aspectos (pessoas, acontecimentos, circunstâncias) mais relevantes do passado, presente e futuro (tabela 4.1). A pessoa tem liberdade na interpretação das questões, que servem como estímulo inicial para a exploração das experiências que considera relevantes. Identificam-se a partir daqui inúmeras unidades de significado (memórias, acontecimentos...), apoiando-se a pessoa a construir uma valoração (representativa) de cada unidade de significado que considere distinta, anotando-a por escrito.

Habitualmente a valoração assume a forma de uma frase, encorajando-se que seja formulada (e escrita) pelo participante, para garantir o ajustamento entre valoração e significado. Neste estudo os participantes formularam as suas valorações verbalmente, mas solicitaram à investigadora que as anotasse por escrito. No final do processo acrescentam-se mais duas frases, uma relativa ao estado geral (“em geral tenho-me sentido...”) e outra referente ao seu estado ideal (“idealmente gostaria de me sentir...”). Em geral, o método permite obter um mínimo de 15 valorações. Neste estudo esta fase incorpora duas vertentes sequenciais (tabela 1): a) primeiro o participante formula a sua narrativa autobiográfica (relativa à história de vida); b) quando o participante havia formulado todas as valorações que distinguia na sua história, era introduzida a temática da herança, solicitando a formulação das valorações narrativa da herança.

A fase de atribuir propriedades afectivas às valorações inicia-se após a construção das valorações e centra-se na discriminação dos padrões afectivos associados às valorações. O investigador fornece uma lista de afectos, solicitando que, numa escala de 0 (nada) a 5 (muitíssimo), discrimine a intensidade com que associa cada afecto à valoração. O procedimento repete-se para todas as valorações construídas. Neste estudo usam-se os 16 afectos distribuídos por quatro dimensões da versão Portuguesa (Pereira, 2009): i) afectos positivos (alegria, ânimo, entusiasmo e felicidade); ii) afectos negativos (desapontamento, infelicidade, desgosto e impotência); iii) afectos orientados para o contacto com os outros (proximidade, amor, ternura, carinho); iv) afectos orientados para a valorização de si (autoconfiança, força, confiança, sucesso).



Este processo dá origem a uma matriz que combina as valorações (linhas) e afectos (colunas).

### **5.3.2. Procedimentos**

A entrevista foi conduzida de acordo com o procedimento preconizado no manual (Hermans & Hermans-Jansen, 1995), no entanto dada a idade avançada dos participantes e os níveis de escolaridade por vezes baixos, foram introduzidas algumas modificações facilitadoras do processo. Todos os participantes solicitaram o apoio da investigadora na anotação por escrito das suas valorações (tinham alguma dificuldade em escrever); assim a investigadora anotava a valoração conforme era formulada pelos participantes, pedindo-lhes que relessem e verificassem se correspondia ao significado pretendido. Três participantes solicitaram que a diferenciação de afectos se realizasse no dia seguinte por se sentirem cansados. A entrevista foi retomada no dia seguinte, com o cuidado de começar por pedir aos participantes que relessem as valorações e verificassem se gostariam de introduzir alguma alteração. Além disso, todos os participantes solicitaram apoio na diferenciação afectiva das valorações.

Para isso, além da lista escrita das valorações formuladas, era fornecida uma escala em forma de régua com a indicação dos valores. A investigadora lia a valoração em voz alta e de seguida ia enunciando os termos afectivos; para cada termo afectivo, o participante procedia à sua valoração, que a investigadora anotava; o procedimento repetiu-se para todas as valorações. As entrevistas foram administradas pela primeira autora, decorrendo numa sala reservada cedida pela instituição ou em casa do participante. O tempo de aplicação variou entre 120 e 180 minutos.

### **5.3.3. Amostra**

Para garantir a pertinência e diversidade da informação, a amostra foi constituída de forma não aleatória e intencional, baseando-se na selecção de participantes de acordo com os seguintes critérios de inclusão: i) idade superior a 74 anos; ii) homens e mulheres, iii) sem incapacidade cognitiva; iv) ter iniciado o processo de herança (papel activo de doador). Procurou-se seleccionar pessoas que potencialmente desejassem

aderir ao Método da Auto-Confrontação. Assim, os participantes são pessoas já envolvidas noutro estudo mais alargado acerca da transmissão da herança material. Por isso, a primeira autora, que já os conhecia, contactou-os para apresentar este estudo, explicando porque solicitava a sua colaboração. Para aqueles que acederam a colaborar, nesse primeiro contacto era agendada uma pré-entrevista, em que se detalhavam os objectivos do estudo, explicava os procedimentos e a garantia a confidencialidade e anonimato. Todas as pessoas contactadas aceitaram participar, assinaram o consentimento informado e foi agendada uma data para a entrevista. A amostra (Tabela 4.2) é constituída por 5 sujeitos, 3 homens, com idades entre os 80 e os 95 anos, habitantes no distrito de Aveiro e Coimbra, em zonas urbanas ou semi-urbanas.<sup>1</sup>

Tabela 4.2. Amostra<sup>2</sup>

Sujeitos	Sexo	Residência	Idade	Estado civil	Número de filhos vivos	Número de anos de educação formal	Profissão anterior à reforma
Amélia	Feminino	Urbano	95	Viúva	5	12	Professora do ensino básico
Isabel	Feminino	Urbano	95	Viúva	1 enteado	12	Administrativa
Xavier	Masculino	Semi-urbano	84	Viúvo	3	4	Agricultor
Vicente	Masculino	Urbano	80	Casado	1	12	Administrativo
Dinis	Masculino	Semi-urbano	85	Viúvo	2	4	Polícia

#### 5.3.4. Análise dos dados

O processo de análise dos dados envolveu três etapas: i) análise de conteúdo (Hermans & Hermans-Jansen, 1995) e caracterização das propriedades afectivas das valorações da narrativa autobiográfica; ii) análise de conteúdo (Hermans & Hermans-Jansen, 1995) e caracterização das propriedades afectivas das valorações da narrativa de herança; e iii) análise da relação entre as valorações da narrativa da herança e as valorações da narrativa autobiográfica.

<sup>1</sup> A amostra inicial era composta por seis participantes (3 homens e 3 mulheres), no entanto, um dos participantes do sexo feminino completou a grelha de afectos com os mesmos valores para todas as valorações, pelo que optámos por não incluí-lo na amostra. Realizaram-se ainda mais duas entrevistas de treino que não foram incluídas na amostra com o objectivo de aperfeiçoar a técnica do entrevistador e a adaptação à recolha da narrativa de herança.

<sup>2</sup> Todos os nomes são fictícios.

A primeira etapa (centrada na narrativa autobiográfica) iniciou-se com a criação de um sistema de categorização através de um processo de refinamento sucessivo, realizado pela primeira autora que leu as unidades de significado identificadas e desenvolveu uma lista de categorias e subcategorias. Em seguida, organizou-se a lista de categorias e sua definição (Tabela 4.3); e depois, as unidades de significado foram classificadas nas categorias identificadas (a primeira autora procedeu à classificação, que foi revista pela segunda autora, tendo existido um total acordo entre os juízes).

Seguidamente procedeu-se ao cálculo dos quatro índices que caracterizam as valorações afectivas do participante (Hermans & Hermans-Jansen, 1995): **P** (somatório dos pontos atribuídos aos termos afectivos positivos); **N** (somatório dos pontos dos termos negativos); **O** (somatório dos termos que expressam contacto e união com os outros); **S** (somatório da pontuação aos termos que expressam auto-realização (auto-confiança, força, confiança e sucesso). Os índices P e N reportam-se ao bem-estar subjectivo e a sua diferença traduz o grau de bem-estar da pessoa em relação a uma valoração específica:  $P > N$  representa bem-estar;  $N < P$  indica mal-estar;  $P = N$  traduz ambivalência. Quanto aos índices O (relação com os outros) e S (relação consigo) a sua diferença traduz a importância relativa:  $S > O$  significa que a experiência de autovalorização é mais forte;  $O > S$  indica valorização do contacto com o outro;  $S = O$  indica que as experiências coexistem. Para estabelecer diferenças entre os índices P e N e S e O considerou-se como padrão uma diferença mínima de seis pontos intervalares (Hermans & Hermans-Jansen, 1995). Por exemplo, se uma determinada valoração apresenta valores  $P = 12$ ,  $N = 5$ ,  $O = 8$  e  $S = 16$  considera-se que  $P > N$  e  $S > O$ .

Seguidamente, a partir dos índices PNOS, procedeu-se à caracterização das valorações na tipologia proposta por Hermans & Hermans-Jansen (1995) que combina o conteúdo afectivo e motivos subjacentes a cada valoração, permitindo diferenciar 6 tipos específicos de organização narrativa (Salgado, 2003):

- **+S** (autonomia e sucesso): níveis elevados de autovalorização (S) e de afecto positivo (P).
- **+O** (amor e união): nível elevado de afectos positivos (P), associados a uma ligação com outras pessoas ou com o mundo em geral (O).
- **+HH** (Força e união): combinação de afectos positivos (P) com níveis elevados de auto-valorização (S) e de contacto com os outros (O).

- -S (agressão e raiva): nível elevado de auto-valorização (S), mas com afecto negativo (N).
- -O (perda ou amor não correspondido): nível elevado de ligação aos outros (O), associado a afectos de cariz negativo (N).
- -LL (isolamento e impotência): combinação entre afectos negativos (N) e níveis baixos de autovalorização (S) e de contacto com os outros (O).

Finalmente estabeleceu-se a correlação entre todas as valorações gerais com as valorações da herança (Tabela 4.4), que permite analisar a relação entre os perfis afectivos (quanto mais elevada a correlação maior a semelhança dos perfis afectivos).

A segunda etapa centrou-se na caracterização das valorações da narrativa da herança na posição de herdeiro e na posição de doador e envolveu um procedimento idêntico ao da primeira etapa (Tabela 4.5 e Tabela 6). Incluiu ainda as correlações entre as valorações na posição de herdeiro e as valorações na posição de doador, bem como a correlação dos perfis afectivos das valorações da herança com o estado ideal (valores superiores indicam maior aproximação da valoração ao modo como a pessoa gostaria de se sentir) e com o estado geral (indica a generalização da valoração no sistema (quanto mais positiva maior a probabilidade de a valorização estar generalizada, ou seja, maior será a influência no sistema de valorações)).

A terceira etapa incluiu a análise da relação das valorações da herança com as valorações da narrativa autobiográfica. Para isso, seleccionaram-se todas as valorações da narrativa autobiográfica com correlações positivas e significativas com a herança ( $r \geq .60$ ;  $0,01 < p < 0,05$ ). Este procedimento denominado análise da modalidade (Hermans & Hermans-Jansen, 1995) permitiu identificar as valorações da narrativa autobiográfica (distribuídas pelas diferentes categorias de valores e significados) no passado, presente e futuro, que se correlacionam com as valorações da herança (distribuídas pelas diferentes categorias de significados) pesquisando temas/conteúdos em comum (Tabela 4.7).

Tabela 4.3. Significados e valores da narrativa autobiográfica: (sub)categorias

Categorias	Definição
1. Proximidade emocional e união versus distanciamento emocional e afastamento	Em relação à família de origem (pais, irmãos, tios), do cônjuge e da família multigeracional (filhos, netos e sobrinhos). Percepção de proximidade emocional, de ter sido (ser) amado e respeitado versus sentimento de baixa proximidade, aceitação e união (ressentimento, afastamento e desconexão).
2. Perda	Morte ou doença de pessoas significativas (em particular os pais e o cônjuge).
3. Herança de princípios	Ter recebido (e partilhar) valores morais/espirituais de pessoas significativas (pais, tios); são um guião para a vida.
4. Realização pessoal e profissional	Valorização e aceitação (vs. insatisfação e ressentimento) das competências profissionais e do percurso realizado ao longo da vida
5. Filosofia de vida	Saliência de uma filosofia de vida (valores, gostos, competências), por vezes ancorada no passado, que servem de guião para a vida.
6. Suporte e autonomia	Gestão e organização de cuidados (segurança) na velhice, gestão dos bens e responsabilidades financeiras por vezes com passagem do testemunho financeiro aos filhos; manutenção de equilíbrio autonomia/dependência.
7. Sucesso e bem-estar dos descendentes	Orgulho e satisfação com os valores, competências profissionais e posição na vida dos filhos e netos (descendentes) versus inquietação em relação à segurança e bem-estar financeiro
8. Confronto/aceitação da morte	Aceitar e preparar a morte versus recusar (recrear) pensar nela; por vezes inclui alguma inquietação em relação à sua continuidade.

Tabela 4. 4 Significados e valores emocionais da narrativa autobiográfica: passado, presente, futuro

Valorações	Categoria	Padrão afetivo				Tipo afetivo	Correlações com a herança
		P	N	O	S		(r)
PASSADO							
Amélia							
Comecei a perder os meus muito cedo: isso marcou-me para o resto da vida!	Perda	0	12	0	0	-LL	.32<r<.95
O meu pai vivia para os filhos: quando a minha mãe morreu dedicou-se muito a nós.	Proximidade	8	0	15	0	+O	-.14<r<.72
Na nossa família havia um sentimento de união e respeito ao meu pai muito forte!	Proximidade	5	0	16	8	+O	-.35<r<.67
A perda do meu marido marcou-me muito!	Perda	0	8	0	0	-LL	-.04<r<.81
A doença do meu marido foi muito marcante pois para cuidar dele tive de me reformar, mas mesmo assim conservei-me a trabalhar até ao limite da idade.	Perda	0	12	0	0	-LL	-.37<r<.83
Isabel							
Os meus tios mais velhos tiveram uma grande influência na minha vida; era a sobrinha preferida.	Proximidade	17	0	16	19	+HH	.19<r<.98
O amor dos meus tios fazia-me sentir especial.	Proximidade	18	0	16	20	+HH	.15<r<.98
Toda a minha família era carinhosa comigo: por isso não tinha medo de ir mais além, porque me sabia protegida.	Proximidade	18	0	16	20	+HH	.15<r<.98
As pessoas sempre confiaram em mim como professora: por isso hoje sinto-me muito feliz!	Realização	19	0	12	20	+S	-.05<r<.98
No meu casamento fui muito feliz; o meu marido foi um santo como marido e pai.	Proximidade	16	0	16	19	+HH	.21<r<.99
Xavier							
A minha mãe teve uma grande influência na minha vida; era uma santa e aconselhava-me.	Herança princípios	14	0	17	16	+HH	.12<r<.96
A morte da minha mãe, tinha ela 63 nos, foi a coisa mais dolorosa da minha vida.	Perda	0	13	12	6	-O	-.52<r<-.30
Os meus avós e tios paternos tiveram uma grande influência na minha vida; em casa deles tinha todos os carinhos possíveis.	Proximidade	14	0	18	12	+O	.28<r<.91
A minha mãe tinha princípios muito severos (mas tinha carinho por mim).	Herança princípios	13	1	17	16	+HH	-.10<r<.87
Em pequeno eu era muito maroto: fazia muitas brincadeiras e traquinices.	Realização	8	0	6	12	+S	.31<r<.72
Vicente							
Tive uma vida muito ingrata. Nunca tive ninguém que me desse conforto, nem o meu pai.	Proximidade	3	0	0	3	+S	-.36<r<.55
Em criança não pude fazer o exame da 4.ª classe porque tinha de trabalhar. Fiz depois de casado para poder tirar a carta de condução e a partir daí a minha vida foi para a frente.	Realização	15	0	0	16	+S	-.46<r<.73
Eu achava que o meu pai estimava mais os meus irmãos.	Proximidade	0	8	1	0	-LL	-.95<r<.76
Passei uma negra vida com o meu pai. Um dia que tentou matar-me com uma forquilha.	Proximidade	0	8	1	0	-LL	-.95<r<.76
Fui sempre muito doente; mas a doença mudou a minha vida (não podia trabalhar no campo).	Realização	1	0	0	2	+S	-.16<r<.31
Trabalhei muito. Com isso que ganhei algum dinheiro, comprei um terreno e fiz a minha casa.	Realização	14	0	0	16	+S	-.44<r<.71
Tive problemas graves com o meu filho mais novo e com o do meio, pois fizeram coisas que me envergonhavam mas felizmente as pessoas continuavam a tratar-me com respeito e delicadeza.	Realização	6	12	4	12	+S	-.26<r<.56

Valorações	Categoria	Padrão afectivo				Tipo afectivo	Correlações com a herança (r)
		P	N	O	S		
O meu filho mais velho é meu amigo, mas os outros dois puseram-me de lado. É uma escuridão...	Proximidade	0	6	0	0	-LL	-.80<r<-.95
Quando a minha mulher me faltou é que eu estava a viver bem: tinha quatro casas de habitação.	Proximidade	0	16	16	0	-O	-.74<r<-.46
<b>Dinís</b> O meu tio disse-me que um homem só se deve casar quando ganhar o suficiente para sustentar a mulher. Isso marcou-me muito. O meu pai deu-me pouca ajuda. Sentia-me tratado de forma diferente em relação aos meus irmãos. Quando era novo tinha de prestar contas ao meu pai; isso ficou-me para sempre marcado. Nunca abandonei os meus pais. Ajudei-os muito (apesar de não ter a ajuda deles). Os meus pais e irmãs não quiseram ir ao meu casamento. Tenho para mim que foi um desprezo. Tive pouco apoio do meu pai mas consegui singrar na vida: sempre fui respeitado no trabalho. A minha falecida esposa era ciumenta e acusava-me de a enganar mas eu fui-lhe sempre fiel. Quando corria tudo bem, eu e a minha mulher éramos muito animados: era uma alegria!	Herança princípios	15	0	16	15	+HH	.05<r<-.98
	Proximidade	2	3	4	5	+HH	.06<r<-.23
	Proximidade	6	6	3	12	+S	-.44<r<-.26
	Proximidade	7	0	12	0	+O	.11<r<-.53
	Proximidade	0	4	0	0	-LL	-.44<r<-.18
	Realização	11	0	6	12	+S	-.44<r<-.81
	Proximidade	0	10	16	0	-O	-.27<r<-.70
	Proximidade	14	0	16	13	+HH	.13<r<-.96
<b>PRESENTE</b>							
<b>Amélia</b> Tenho dificuldade em aceitar ter vindo para o lar: o meu pai teria um grande desgosto. Decidi vir para o lar porque não quero ser um estorvo; assim eles [sobrinhos] têm mais liberdade. Tenho muita família, todos são meus amigos e eu sou a tia de todos. Faço tudo o que posso pela minha família: estou dedicada à minha família. Apesar de nunca ter tido filhos tenho um enteado que me considera como mãe. Sempre tive força de vontade: no meio da tristeza vou buscar força de vontade. Há pequenos acontecimentos da minha vida actual que têm grande significado para mim: as brincadeiras dos meus sobrinhos bebés e falar com eles ao telefone. Preocupa-me muito adoecer aqui no lar de repente por receio de não ter bons cuidados de saúde.	Suporte/autonomia	0	16	0	0	-LL	-.45<r<-.67
	Suporte/autonomia	7	6	10	0	+O	.00<r<-.46
	Proximidade	12	0	13	0	+O	-.18<r<-.62
	Proximidade	12	2	16	4	+O	-.19<r<-.75
	Proximidade	4	0	16	5	+O	-.29<r<-.52
	Filosofia de vida	3	0	0	9	+S	-.21<r<-.31
	Proximidade	16	0	8	0	+O	-.14<r<-.47
	Suporte/autonomia	0	10	0	0	-LL	-.12<r<-.74
<b>Isabel</b> Sigo uma orientação: vivo em paz com toda a gente e sinto-me em paz com o meu passado. Sinto-me realizada: a vida boa e saudável que tive no passado repercute-se no presente. Eu vivo em perfeita harmonia com os meus filhos; e eles vivem em harmonia uns com os outros. Os meus filhos colaboram para que nada me falte. Influências externas à minha família (o meu genro) perturbam a harmonia entre mim e a minha filha, mas ambas sabemos contornar essas influências para nos mantermos próximas. Vim para o lar por iniciativa própria e contra a sua vontade dos meus filhos porque quis ficar livre e independente; mas eles agora respeitam a minha vontade.	Filosofia de vida	15	0	16	17	+HH	.28<r<-.97
	Filosofia de vida	16	0	16	17	+HH	.27<r<-.97
	Proximidade	16	0	16	16	+HH	.27<r<-.99
	Proximidade	16	1	16	19	+HH	.20<r<-.98
	Proximidade	0	4	0	0	-LL	-.65<r<-.18
	Suporte/autonomia	14	0	16	16	+HH	.32<r<-.98
<b>Xavier</b> O meu neto é um mimo: vem sempre a casa todas as semanas e telefona-nos quase todos os dias. Os meus netos estão ambos formados e a trabalhar.  Sou muito curioso e gosto muito de ler. Tenho livros para criar uma biblioteca para o meu neto. Sou uma pessoa muito resistente e com muita força de vontade; ajudo muito os outros. Cuido da minha mulher Estou casado com a minha mulher há 58 anos: ela era muito atenciosa comigo e eu amigo dela. Levo uma vida muito regrada com muito esforço e poupança. Preocupo-me com a minha situação financeira: queria ter o suficiente para ter poupanças e salvaguardar alguma coisa que acontecesse. Sinto que a minha reforma não compensa nem reconhece o meu trabalho durante a minha vida.	Proximidade	15	0	14	15	+HH	.39<r<-.94
	Sucesso dos descendentes	13	0	14	14	+HH	.10<r<-.92
	Filosofia de vida	13	0	9	15	+S	.23<r<-.89
	Filosofia de vida	14	1	14	14	+HH	.13<r<-.96
	Proximidade	13	3	17	15	+HH	.13<r<-.86
	Proximidade	16	0	15	14	+HH	.15<r<-.94
	Filosofia de via	14	1	11	14	+HH	.15<r<-.75
	Suporte/autonomia	1	8	0	8	-S	-.20<r<-.14
	Realização	1	7	0	7	-S	-.05<r<-.39
<b>Vicente</b> O meu filho mais velho é muito meu amigo; é a ele que recorro quando preciso. Eu não desejo mal a ninguém. O mal dos outros não me adianta nada. O meu coração parece leve como as penas de uma pomba. Sinto-me em paz com tudo. Vou fazer 80 anos em breve, mas penso que sou muito mais novo.	Proximidade	19	0	20	17	+HH	-.75<r<-.88
	Filosofia de vida	12	0	12	11	+S	-.46<r<-.74
	Filosofia de vida	12	0	0	12	+S	-.05<r<-.35
	Filosofia de vida	14	0	6	16	+S	-.45<r<-.73
<b>Dinís</b> Quero vir viver para o lar para continuar com a minha independência: sem ajuda dos meus filhos. Os meus filhos serão determinantes para mim, porque gosto deles e sei que eles gostam de mim.	Suporte/autonomia	8	0	12	3	+O	.41<r<-.67
	Proximidade	14	2	17	11	+O	.19<r<-.83

## SIGNIFICADOS E VALORES DA HERANÇA MATERIAL: REVER E INTEGRAR O SEU SIGNIFICADO

Valorações	Categoria	Padrão afectivo				Tipo afectivo	Correlações com a herança (r)
		P	N	O	S		
<b>FUTURO</b>							
<i>Amélia</i>							
Não quero pensar em objectivos para o futuro; não quero saber de nada.	Confronto com morte	0	5	0	0	-LL	-.01<r<-.43
<i>Isabel</i>							
Não penso no futuro porque não tenho confiança no futuro; pensar no futuro desorienta-me.	Confronto com morte	0	6	0	0	-LL	-.61<r<-.17
Fiz o que podia no passado: os meus filhos já têm a vida formada; agora seguem o seu caminho.	Sucesso dos descendentes	17	0	16	18	+HH	.20<r<.97
<i>Xavier</i>							
Gostava de ver umas obras feitas num terreno que me deixaram, para ficar uma para cada neto.	Confronto	2	2	0	0	-LL	-.24<r<.43
<i>Vicente</i>							
Estou a fazer o meu futuro aqui dentro. Procuro estimar todas as pessoas do lar. Para quando cair na idade ser bem tratado.	Suporte/autonomia	11	0	0	12	+S	-.58<r<.81
Eu consigo não me preocupar nada. Já tenho a campa pronta, assim os filhos não precisam gastar dinheiro. Eu fico satisfeito por saber onde vou ficar.	Confronto com morte	8	0	12	12	+HH	-.57<r<.73
<i>Dinis</i>							
O meu futuro a Deus pertence: se eu cair numa cama, os meus filhos não podem deixar de trabalhar para tomar conta de mim. Quero assegurar a minha velhice.	Suporte/autonomia	8	0	12	3	+O	.26<r<.67
Preocupo-me com o meu neto, porque tem muitos encargos financeiros e quando eu faltar não poderei ajudar mais.	Sucesso descendentes	0	12	0	0	-LL	-.83<r<.11
Não vejo ninguém que possa dar continuidade aos meus valores: nem o filho, nem o neto.	Confronto com a morte	0	12	0	0	-LL	-.83<r<.11
<b>Ultimamente tenho-me sentido (estado geral)</b>							
Amélia	-	5	2	16	6	+O	-.46<r<.41
Isabel	-	14	3	16	15	+HH	.35<r<.95
Xavier	-	11	4	16	14	+HH	-.01<r<.82
Vicente	-	9	6	11	10	+HH	-.52<r<.52
Dinis	-	16	0	13	15	+HH	-.16<r<..97
<b>Gostaria de me sentir (estado ideal)</b>							
Amélia	-	13	0	17	9	+O	-.52<r<.76
Isabel	-	14	0	16	11	+HH	.39<r<.84
Xavier	-	18	0	16	16	+HH	.28<r<.97
Vicente	-	9	2	12	9	+HH	-.66<r<.70
Dinis	-	16	0	13	14	+HH	-.13<r<.94

**Legenda:** +S (Autonomia e sucesso) +O (Amor e união) +HH (Força e união) S (Agressão e raiva) O (Perda ou amor não correspondido) LL (Isolamento e impotência)

**N.º de valorações (n=69) por categoria/tempo (passado, presente, futuro)**

**N.º total de valorações** (n=69); **Passado** (n=32): Proximidade (n=18); Perda (n=4); Herança de princípios (n=3); Realização (n=7); **Tipos afectivos:** + S (9); +O (4); +HH (9); -LL (7); **Presente** (n=29): Proximidade (n=12); Realização (n=1); Filosofia de vida (n=9); Suporte/autonomia (6); Sucesso dos descendentes (n=1); **Tipos afectivos:** +S (n=5); +O (n=7); +HH (n=12); -S (n=2); -LL (n=3); **Futuro** (n=9): Suporte/autonomia (n=2); Sucesso dos descendentes (n=2); Confronto/aceitação da morte (n=5); **Tipos afectivos:** +S (n=1); +O (n=1); +HH (n=2); -LL (n=5).

Tabela 4.5 Significados e valores da herança material: (sub)categorias

<b>Categorias</b>	<b>Definição</b>
<b>1. Resolução da herança</b>	
1.1. Positiva (justa)	Preservação dos laços e vínculos familiares e dos sentimentos de união e coesão familiar (sobre os valores materiais); entreajuda/suporte e protecção; acordos e flexibilidade na transmissão e partilha dos bens entre herdeiros.
1.2 Negativa (injusta)	Conflitos na transmissão; sentimentos de quebra da lealdade e união familiar, ligados a ressentimentos por quebra de expectativas de união, suporte e protecção familiar.
<b>2. Legado (criar/receber)</b>	
2.1 Valorização do legado	Valorizar/celebrar o legado pelo seu valor material ou simbólico (ter recebido ou deixar algo a alguém).
2.2 Continuidade e memória	Desejo de proteger o património familiar (especialmente ligado à história familiar ou pessoal do doador), por exemplo não gastando ou não vendendo o legado, encontrar um continuador ou valorizar a herança recebida (assumir-se como continuador).
<b>3. Sucessão</b>	
3.1 Gestão e transmissão do testemunho financeiro	Necessidade de transmitir as responsabilidades financeiras e o controle dos bens (casas, propriedades ou dinheiro), embora assegurando o seu suporte/autonomia em relação aos herdeiros; implica o desligamento emocional de alguns bens e o desejo de os transmitir para outrem significativo.
3.2. Preparar a morte	Necessidade de preparar o funeral e outros acontecimentos ligados à sua morte para poupar os descendentes a incómodos e gastos financeiros (representa uma herança).



# SIGNIFICADOS E VALORES DA HERANÇA MATERIAL: REVER E INTEGRAR O SEU SIGNIFICADO

Tabela 4.6 Significados e valores emocionais da herança material: posição de herdeiro versus posição de doador

	Categoria	Padrão afectivo				Tipo afectivo	Correlação herdeiro/doador	Correlação com o estado geral	Correlação com o estado ideal
VALORAÇÕES NA POSIÇÃO DE HERDEIRO		P	N	O	S			G	id
<b>Amélia</b>									
Quando o nosso pai morreu tivemos medo de ter problemas com a herança.	Resolução negativa	0	4	0	0	-LL	-.56<r<-.20	-.41	-.51
O advogado que trabalhava para o meu pai tratou da herança e fez tudo por nós.	Resolução positiva	8	0	12	4	+O		.32	.46
Após a divisão da herança vim viver para casa da minha irmã e tive de lhe pagar uma mensalidade.	Resolução negativa	0	9	0	0	-LL	.24<r<.47	-.16	-.51
Magooou-me que tenha sido o meu cunhado a ficar com os livros do meu pai	Resolução negativa	0	12	0	0	-LL	-.56<r<-.23	-.46	-.46
<b>Isabel</b>									
Dos meus pais que eram professores, herdei o curso, a profissão.	Valorização do legado	18	0	12	20	+S	.41<r<.93	.81	.66
Pedi ao meu marido que se ocupasse da herança dos meus tios; não queria interessar-me por isso.	Resolução negativa	0	0	12	0	+O	.25<r<.42	.35	.39
<b>Xavier</b>									
A minha mulher herdou de uns tios velhinhos de quem tomou conta. Essa herança organizou a nossa vida.	Valorização do legado	11	1	14	11	+HH	.77<r<.89	.83	.87
Eu conservei a herança: tenho a ideia de não esbanjar e de não estragar a herança.	Continuidade	16	0	14	15	+HH	.80<r<.97	.69	.97
Nunca tive problemas com herança: a casa dos meus calhou-me a mim, mas dei-a ao meu sobrinho (fui amigo dele).	Resolução positiva	3	0	3	0	+O	.12<r<.27	.81	.28
<b>Vicente</b>									
Os meus pais venderam a herança toda e não me deixaram nada.	Valorização do legado	0	10	0	0	-LL	-.77<r<-.25	-.52	-.66
<b>Dinis</b>									
Com a minha herança não houve bens ao luar: não houve problemas!	Resolução positiva	12	0	16	14	+HH	.15<r<.95	.80	.81
As minhas irmãs é que ficaram com o recheio da casa mas não me importei.	Resolução positiva	12	0	16	14	+HH	.15<r<.95	.80	.81
Herdei um relógio do meu pai, mas tenho pena de não ter um objecto da minha mãe.	Continuidade	12	0	16	14	+HH	.15<r<.95	.80	.81
<b>VALORAÇÕES NA POSIÇÃO DE DOADOR</b>									
<b>Amélia</b>									
Quando vim para o lar decidi dar todos os meus bens aos meus sobrinhos.	Transmissão	12	4	16	15	+HH	-.31<r<.47	.40	.60
Eu não dividi os meus bens: dei-os. Que os dividam como quiserem e precisarem.	Resolução positiva	12	4	16	15	+HH	-.31<r<.47	.40	.60
Eu não quero ter nada comigo. Quis despir-me das coisas materiais e do passado.	Transmissão	0	5	0	0	-LL	-.56<r<-.20		
Os meus sobrinhos cuidam muito bens das minhas coisas.	Continuidade	16	0	16	12	+HH	-.56<r<.24	.41	.76
<b>Isabel</b>									
Quando o meu marido faleceu distribui os bens. Não quis ficar com nada para além da minha aposentação (não podia tratar das coisas).	Transmissão	16	0	16	17	+HH	.25<r<.93	.95	.84
Não tenho dívidas nem preocupações, mas tenho tudo o que preciso para viver porque o que precisar os meus filhos dão-me.	Transmissão	4	0	16	14	+HH	.41<r<.42	.72	.54
Não me importo com o destino que os meus filhos derem aos meus bens.	Transmissão	12	0	16	18	+HH	.30<r<.80	.95	.81

# CAPÍTULO 5

	Categoria	Padrão afetivo				Tipo afetivo	Correlação herdeiro/doador	Correlação com o estado geral	Correlação com o estado ideal
VALORAÇÕES NA POSIÇÃO DE HERDEIRO		P	N	O	S			G	id
<b>Xavier</b>									
Ainda não fiz os bens ao meu filho porque tudo o que tenho será para ele!	Transmissão	16	0	12	15	+HH	.12<r<.92	.72	.98
Gostava que o meu filho conservasse a herança, que a aumentasse para depois a transmitir aos filhos (como eu fiz)!	Continuidade	12	1	14	12	+HH	.27<r<.80	.57	.85
O meu neto é a minha continuação: é parecido comigo (poupado e conservador).	Continuidade	16	1	16	16	+HH	.22<r<.97	.72	.98
<b>Vicente</b>									
Não herdei nada dos meus pais, mas sempre desejei deixar uma herança aos meus filhos: levei a vida a construí-la.	Valorização do legado	20	7	9	20	+S	-.25	.21	.25
Logo que a minha mulher faleceu entreguei os bens aos meus filhos: só fiquei com algum dinheiro.	Transmissão	16	0	12	15	+HH	-.77	.48	.70
Os meus filhos entenderam-se bem na herança. Eu só fui assinar a escritura.	Resolução positiva	16	0	12	15	+HH	-.77	.48	.70
Estou muito contente por ter dividido os bens.	Transmissão	12	1	14	12	+HH	-.52	.52	.62
<b>Dinis</b>									
Eu tenho algum dinheiro mas não é muito. Que o dividam como quiserem.	Resolução positiva	7	0	12	12	+HH	.80	.73	.70
Preocupa-me ter dinheiro para o meu funeral.	Preparar morte	7	0	12	12	+HH	.80	.73	.70
Prometi dar o relógio que herdei do meu pai ao meu filho (mas só depois de morrer).	Continuidade	10	0	12	12	+HH	.95	.88	.85
Vou dar o meu relógio de pulso ao meu neto.	Continuidade	16	0	16	16	+HH	.83	.97	.95
Eu ainda tenho coisas boas para lhes dar: os móveis que fiz e as minhas ferramentas.	Valorização legado	16	0	16	16	+HH	.83	.97	.95
Não sei o que os meus filhos vão fazer aos meus bens: já não me importo com isso.	Continuidade	0	2	6	0	-O	.15	-.16	-.16

**Legenda:** +S (Autonomia e sucesso) +O (Amor e união) +HH (Força e união) S (Agressão e raiva) O (Perda ou amor não correspondido) LL (Isolamento e impotência)

**N.º de valorações (n=33) por categoria/posição relacional (doador/herdeiro)**

**N.º total de valorações (n=33); Posição de herdeiro** (n=13): Resolução positiva da herança (n=5); Resolução negativa da herança (n=3); Valorização do legado (n=3); Continuidade e memória (n=3); Tipos afectivos: +S (n=1); +O (n=3); +HH (n=5); -LL (n=4); **Posição de doador** (n=20): Resolução positiva da herança (n=3); Valorização do legado (n=2); Continuidade e memória (n=6); Gestão e transmissão (n=8); Preparar a morte (n=1); Tipos afectivos: +S (n=1); +HH (n=17); -O (n=1); -LL (n=1).

Tabela 4.7 Correlações significativas entre significados e valores pessoais e a herança material

	Correlações significativas por categoria de valores e significados da narrativa autobiográfica				
Categorias de valores e significados da herança (herdeiro e doador)	Passado	Presente	Futuro	Total	Tipo afectivo em comum
1.Resolução da herança					
1.1. Resolução positiva (justa)	Proximidade (4) Herança de princípios (1) Realização (3)	Proximidade (5) Filosofia de vida (2) Suporte/ autonomia (1)	Suporte/autonomia (2) Confronto com a morte (1)	19	+HH, +O
1.2. Resolução negativa (injusta)	Perda (3)	Suporte/autonomia (2)	-	5	-LL
2.Legado (criar/receber)					
2.1Valorização do legado	Proximidade (7) Herança de princípios (1) Realização (4)	Proximidade (5) Filosofia de vida (7) Suporte/autonomia (1)	Suporte/autonomia (1) Sucesso dos descendentes (1)	27	+HH; +S
2.2.Continuidade e a memória	Proximidade (9) Herança de princípios (4) Realização (2)	Proximidade (8) Filosofia de vida (4) Sucesso dos descendentes (2) Suporte/autonomia (1)	Suporte/autonomia (1)	31	+HH
3. Sucessão geracional					
3.1. Gestão e transmissão do testemunho financeiro	Proximidade (9) Herança princípios (1) Realização (4)	Proximidade (6) Filosofia de vida (8) Suporte/autonomia (1)	-	29	+HH;+O; -LL
3.2. Preparar a morte	Proximidade (2) Herança de princípios (1)	Proximidade (1)	-	4	+HH
Total	55	54	6	115	

**Legenda:** +S (Autonomia e sucesso) +O (Amor e união) +HH (Força e união) S (Agressão e raiva) O (Perda ou amor não correspondido) LL (Isolamento e impotência)

**N.º de correlações por categoria de valores e significados da narrativa autobiográfica**

**N.º total de correlações** (n=115); **Passado:** Proximidade (n=31); Perda (n=3); Herança de princípios (n=8); Realização (n=13); **Presente:** Proximidade (n=25); Filosofia de vida (n=21), Suporte/autonomia (n=8); Sucesso dos descendentes (n=6); **Futuro:** Suporte/autonomia (n=4); Sucesso dos descendentes (n=1); Confronto com a morte (n=1).

## 5.4. RESULTADOS

### 5.4.1. Sistema pessoal de significados e valores emocionais

As unidades de significado (valorações) formuladas pelos participantes (Tabela 4.3 e Tabela 4.4) representam aspectos significativos da sua história de vida, no passado, presente e futuro. A análise revelou 8 (sub)categorias de valorações (tabela 3): i) proximidade emocional/união familiar; ii) perda; iii) herança de princípios; iv) realização pessoal e profissional; v) filosofia de vida; vi) suporte e autonomia; vii) sucesso e bem-estar dos descendentes; e viii) confronto/aceitação da morte. Os participantes formularam maior número de valorações no passado (32) e no presente (29) e menor no futuro (9), indiciando que, na organização e vivência emocional do idoso, as experiências passadas terão mais significado do que as expectativas de futuro. A proximidade emocional/união familiar (passado e presente) emergem com relevo em ambas os tempos. O suporte/autonomia e a filosofia de vida são igualmente importantes, com maior preponderância no presente. No futuro os significados centram-se no confronto e aceitação da morte, no suporte/autonomia e no sucesso e bem-estar dos descendentes (filhos e netos).

#### *Passado*

No passado (32 valorações) a narrativa associa-se a quatro categorias de valorações/significados (tabela 4): proximidade emocional/união familiar (18 valorações), perda (4 valorações), herança de princípios (3 valorações) e realização pessoal e profissional (7 valorações).

A proximidade emocional/união (especialmente com pais, irmãos e tios) caracteriza-se pelo sentimento de união e coesão familiar (*“toda a família era carinhosa comigo e era por isso que eu não tinha medo de ir mais além...sabia-me protegida”*, Isabel); por oposição à percepção de distanciamento emocional (não ter sido amado ou estimado). O Sr. Vicente recorda com mágoa que o pai lhe dava menos carinho do que aos outros filhos (*“A minha vida foi muito ingrata, não tive quem me desse conforto, nem o meu pai, tive*

*uma criação muito triste*”). Também relevantes são igualmente as relações com o cônjuge: no sentido de união (*“a minha mulher era uma santa e eu fui sempre muito amigo dela”*, Xavier); ou como um sentimento de amor não correspondido (*“Ela desconfiava de mim...isso magoou-me muito porque não era verdade”*, Dinis).

As perdas (afectivas) ao longo da vida, incluindo morte e doença, especialmente de pais e cônjuge são relevantes (*“a minha mãe era uma santa, a morte dela marcou-me muito”*) e associam-se a sentimentos de impotência e isolamento (*“comecei a perder os meus muito cedo, todos os dias penso nisso”*, Amélia).

A herança de princípios refere-se a valores e normas de conduta, associados a sentimentos de força e unidade (familiar), que conjugam a autovalorização e o contacto e união com os outros (*“A minha mãe deu-me muito bons valores”*, Xavier).

A realização pessoal e profissional (satisfação com o percurso e a história profissional), exprime a autovalorização (*“apesar de nunca ter tido apoio do meu pai, tive sempre sucesso na vida”*), centradas no esforço e sucesso profissional (*“depois de casado tirei o exame da quarta classe e isso ajudou-me a ganhar algum dinheiro”*, Vicente).

#### *Presente*

No presente (29 valorações) salientam-se 4 categorias de valorações/significados (tabela 5): proximidade emocional/união (12 valorações); filosofia de vida (9 valorações); suporte e autonomia (6 valorações); sucesso e bem-estar dos descendentes (1 valoração).

A proximidade emocional/união significa que os participantes sentem proximidade emocional, ligação e respeito na sua relação, com os filhos, netos ou sobrinhos (*“o meu filho é a pessoa mais importante que eu tenho”*) ou, pelo contrário exprimem sentimentos de baixa proximidade, aceitação e união na relação com a família multigeracional (*“os meus filhos mais novos puseram-me um pouco de lado”*, Vicente).

Filosofia de vida refere-se à aceitação das suas competências, gostos e características pessoais e a ter um conjunto de valores que servem de guião para a vida (*“já fiz tudo o que tinha a fazer...os dados estão lançados, a vida sã que tive no passado repercute-se agora; eu vivo em paz com toda a gente”*, Isabel); tem um valor emocional positivo,

relacionado com a valorização pessoal e /ou com a ligação aos outros representando força e união.

Suporte e autonomia representa uma categoria mais instrumental centrada na preocupação com a gestão dos cuidados e organização do quotidiano de forma a manter a sua independência e bem-estar na velhice. Exprime-se em sentimentos de união e autovalorização (*"Anseio por vir para o lar para continuar com a minha independência, o meu rendimento dá para me sustentar...felizmente não preciso da minha filha nem do meu filho."*, Dinis) mas emergem também sentimentos de impotência e isolamento (*"Preocupa-me adoecer aqui no lar e não ter bons cuidados."*, Amélia").

Finalmente, sucesso e bem-estar dos descendentes liga-se a um sentimento de orgulho e contentamento com a realização pessoal e/ou profissional dos seus descendentes, em particular os netos (*"os meus netos estão ambos formados e a trabalhar."*, Xavier) que desperta sentimentos positivos ligados simultaneamente à autovalorização e união familiar (força e união).

#### *Futuro*

No futuro (9 valorações) emergem 3 categorias de valorações/significados (tabela 4): i) suporte e autonomia (2 valorações), centrada na preocupação com a segurança pessoal e garantia de cuidados na velhice (*"Eu já estou a tratar do meu futuro...estou a fazer a cama onde me hei-de deitar"*, Vicente); ii) sucesso e bem-estar dos descendentes (2 valorações) que traduz a satisfação ou preocupação com o futuro dos descendentes (filhos e netos), sobretudo a nível do bem-estar financeiro (o Sr. Dinis exprime com preocupação *"penso muitas vezes no que há-de ser o futuro do meu neto...é que não vou poder ajudar mais quando desaparecer"*); e iii) enfrentamento/aceitação da morte (5 valorações) (*"Comigo não me preocupo nada... já tenho a campinha pronta para ir para lá!"*, Vicente), associado a sentimentos de força (ligação aos filhos e valorização pessoal) ou de inquietação ou negação (a D. Isabel afirma *"Não gosto de pensar no futuro, desorienta-me, não tenho confiança no futuro!"*).

#### 5.4.2. Significados e valores emocionais da herança material

As unidades de significado (valorações) formuladas pelos participantes (tabela 4.5) representam as suas preocupações fenomenológicas na herança. A análise dos dados revelou 3 categorias: i) resolução da herança (positiva ou negativa); legado (valorização do legado; continuidade e memória); e iii) sucessão (transmissão de testemunho; preparar a morte). Os participantes formulam mais valorações na posição de doador (20), em comparação com a de herdeiro (13). Na posição de herdeiro emergem mais valorações associadas à *resolução da herança*, positiva (5) e negativa (3), seguidas de valorações centradas no *legado*. Os conteúdos afectivos são: positivos força e unidade (+HH) e unidade e amor (+O), e negativos (-LL). Na posição de doador, salientam-se valorações associadas ao *legado* (valorização do legado e continuidade e memória) e à *sucessão* (transmissão do testemunho financeiro), cujo conteúdo afectivo é predominantemente positivo (valores elevados de P) com ligação à auto-valorização e ao contacto e união com os outros. Assim, enquanto na posição de doador, força e união (+HH) emergem como o tema afectivo dominante, na posição de herdeiro emerge alguma ambivalência, sendo dada relevância semelhante nos sentimentos de força e unidade (+HH) e sentimentos de impotência e isolamento (-LL), seguidos de unidade e amor (+O) (tabela 4.6).

##### *Posição de herdeiro*

As valorações na posição de herdeiro distribuem-se por 2 categorias de significados: resolução da herança (positiva e negativa) e legado (valorização do legado; continuidade e memória). A resolução da herança (emocional e instrumental) centra-se na distribuição dos bens e reorganização familiar e emocional (e das relações) após a transmissão formal e/ou informal da herança. Este significado/valor emerge em duas formulações: positiva (resolução positiva e satisfatória) e negativa (insatisfatória). A resolução positiva é considerada justa e associa-se à prevalência dos vínculos familiares sobre os interesses materiais e a sentimentos de união e coesão familiar. Por exemplo, o Sr. Vicente refere que quis dar a casa dos seus pais a um sobrinho, mesmo ficando prejudicado (*“ele pediu-*

*me e eu fui amigo dele...por causa de alguns tostões não ia criar problemas”*); e a D. Isabel salienta que não quis ocupar-se da herança material dos seus tios, pois interessavam-lhe mais os valores espirituais que os tios lhe deixaram e *“não queria misturar amor e dinheiro”*. Estas valorações expressam uma forte motivação para a união e contacto com os outros (família). Na formulação negativa este significado/valor aponta para uma resolução insatisfatória ou injusta da herança. Está associada a experiências de perda e reorganização familiar após a transmissão da herança. Por exemplo, D. Amélia relata que na sequência da partilha da herança do pai foi viver com uma irmã e o cunhado, tendo de lhes pagar uma mensalidade (*“isso chocou-me tanto”*). Nestes casos predominam sentimentos de impotência e isolamento (-LL).

O legado (valorização da recepção do legado) exprime-se em duas subcategorias: valorização do legado recebido e continuidade e memória. A valorização do legado significa que os herdeiros desejam receber algo da geração anterior: pelo seu conteúdo simbólico (*“Dos meus pais que eram professores, herdei a profissão, Isabel*) ou pelo conteúdo material (*“a minha mulher herdou de uns tios de quem tomou conta, foi uma herança importante que organizou a nossa vida”*). Não receber um legado é sentido com tristeza e abandono (*“Os meus pais venderam a herança toda e não me deixaram nada...foi uma tristeza”*, Vicente). A valoração continuidade e memória reflecte o desejo de preservar (e dignificar) o património familiar, expresso: no modo como os herdeiros recebem e utilizam a herança (*“conservei a herança...não a esbanjei”*, Xavier) ou em percepcionar o legado como uma recordação do doador que mantém a sua memória viva (*“herdei um relógio do meu pai e ele herdou-o do meu avô mas gostava de ter recebido uma coisa que me lembrasse a minha mãe”*, Vicente). Estes significados têm um valor emocional positivo, exprimindo o desejo de valorização pessoal e união e contacto com o doador (+HH).

#### *Posição de doador*

As valorações na posição de doador distribuem-se pelas seguintes categorias de valorações (Tabela 4.5 e Tabela 4.6): resolução positiva da herança; legado (valorização



do legado e continuidade e memória); sucessão (gestão e transmissão de testemunho, preparar a morte).

A resolução positiva da herança centra-se no desejo de união e harmonia familiar entre os herdeiros na partilha dos bens (*“espero que não se zanguem”*, Dinis). Esta circunstância é sentida pelo doador como fonte de satisfação e orgulho pessoal (*“os meus filhos lá se entenderam entre eles...eu só fui assinar a escritura”*, Vicente), associando a unidade e amor familiar à própria autovalorização, com um tema afectivo de força e unidade familiar (+HH).

A valorização do legado exprime a necessidade de criar um legado valioso (material ou simbólico) para transmitir aos descendentes. Por exemplo, o Sr. Vicente relata que este desejo o acompanhou desde a herança dos seus pais (*“Não herdei nada dos meus pais mas sempre desejei deixar uma herança aos meus filhos: levei a vida a construí-la.”*). A subcategoria *continuidade e memória* refere-se ao desejo de salvaguardar a memória e continuidade após a morte. Exprime-se na forma como gostariam que os herdeiros utilizassem a herança (*“gostava que o meu filho conservasse a herança e depois a transmitisse completa aos meus netos”*, Xavier) ou na procura de um continuador. Por exemplo, o Sr. Vivente escolhe o neto como herdeiro do seu relógio de pulso, colocando-o numa continuidade sucessória (*“herdei-o do meu pai, vou dá-lo ao meu filho, mas gostava que ele o desse ao meu neto”*). Este significado tem um valor emocional positivo, ligado ao contacto e união com os outros e à autovalorização (+HH). Mas a continuidade pode emergir num sentido negativo com a expectativa de que os herdeiros não valorizem e se desfaçam do legado: o Sr. Dinis não sabe o que os herdeiros vão fazer com os seus bens, diz *“que não se importa com o que fizerem aos seus bens...se calhar vão deitá-los fora ou dar a outras pessoas”*. “Neste caso o peso dos afectos negativos é maior e sobrevêm sentimentos de perda ou amor não correspondido (-O).

A sucessão é a categoria de valorações com maior expressão (11 valorações) para os doadores. Inclui a gestão e transmissão do testemunho financeiro (8 valorações) e preparar a morte (3 valorações). A gestão e transmissão do testemunho financeiro relacionam-se com a necessidade de tomar decisões sobre gestão do património familiar e sua distribuição entre herdeiros antes da morte (*“Só ainda não fiz os bens ao meu filho*

*porque tudo o que tenho será para ele!”, Xavier).* Contempla a passagem de responsabilidades financeiras e/ou a transmissão dos bens materiais aos herdeiros e a reorganização dos recursos familiares para salvaguardar o suporte (a D. Isabel refere com satisfação *“Tenho tudo o que preciso para viver, não tenho dívidas e se eu precisar de alguma coisa os meus filhos dão-me”*). Este significado associa-se a sentimentos positivos de força e unidade (+HH), no entanto implica o desligamento afectivo dos bens materiais e pode assumir um carácter mais ambivalente (o Sr. Vicente refere *“estou muito contente por ter vendido a casa mas custa-me passar por lá”*).

A preparação ou enfrentamento da morte traduz-se no planeamento do funeral e outros acontecimentos ligados à sua morte para poupar os descendentes a incómodos e gastos financeiros. O Sr. Dinis relata que se preocupa com os custos do seu funeral *“não quer deixar esse encargo aos filhos”* e que isso *“já é uma herança”*. Este significado apresenta um valor emocional positivo associado à força e unidade (+HH), ou seja, à autovalorização (*“é um orgulho para mim”*) e ao contacto e união com os outros (*“não preciso incomodar os meus filhos”*).

#### *Posição de doador versus herdeiro*

As valorações na posição de doador e herdeiro apresentam correlações positivas e significativas ( $r \geq 0,60$ ;  $0,01 < p < 0,05$ ) (Tabela 4.5), sugerindo uma ligação entre os padrões afectivos das duas posições; por exemplo o Sr. Xavier conta que *“não esbanjou a herança dos tios”* e que gostaria que o filho fizesse o mesmo (*“conservasse herança”*). As valorações na posição de herdeiro em que predominam afectos negativos (impotência e isolamento) apresentam correlações significativas mas negativas ( $0,01 < p < 0,05$ ) (Tabela 4.5), sugerindo que o doador assumiu opções que contrariam a sua experiência de herdeiro (uma inversão do padrão afectivo, embora o conteúdo possa ser semelhante). Por exemplo, o Sr. Vicente refere que quando era herdeiro os seus pais venderam toda a herança e não lhe deixaram nada; mas esse acontecimento fê-lo *“pôr pé firme e decidir que queria deixar alguma coisa aos filhos”*.

#### 5.4.3. Significados e valores pessoais associados à herança material

Exceptuando as valorações em que predominam os afectos negativos (-O ou -LL) ou cujo conteúdo se relaciona com o enfrentamento da morte (tabela 6), as restantes valorações da herança apresentam correlações positivas e significativas ( $r \geq .60$ ;  $0.01 < p < 0.05$  com o estado geral (g) e com o estado ideal (id). Este resultado sugere uma ligação significativa das vivências e conteúdos afectivos da herança com o modo como a pessoa se tem sentido ou gostaria de sentir.

Também, um número significativo (56) das valorações da narrativa autobiográfica (Tabela 4.4) apresenta correlações positivas e significativas ( $r \geq .60$ ;  $0.01 < p < 0.05$ ) com pelo menos uma das valorações da herança. Este resultado sugere a associação entre os padrões afectivos e a partilha de um valor ou significado afectivo e emocional. Com efeito, a análise das histórias de vida (tabela 4.4) e da herança (tabela 4.6) para cada sujeito revela coerência entre os padrões afectivos e os temas afectivos dominantes. Por exemplo, a D. Amélia centra a sua história no amor e unidade familiar, realçando esses mesmos significados/valores afectivos na herança; enquanto a D. Isabel e o Sr. Vicente salientam mais significados associados à auto-valorização, aos valores e à força pessoal.

A análise da modalidade (correlação entre o perfil afectivo de uma valoração com o perfil afectivo das outras valorações do sistema pessoal) pressupõe que cada valoração da herança está associada a outras valorações do sistema pessoal (Hermans & Hermans Jansen, 1995). Assim, a análise das correlações das valorações da herança (na posição de herdeiro e doador) com as restantes valorações do sistema pessoal permitiu relacionar as categorias de significados e valores emocionais da herança (resolução da herança, legado, sucessão) com as categorias de significados/valores pessoais, no passado, presente e futuro (tabela 4.7).

##### *Resolução da herança*

A resolução positiva (justa) da herança (*“Eu não dividi os meus bens: dei-os. Eles agora dividem como quiserem e precisarem”*, Amélia) apresenta correlações positivas e significativas ( $r \geq .60$ ;  $0.01 < p < .05$ ): com a proximidade emocional/união familiar (no

passado e no presente); com a herança de princípios e a realização pessoal (no passado), com o suporte/autonomia e ter uma filosofia de vida (no presente) e com o suporte/autonomia e confronto com a morte (no futuro); evidenciando um tema comum centrado na união e/ou na força e união familiar. Aqui sobressaem sentimentos de valorização pessoal, protecção e proximidade emocional (*“Tenho muita família, todos são meus amigos e eu sou a tia de todos”*, Amélia). A resolução negativa (injusta) da herança (*“Após a divisão da herança vim viver para casa da minha irmã e tive de pagar-lhe uma mensalidade”*, Amélia) apresenta uma correlação positiva e significativa com: a perda e a (des)união e afastamento emocional (no passado); e com a preocupação com o suporte e autonomia no presente, evidenciando a partilha de um sentimento de desprotecção e insatisfação das expectativas de suporte e apoio familiar (*“O meu pai nunca imaginaria ver-me num lar..., Amélia”*).

#### *Legado*

A valorização do legado (*“Não herdei nada dos meus pais mas sempre desejei deixar uma herança aos meus filhos...”*, Vicente) correlaciona-se de forma significativa e positiva ( $r \geq .60$ ;  $0,01 < p < 0,05$ ) com: a proximidade emocional/união familiar (no passado e no presente), com a herança de princípios e com a realização pessoal e profissional; no passado), com ter uma filosofia de vida (satisfação com os valores e competências pessoais) e com o suporte e autonomia (no presente) e com o suporte/autonomia e o sucesso dos descendentes (no futuro). A *continuidade e a memória* apresentam a mesma ênfase de significados. Estes significados têm em comum um tema afectivo centrado na força e união, em que a autovalorização pessoal se associa à união com os outros através do que se dá e recebe (*“Gostava que o meu filho conservasse a herança, que a aumentasse para depois a transmitir aos filhos dele, como eu fiz!”*, Xavier).

#### *Sucessão*

A gestão e transmissão do testemunho financeiro (*“Logo que a minha mulher faleceu entreguei os bens aos meus filhos: só fiquei com algum dinheiro”*, Vicente) evidencia

correlações significativas e positivas ( $r \geq .60$ ;  $0,01 < p < 0,05$ ): i) com a proximidade emocional/união familiar (no passado e no presente), a herança de princípios e a realização pessoal e profissional (no passado); com suporte/autonomia e ter uma filosofia de vida (no presente). A preparação da morte correlaciona-se significativamente e de forma positiva ( $r \geq .60$ ;  $0,01 < p < 0,05$ ): com proximidade emocional/união (passado e presente), com a herança de princípios e realização pessoal e profissional (no passado). Estes significados partilham um tema afectivo centrado na força e união familiar, em que se unem a valorização pessoal e o contacto e união com os outros (*“Estou muito contente por ter dividido os bens”, “Eu consigo não me preocupo nada. Já tenho a campa pronta, assim os filhos não precisam gastar dinheiro. Eu fico satisfeito por saber onde vou ficar.”*, Vicente).

## 5.5. DISCUSSÃO

### 5.5.1. Sistema de significados e valores emocionais da herança material

Um dos resultados mais significativos deste estudo sublinha que a herança constitui uma experiência emocional relevante na velhice, envolvida num conjunto complexo de significados e valores emocionais (positivos e negativos), que constituem o contexto enquadrador para as decisões económicas e legais. As valorações efectuadas pelos participantes representam pontos focais da construção da experiência do processo de transmissão e subsequentes interacções. Os dados ainda sugerem que o enfoque das valorações varia consoante a posição relacional (herdeiro ou doador).

Na posição de herdeiro (anterior à de doador) parece haver maior valorização das vivências centradas na resolução da herança (modo como se reorganizam as relações afectivas, sobretudo entre os herdeiros, e se integram as perdas afectivas) e na recepção do legado (emocional ou material). Talvez por isso se acentuem as experiências emocionais negativas e a ambivalência emocional, pois implica a integração emocional das perdas (por norma dos doadores) e dos ganhos (em geral financeiros ou simbólicos).

Na posição de doador salienta-se a procura de continuidade e a construção do legado, isto é: o papel de transmitir (o quê, como, a quem, quando), a salvaguarda da autonomia e segurança financeira e emocional, a procura de construir sentido e enfrentar a morte (e preparação do futuro).

Na posição de herdeiro a tónica está na valorização e protecção das relações, na integração da perda e na protecção dos direitos e necessidades (ser reconhecido, acentuar o papel filial); enquanto na posição de doador ressaltam a sucessão e continuidade e o reconhecimento do legado (os doadores parecem aspirar por reconhecimento do seu contributo e valor). Esta diferença de significados salienta a ligação da herança ao desenvolvimento e aprendizagem dos papéis e normas familiares (linhagem, protecção, entreaajuda e suporte) entre doadores e herdeiros (geralmente pais e filhos) e, no caso do doador à construção da identidade e da integridade pessoal.

#### **5.5.2. Relevo da herança material no desenvolvimento individual e familiar na velhice**

A literatura (Hermans, 1988; Hermans & Van Gilst, 1991) sugere que as narrativas pessoais podem ser distinguidas pelos temas dominantes, em particular se há: ênfase na auto-valorização e realização (sucesso) ou no contacto e união com os outros (motivações humanas centrais).

Neste estudo, os temas afectivos das narrativas da herança tendem a centrar-se simultaneamente no contacto com os outros e na auto-valorização, traduzindo um tema de força e unidade. Ou seja, a herança parece reter ambos os significados/motivações. A importância herança parece estar em contribuir para a auto-valorização e para a expressão do desejo profundo de contacto e união familiar, mais especificamente de continuidade e preservação da unidade familiar e do bem-estar dos descendentes ao longo do tempo (presente e futuro, mesmo para além da morte).

Os resultados indiciam que a transmissão dos bens materiais pode ser marcante e um elemento essencial para alcançar a transcendência e integridade (Tornstam, 1997; Thorsen, 1998; Marcoux, 2001; Schaie & Willis, 2002). A ligação da herança à perda (real ou simbólica) e à experiência de envelhecer conferem-lhe um papel central na

organização da velhice e das transições (e transformações familiares) no fim da vida. Com efeito, a transmissão dos bens pode contribuir para a consolidação de transições fundamentais no ciclo de vida, contribuindo para a reorganização da identidade e dos papéis familiares (Stum, 2000; Marcoux, 2001). A preocupação com a distribuição dos bens e com a gestão do património, sobretudo na posição de doador, salienta este aspecto.

### **5.5.3. Dimensões centrais na experiência emocional da herança material**

Os conteúdos das valorações da herança e a sua relação com as valorações da narrativa auto-biográfica sugerem que a experiência emocional da herança tem uma orientação temporal e que os significados e valores envolvidos conjugam aspectos do passado, presente e futuro. Os significados e valores que emergem neste estudo indicam que a experiência da herança se organiza em três níveis: instrumental (prática); relacional (cuidar e definir as relações) e emocional/simbólica (criação de sentido).

#### *Instrumental*

O nível instrumental liga-se ao planeamento e transmissão, formal ou informal, dos bens materiais (decisões relativas a quando transmitir, o quê, a quem, quando e como) e ao suporte entre doadores e herdeiros: centra-se no presente mas também na velhice tardia e após a morte do doador (futuro). Os resultados revelam, sobretudo na posição de doador, uma preocupação com a sucessão geracional e em assegurar o bem-estar pessoal (cuidados) e das gerações futuras (generatividade) (MacAdams, 1998). A dimensão instrumental evidencia como a transmissão da herança desafia os papéis e funções familiares, no sentido da adaptação às necessidades específicas deste período do ciclo da vida individual e familiar nomeadamente, a salvaguarda do suporte e protecção da geração mais idosa e o apoio ao papel central da geração intermédia, (Carter & McGoldrick, 1999). Estes aspectos sublinham significados de linhagem e continuidade familiar (Sussman *et al*, 1970, Sussman, 1985; Wall, 2005), ou seja salvaguardar o respeito

pelas hierarquias simbólicas e a ligação (afectiva) entre as gerações, bem como assegurar a passagem do património familiar e o bem-estar dos descendentes.

#### *Relacional*

O nível relacional salienta a ligação da herança aos vínculos familiares. Estudos prévios (Sussman *et al*, 1970; Prieur, 1999; Drake & Lawrence, 2000; Price, Arnould & Curasi, 2000) sugerem que a herança se associa à história, mitos e diversos padrões transaccionais familiares. Com efeito, os resultados deste estudo evidenciam as implicações mútuas entre herança (significados e experiência emocional) e relações familiares (sobretudo no passado e no presente). Emerge uma ligação da herança à valorização da harmonia familiar e da relação (conexão e proximidade emocional) com a família (de origem e nuclear), bem como uma centração na resolução de conflitos ou ressentimentos familiares do passado e do presente, sobretudo com os filhos/herdeiros. Os resultados sugerem que a dimensão relacional é fundamental para uma resolução positiva (satisfatória) da herança e sua integração emocional.

#### *Emocional/simbólico*

O nível emocional/simbólica envolve a construção dos valores e significados simbólicos da herança (construção e transmissão do legado), ou seja, o que representa para herdeiros e doador a transmissão e os conteúdos da herança. A construção do legado, a sua transmissão e a sua recepção e aceitação implicam a possibilidade da continuidade simbólica. Para o doador envolve a reapreciação da sua herança e história de vida, a aceitação e ligação a uma filosofia de vida e a construção da integridade do *self* e familiar. Os resultados sugerem que na posição de doador, a herança é valorizada como uma forma de sucesso e autovalorização; ou seja, observa-se a associação entre herança e valorização do percurso profissional e o sucesso alcançado ao longo da vida; o resultado desse exercício profissional espelha-se na herança, ou seja, a herança une os valores do trabalho, vida honrada (filosofia de vida) ao valor financeiro (no passado, presente e futuro).



#### 5.5.4. Implicações para a intervenção

A associação da herança a temas centrais e significativos da história de vida, bem como a sua relação com o bem-estar subjectivo e estado ideal sugerem que se trata de um processo de relevância emocional e afectiva na fase final da vida. O elo e coerência entre as valorações da herança e os temas afectivos de cada narrativa autobiográfica indiciam que a herança funciona como uma narrativa-fecho: na sua evidência material (o que se dá conta em si uma história), mas também na forma como a história da herança é contada (e sentida). Ao construir a herança material (escolher e reunir os bens a transmitir, decidir o quê, quando e a quem vai doar), o doador está a atribuir-lhe valores e significados relacionais e afectivos, potenciando o processo de *life review* e *life story creation* (e.g. Butler, 1963). Assim, a narrativa do doador sobre o seu legado material (o que diz a si sobre os seus bens e o que expressa aos outros, em particular aos herdeiros) permite-lhe integrar a sua história de vida, oferecendo-lhe coesão e consistência (MacAdams, 1993; MacAdams & St Aubin, 1998). O questionamento (ou conversação) em torno da herança pode facilitar o processo de *life-review* e, assim, permitir aceder a significados e valores centrais na velhice.

A intervenção junto de pessoas idosas ou famílias no fim da vida pode: i) promover a construção da integridade através da introdução do tema da herança material para potenciar a partilha de valores e significados, das expectativas associadas à transmissão, em particular ligados à continuidade e à memória familiar; ii) preparar-se para responder aos conflitos ou problemas em torno da transmissão da herança material, apoiando o processo de transmissão do testemunho entre gerações e o rearranjo relacional inerente. Saliente-se que, nas situações de conflito, a mediação da herança, assente na exploração dos valores e significados dos diversos intervenientes permite enquadrar aspectos transaccionais e facilitar o processo, evitando o prolongamento dos conflitos e ressentimentos que impedem a integração da tarefa e que a família progrida o seu desenvolvimento.

## 5.6. CONCLUSÃO

Este estudo procurou aprofundar os significados e valores emocionais da herança material e suas implicações no desenvolvimento individual e da família na velhice. Os conteúdos e características emocionais das narrativas da herança e o seu posicionamento central nas narrativas autobiográficas sugerem que a herança constitui um ponto focal na história individual e familiar (relações e memória familiar) onde os processos de construção individual da identidade se cruzam com os processos as tarefas da família nesta fase do ciclo de vida. Reconhecer os significados e valores emocionais da herança e integrá-la como uma componente da experiência de envelhecimento oferece uma oportunidade de alargamento do conhecimento dos processos normativos no fim da vida e, ao mesmo tempo, coloca a herança material como um ponto relevante para a intervenção (focando a reorganização das relações familiares, a integração das experiências de vida e o alcance da integridade).

A amostra utilizada neste estudo é diminuta, por isso pesquisas futuras poderão recorrer ao aumento do número de participantes para explorar variações nas valorações com o sexo, contextos de residência (rural/urbano), estatuto socioeconómico, diversas estruturas familiares (tais como pessoas solteiras e sem filhos, casais sem filhos, casais de homossexuais, famílias reconstituídas). Em particular, será importante aprofundar a experiência da herança (valores e significados) em amostras de herdeiros (comparando-a com os doadores). Como a velhice constitui um período desenvolvimental longo (cada vez mais) e heterogéneo (Schaie & Willis, 2002), seria interessante analisar como os diferentes significados/valores e níveis (instrumental, relacional e simbólico) se alteram ao longo do tempo (isto é, durante a velhice).

## 5.7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Becker, G. (1974). A theory of social interactions. *Journal of political Economy*, 82(6), 1063-1093.

- Bernheim, Shleifer & Summers (1985). The strategic bequest motive. *Journal of Political economy*, 93(6): 1045-1076.
- Belk, R. (1988). Possessions and the extended self. *Journal of Consumer Research*, 15: 139-168.
- Boszormenyi-Nagy, I. & Spark, G. (1973). *Invisible loyalties: reciprocity in intergenerational family therapy*. NewYork: Harper & Row.
- Butler, R. (1963). The life review: an interpretation of reminiscence in the aged. *Psychiatry*, 26(1): 65-76.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (Eds.). (1999). *The expanded family life cycle*. (3 ed). Needham Heights: Allyn & Bacon, 362-372.
- Chaves, J. Q. (2008). *Heranças e partilhas, doações e testamentos*. Lisboa: Quid Juris
- Cox, D. (1987). Motives for private income transfers. *Journal of Political Economy*, 95(3), 508-546.
- Csikzentmihalyi, M. & Rochenberg-Halton, E. (1981). *The meaning of things: domestic symbols and the self*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Csikzentmihalyi, M. & Rochenberg-Halton, E. (1981). *The meaning of things: domestic symbols and the self*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Drake, D. & Lawrence, J. (2000). Equality and distributions of inheritance in families. *Social Justice Research*, 13 (3): 271-290.
- Hargrave, T. D., & Anderson, S. M. (1992). *Finishing well: aging and reparation in the intergenerational family*. New York: Brunner / Mazel.
- Hermans, H. (1987). The dream in the process of valuations: a method of interpretation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53: 163-175.
- Hermans, H. (1988). On the integration of idiographic and nomotetic research method in the study of personal meaning. *Journal of Personality*, 56: 758-812.
- Hermans, H. (1989). The meaning of life as an organized process. *Psychotherapy*, 26:11-22.
- Hermans, H. & Van Gilst, W. (1991). Self-narrative and the collective myth: an analysis of the Narcissus story. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 23: 423-440.
- Hermans, H. & Hermans-Jansen, E. (1995). *Self-narratives: the construction of meaning in psychotherapy*. New York: The Guilford Press.

- Hunter, E. & Rowles, G. (2005). Leaving a legacy. *Journal of Aging Studies*, 19: 327-347.
- Kane, R. (1996). From generation to generation. *Generations*, 20(3).
- King, D. & Wynne, L. (2004). The emergence of “family integrity” in later life. *Family Process*, 43(1): 7-21.
- Lyddon, W. J. & Alford D. J. (2001). Life review and the self-confrontation method with older adults. In C. L. Juntunen & D. R. Atkinson (eds.), *Counselling across the lifespan: prevention and treatment*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- MacAdams, D. (1993). *The stories we live by: personal myths and the making of the self*. New York: Morrow.
- MacAdams, D. & St. Aubin (eds). (1998). *Generativity and adult development: how and why we care for the next generation*. Washington: APA.
- Marcoux, J. (2001). The “casser maison” ritual”: constructing the self by emptying the house. *Journal of Material Culture*, 6(2): 213-235.
- Marx, J.; Solomon, J. & Miller, L. (2004). Gift wrapping ourselves: the final gift exchange. *The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 59: S274-S280.
- Patrão, M. & Sousa, L. (2009). Material Inheritance: Constructing family integrity in later life. In Sousa, L. (eds). *Families in later life: emerging themes and challenges*. New York: Nova Science Publishers.
- Pereira, M. (2009). *Estudo sobre a validade da escala de afectos do Método da Auto-Confrontação*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia e Comunicação do Instituto Superior da Maia.
- Price, L., Arnould, E. & Curasi, C. (2000). Older consumer’s disposition of special possessions. *Journal of Consumer Research*, 27(2): 179-201.
- Prieur, B. (Coord). (1999). *As heranças familiares*. Lisboa: Climepsi.
- Rubinstein, R. L. (1996). Childlessness, legacy and generativity. *Generations*, 20(3).
- Salgado, J. (2003). *Psicologia narrativa e identidade: um estudo sobre auto-engano e organização pessoal*. Maia: Publismai, Gabinete de Publicações do Instituto Superior da Maia.

- Sarbin, T. R. (1986). The narrative as a root metaphor for psychology. In T. R. Sarbin (ed.), *Narrative psychology: the storied nature of human conduct*. New York: Praeger.
- Schaie, W. & Willis, S. (2002). *Adult Development and Aging* (5th ed.). New Jersey: Prentice Hall.
- Sussman, M., et al. (1970). *The family and inheritance*. New York: Russel Sage foundation.
- Sussman, M. (1985). The family life of old people. In R. Binstock & E. Shanas (eds.). *Handbook of Aging and Social Sciences*. New York: Van Nostrand Reinhold Company.
- Stum, M. (2000). Families and inheritance decisions. *Journal of Family and Economic Issues*, 21 (2): 177-202.
- Thorsen, K.(1998). The paradoxes of gerotranscendence: the theory of gerotranscendence in a cultural gerontological and post-modernist perspective. *Norwegian Journal of Epidemiology*, 8(2): 165-176.
- Tornstam, L. (1997). Gerotranscendence: the contemplative dimension of aging. *Journal of Aging Studies*, 11(2): 143-154.
- Unruh, D. (1983). Death and personal history: strategies of identity preservation. *Social Problems*, 30(3): 340-351.
- Wall, K. (2005) (Org). *Famílias em Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Webster, G. (2003). Prosocial behavior in families: moderators of resource sharing. *Journal of Experimental Social Psychology*, 39: 644-652.

## **CAPÍTULO 6**

### **CONCLUSÃO GERAL**

## **6. CONCLUSÃO GERAL**

A herança emergiu nesta investigação como um ponto focal na história e na dinâmica das famílias envelhecidas, central para a reorganização das relações familiares e para o desenvolvimento individual na velhice. A conclusão geral procura conjugar os resultados dos estudos apresentados, lançando uma visão reenquadradora da herança enquanto processo (normativo) na vida das famílias envelhecidas: processo de transmissão; dimensões da herança na vida familiar (instrumental, relacional e simbólica); valores e significados da herança; implicações para a intervenção familiar.

### **6.1. A TRANSMISSÃO DA HERANÇA MATERIAL NA FAMÍLIA ENVELHECIDA: UM PROCESSO AO LONGO DA VIDA**

Um dos aspectos mais significativos desta investigação para a compreensão do processo de herança e seu papel na dinâmica das famílias envelhecidas é evidenciar a sua extensão (e continuidade) ao longo do tempo. A concepção legal da herança situa-a na morte do doador (Campos, 2008), porém os resultados dos estudos dos capítulos 2, 3 e 5 sugerem tratar-se de um processo que se estende no tempo e começa em vida dos doadores. O processo de herança na família envelhecida inclui a criação, gestão, transmissão e recepção de um legado material e simbólico (ainda em vida do doador) e representa um desafio normativo no fim da vida (figura 2.1.). Ou seja, trata-se de uma tarefa que os idosos e suas famílias enfrentam inevitavelmente, necessária para prosseguir o desenvolvimento individual e a evolução familiar (capítulo 2).

O tema da herança é intrínseco à vida familiar (Prieur, 1999) mas trata-se de um desafio que é desencadeado de forma manifesta pelo confronto com o envelhecimento, doença ou morte de elementos da geração mais idosa da família (capítulo 2 e 5). Esses acontecimentos suscitam novas necessidades emocionais e instrumentais (práticas) na família às quais é necessário responder. Com a assunção da herança, doadores e herdeiros (geralmente pais e filhos) passam a integrar esses novos papéis e a reorganizar as suas funções familiares, em particular quanto a: reorganização dos recursos

financeiros, transmissão do testemunho financeiro e suporte da geração mais idosa. A tarefa implica, também, que doadores e herdeiros decidam que bens transmitir, a quem, quando, e como enfrentar emocionalmente os motivos dessas decisões. Então, desencadeia-se o processo de planeamento e transmissão (formal ou informal) da herança. Este processo contribui para que o idoso e a sua família reorganizem a sua estrutura para responder e se adaptarem às transições relacionais e emocionais deste período (Carter & McGoldrick, 1999, Schaie & Willis, 2002). Ou seja, como é sugerido nos capítulos 3 e 5, a herança associa-se à transformação dos papéis geracionais e, em simultâneo, permite enfrentar a ideia de perda e morte.

No entanto, os resultados sugerem que as decisões e mudanças qualitativas e funcionais envolvidas neste processo têm implicações emocionais e relacionais significativas na vida das famílias envelhecidas. A resolução da herança pode ser bem sucedida, com consequências positivas para o funcionamento familiar, mas pode também não ser bem sucedida. Neste caso, podem emergir ressentimentos e conflitos entre doadores e herdeiros e/ou entre herdeiros (capítulos 3 e 5), cujo valor afectivo é fortemente negativo e que tendem a ser prolongados. Numa resolução positiva (satisfatória), a passagem dos bens pode ser sentida como um alívio e um apoio significativo (para ambas as gerações). Para o doador, a criação de um legado constitui um motivo de contentamento e satisfação pessoal; ao mesmo tempo, para o herdeiro, receber o legado também desperta sentimentos de reconhecimento e valorização pessoal. Os resultados sugerem que, em ambos os casos, se associa à satisfação de duas motivações básicas da personalidade: a valorização pessoal e o contacto e união com os outros (capítulos 3 e 5) (Hermans & Hermans-Jansen, 1995). Trata-se de um contributo fundamental do processo de herança, pois para famílias envelhecidas (e para o idoso), os sentimentos de união e coesão familiar são essenciais para alcançar a integridade (King & Wynne, 2004).

Os resultados dos capítulos 3 e 5, apoiados na revisão da literatura (Schaie & Willis, 2002) sugerem ainda que podem ser delineadas fases ou momentos diferenciados no processo de transmissão, ao longo do tempo:

- uma primeira fase, implica decisões de carácter mais prático, tomadas para reorganização dos recursos materiais, prestar cuidados à geração mais idosa e

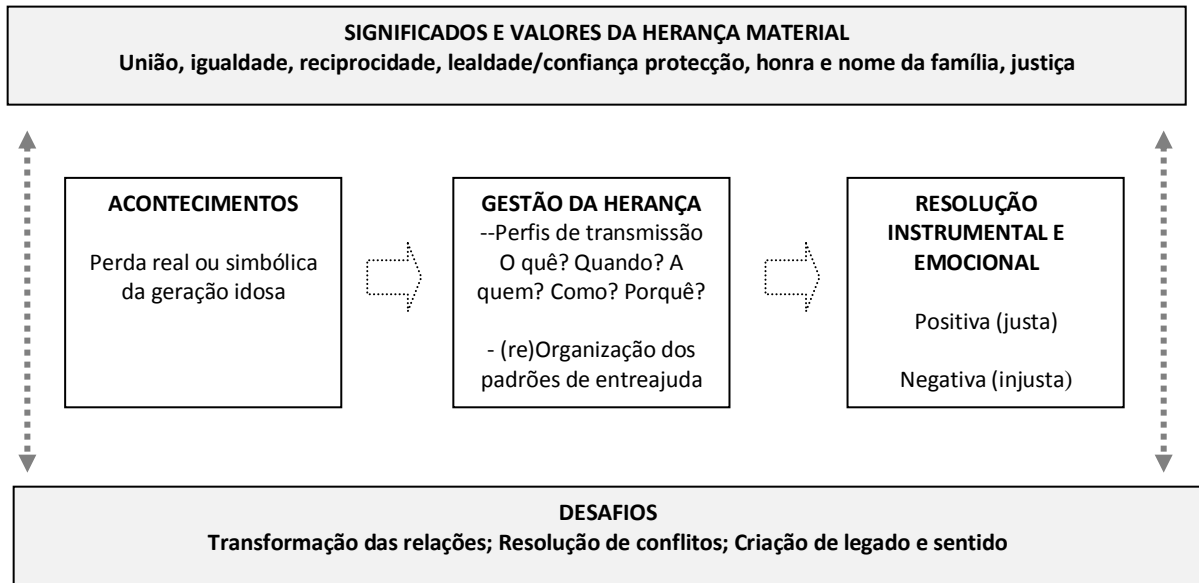


preparar a transmissão *post-mortem* (é possível que neste momento os herdeiros ainda necessitem da ajuda material dos pais idosos);

- uma segunda fase, de carácter mais emocional, implica a revisão das opções anteriores (por exemplo, reanalisar o testamento), esclarecer decisões e equilibrar o desejo de reparar e ser justo na relação com os herdeiros;
- uma terceira fase poderá ainda emergir, por exemplo, quando a idade dos doadores é muito avançada (situação comum com o aumento da longevidade) em que os doadores poderão, ainda em vida, desligar-se emocionalmente do seu papel de doadores, esperando que os herdeiros assumam (simbólica ou objectivamente) este papel.

Os resultados desta investigação apoiam a ideia já veiculada noutros estudos (Prieur, 1999) de que a herança material é um processo cíclico na vida familiar; isto é, inicia-se em vida do doador e prolonga-se para além da sua morte (capítulos 3 e 5). Com a morte do doador, os herdeiros sobem um degrau geracional, assumindo o papel de futuros doadores, e o processo avança ciclicamente no tempo familiar. O estudo apresentado no capítulo 5 indica uma ligação emocional significativa entre as experiências afectivas na posição de herdeiro e de doador. Deste ponto de vista, a resolução e integração emocional da tarefa podem fechar um ciclo de reciprocidade para a geração idosa mas (re)inicia um novo ciclo para a geração seguinte de doadores e herdeiros. Neste processo, o sistema de valores e significados individuais e familiares detém um papel fulcral na organização da experiência e dos padrões transaccionais (capítulos 2, 3, 4 e 5).

Figura 2.1 Transmissão da herança material: um processo normativo no ciclo da vida familiar

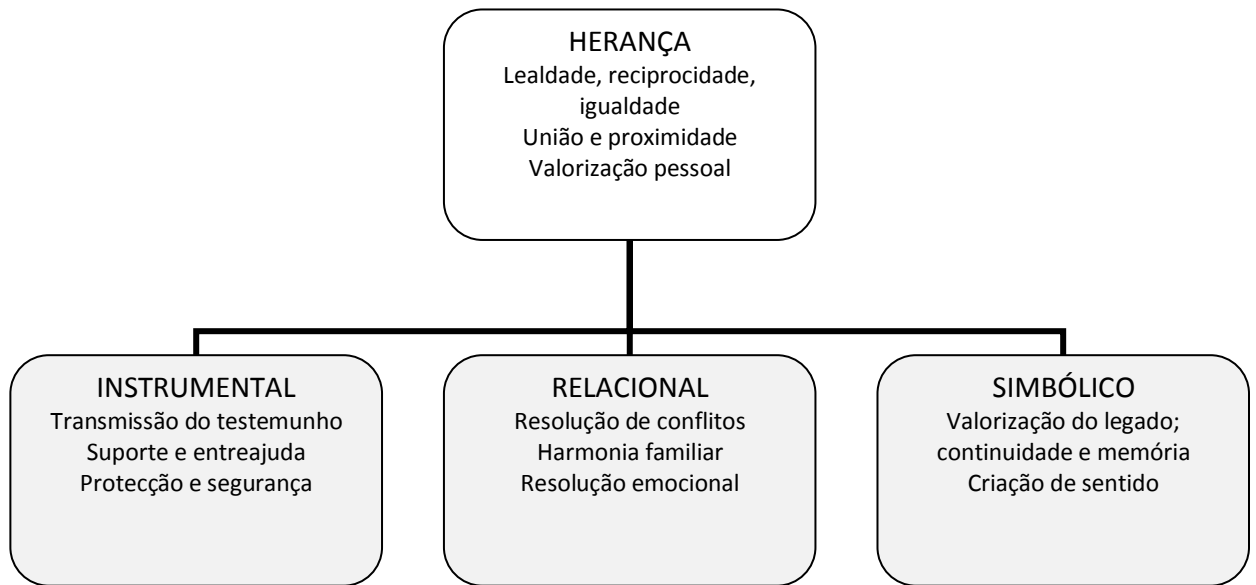


## 6.2. VALORES E PAPEL DA HERANÇA MATERIAL NA DINÂMICA DAS FAMÍLIAS ENVELHECIDAS: INSTRUMENTAL, RELACIONAL, SIMBÓLICO

A transacção de valores entre os principais intervenientes da herança, doadores e herdeiros, é crucial para entender o processo e os factores que enquadram as suas interacções (Papp & Imber-Black, 1996) (figura 2.1.). A herança parece alicerçar-se num conjunto de valores que salienta: continuidade e imagem da família (honra), união e a lealdade (confiança) entre os diversos elementos, igualdade (de tratamento entre herdeiros) e reciprocidade da ajuda familiar. Estes valores da herança escoram a família na resposta a desafios centrais na fase final da vida (transformação dos papéis, redefinição relacional e construção de legado e sentido), mas podem despoletar, quando desafiados, conflitos duradouros e perturbadores do bem-estar emocional de ambas as gerações (capítulos 2, 3, 4 e 5).

Os resultados desta investigação sugerem-nos que estes valores se estruturam em torno de três dimensões: instrumental (ou prática); relacional e simbólica.

Figura 2.2. Dimensões da herança material: valores e papel na dinâmica familiar



### *Instrumental*

A dimensão (papel) instrumental da herança material compreende aspectos mais instrumentais e práticos ligados ao planeamento e transmissão, formal ou informal, dos bens materiais (decisões relativas a quando transmitir, o quê, a quem, quando e como), bem como a reorganização das transmissões materiais e de suporte entre doadores e herdeiros. Os resultados sugerem que este processo se centra nas relações familiares (laços de sangue) próximas, especialmente de pais para filho e/ou netos ou de tios para sobrinhos (capítulo 3). Os envolvidos consideram que a condução do processo de transmissão da herança material na família deve ocorrer no sentido de salvaguardar o bem-estar dos seus elementos, mas também o bom-nome da família, ou seja, a sua imagem na comunidade. Associado emerge outro valor relevante, sobretudo para os doadores: experienciam a herança como uma obrigação (emocional e prática) perante a família. Assim, a herança implica resolver questões ligadas à transmissão do testemunho financeiro, gerir os cuidados de que necessitam (e manter alguma autonomia financeira face aos filhos) e preparar a morte. Este valor remete para o desejo de continuidade (e resolução) dos papéis e funções familiares do doador. Os herdeiros também valorizam

este valor e papel familiar do doador mas noutro sentido: protecção e salvaguarda dos seus direitos, em particular de protecção e ajuda material.

Esta faceta da herança tem sido muito debatida na literatura e interpretada como uma estratégia de sobrevivência e adaptação do sistema familiar às transições do ciclo vital (O'Neil, 1985; Webster, 2003; Wall, 2005). A legislação portuguesa, ao definir a obrigatoriedade de devolução de 2/3 dos bens nas relações familiares (Campos, 2008), pode influenciar a centração familiar da herança, mas estudos em contextos com liberdade testamentária evidenciam a mesma focalização na organização do apoio e cuidado e na sucessão geracional nas relações familiares de sangue (Finch *et al*, 1996; Coleman & Ganong, 1998; Webster, 2003). Os resultados do estudo apresentado no capítulo III sugerem, por outro lado, que a relação entre doadores e herdeiros é caracterizada por um valor de reciprocidade e entreajuda que prevalece, mesmo perante alguma distância emocional e independentemente do apoio financeiro e prático que doadores e herdeiros possam trocar.

O maior contributo da dimensão instrumental da herança material assenta na possibilidade de a família a utilizar para alcançar equilíbrio entre: gestão dos bens e prestação de cuidados; e autonomia e dependência (financeira, física e emocional) dos doadores face aos herdeiros. Esse equilíbrio permite à família satisfazer funções instrumentais e práticas, às quais o doador pode já não conseguir dar resposta (em virtude do declínio físico e/ou cognitivo), enquanto conserva autonomia, respeito na família e continuidade do seu papel familiar.

Esta faceta mais instrumental sugere os seguintes significados da herança na família contemporânea: continuidade e a sucessão geracional, manutenção (real ou simbólica) dos laços familiares ao longo do tempo e sobrevivência (continuidade) do sistema familiar.

### *Relacional*

A dimensão (papel) relacional focaliza-se na (re)definição da relação doador/herdeiro e protecção dos laços familiares. Doadores e herdeiros parecem enfatizar um conjunto de valores (princípios de conduta) centrados na relação e nos vínculos familiares, que se

expressam no modo como sentem que devem comportar-se uns em relação aos outros (e como esperam que os outros se comportem em relação a si), sobretudo na distribuição e partilha dos bens (capítulo 2, 3 e 5). Emerge um valor partilhado: unidade e lealdade familiar. Na distribuição e partilha dos bens, doadores e herdeiros devem orientar-se pelo amor/união entre os elementos da família, que deve ser salvaguardada acima dos interesses pessoais (e materiais). A igualdade é outro valor enfatizado por doadores e herdeiros que salientam a preferência pela partilha dos bens em partes iguais. Pode sentir-se aqui a influência da legislação portuguesa que sustenta a partilha em partes iguais entre os herdeiros desde a introdução do Código Civil (Campos, 2008), porém o confronto com outros sistemas legais em que vigora a liberdade testamentária (Sussman *et al*, 1970; Finch *et al*, 1996, Kemp & Hunt, 2001) salienta a dominância da igualdade. A prevalência da igualdade tem sido apontada como uma estratégia protectora da harmonia familiar associada a um valor cultural dominante na sociedade contemporânea (Drake & Lawrence, 2000). Os herdeiros apresentam, no entanto, uma variabilidade um pouco maior de valores relacionais na partilha dos bens, salientando a reciprocidade ou a resposta às suas necessidades. Assim, emerge algum confronto de valores relacionais na herança: por um lado, a igualdade (valor dominante e apoiado na lei); por outro, a reciprocidade (centrada na entreaajuda ou reconhecimento das necessidades dos herdeiros, ou seja, um princípio mais afectivo e relacional). Neste sentido, a transmissão da herança material parece apresentar-se como uma oportunidade (*versus* risco) para a redefinição da relação entre doador e herdeiros e para a salvaguarda da harmonia familiar. Os resultados desta investigação (capítulo 2 e capítulo 5) sugerem que doadores e herdeiros reconhecem o poder relacional da herança material, procurando controlar o processo e as implicações negativas da transmissão (por exemplo, conflitos). A herança material tem, por isso, uma vertente relacional tão ou mais importante do que a económica.

### *Simbólica*

A dimensão (papel) simbólico envolve a construção e reintegração do sentido e significados associados à herança. A transmissão/recepção de um legado parece

representar um ponto focal na relação entre doadores e herdeiros (e entre herdeiros) e no modo como organizam as suas interações, mas também como integram esta tarefa emocionalmente. Emergem vários valores para os doadores: construir/deixar um legado que seja apreciado e/ou com um valor substancial; proteger o património familiar e dar-lhe continuidade; encontrar um sucessor. Os herdeiros têm valores complementares: preservar o património familiar, ficar com algo que lhes recorde o doador, receber algo que os coloque na continuidade do doador. Provavelmente esta dimensão mais simbólica da continuidade, memória e imortalidade simbólica, apoia os doadores e herdeiros em duas tarefas psicossociais essenciais: para os doadores trata-se de uma questão de integridade (King & Wynne, 2004; Hunter & Rowles, 2005) e para os herdeiros de generatividade (simbólica) (MacAdams & St. Aubin, 1998).

Assim, a dimensão emocional/simbólica possibilita que, a partir da revalorização dos bens transmitidos, a herança material se constitua como uma oportunidade (ritual) de revisão e integração da história pessoal e familiar, contribuindo para recriar a identidade (individual e familiar) e para salvaguardar a continuidade e memória individual e familiar.

### **6.3. UMA CULTURA FAMILIAR DA HERANÇA MATERIAL**

A conjugação dos valores de doadores e herdeiros, e as suas implicações relacionais, implicam reflectir sobre o sistema de crenças, ou seja, acerca da cultura familiar (Paré, 1996) que poderá estar a organizar a interação entre doadores e herdeiros e entre herdeiros no processo de herança. O elemento central neste sistema de valores parece indicar que a herança (embora também represente um apoio material) tem um valor simbólico que a distingue das outras formas de entreaajuda familiar e das outras transmissões materiais ao longo da vida. Provavelmente, ao associar-se à morte da geração idosa, emerge como a última palavra do doador e derradeira oportunidade do “acerto das contas familiares” (Boszormenyi-Nagy & Spark, 1973) e também como uma prova social aos olhos da comunidade (capítulo 2). Os resultados desta investigação apoiados na revisão da literatura (Boszormenyi-Nagy & Spark, 1973; Desmairais & Lerner; Winsdale & Monk, 2001) sugerem que a herança espelha uma ética relacional (ou um

*ethos* familiar) que sustenta valores de respeito pelas hierarquias familiares (honra), igualdade, protecção familiar (generosidade), lealdade (confiança) e justiça na regulação das relações familiares, os quais têm sido apontados como valores centrais das famílias portuguesas (Araújo-Lane, 2005; Wall, 2005). Estão-lhe subjacentes dois temas essenciais: unidade e amor (desejo de contacto e união com os outros) e valorização pessoal (capítulo 5). Ou, seja, quando doadores e herdeiros sentem que o processo de transmissão vem ao encontro das suas expectativas e necessidades materiais e/ou afectivas (respeito, protecção, lealdade/confiança, suporte, igualdade) satisfazem não só o seu desejo de união e ligação à família mas também de aceitação, reconhecimento e valorização pessoal porque se sentem respeitados (e cuidados). Com efeito, as pessoas tendem a acreditar que a família deve cuidar delas e tomar conta das suas necessidades (Desmairais & Lerner, 1994). Assim, quando sentem que as suas expectativas e necessidades (materiais e/ou afectivas) não são consideradas, podem procurar substituir estas emoções, afastando-se ou criando conflito (utilizando ameaças ou manipulação). A lei portuguesa pode reforçar este sistema de crenças pois obriga à devolução da maior parte dos bens na família, em particular aos filhos, em partes iguais (considerando que a propriedade é mais familiar do que individual), criando uma expectativa de posse ou legitimidade sobre os bens do doador e de igualdade face aos outros herdeiros (Campos, 2008).

Esta cultura familiar da herança parece procurar manter a coerência, união e o valor (pessoal e familiar) num momento de transição (marcado pela mudança e pela perda) e alcançar um sentimento de equilíbrio (satisfação vs. ressentimento) entre aquilo que se deve e aquilo a que se tem direito na família, ao mesmo tempo que preserva a imagem da família no exterior.

#### **6.4. IMPLICAÇÕES PARA A INTERVENÇÃO FAMILIAR**

Os resultados dos estudos apresentados sugerem que as famílias encontram estratégias para lidar com a herança, por vezes baseadas em modelos familiares do passado e que são influenciadas pelo sistema de significados que detêm em relação à herança (capítulos

2, 3 e 5). Se a tarefa não for prosseguida, o funcionamento familiar é perturbado, colocando a família em maior risco de desconexão. A literatura é unânime quanto à necessidade apoiar a família envelhecida, em particular em questões práticas (associadas ao processo de transição normativa da velhice) e na salvaguarda da integridade das relações familiares (Hargrave & Anderson, 1992; Qualls, 2000; APA, 2004; King & Wynne, 2004). Apesar de a investigação acerca dos aspectos relacionais e emocionais da herança familiar na família serem ainda pouco explorados, os estudos realizados permitem avançar alguns elementos essenciais para a intervenção.

#### **6.4.1. Conciliar valores e expectativas na transmissão da herança**

Os conflitos em torno da herança material tendem a associar-se à dificuldade em conciliar os valores e significados dos intervenientes no processo. Valores e significados representam perspectivas, visões sobre o mundo de cada um que influenciam a sua interacção com os outros. Os valores e crenças dos doadores e herdeiros em relação à herança material assumem particular importância porque o processo envolve múltiplas interacções entre diversos membros da família (e familiares não consanguíneos), numa situação de tensão emocional que implica a revisão e desafio desses mesmos valores (capítulos 2, 3, 5). Com efeito, nas situações de transição e tensão emocional existe maior probabilidade de os sentimentos e juízos sobre o que é justo se alterarem e surgirem conflitos ou tensões (Mikula & Lerner, 1994; Desmairais & Lerner, 1994). Os resultados do estudo apresentado no capítulo 4 sugerem que os valores materiais dos doadores respondem aos desafios desenvolvimentais da velhice (integridade), enquanto que para os herdeiros respondem aos desafios da fase intermédia da vida (generatividade); estes valores são diferentes e podem ser causa de tensões, pelo que a partilha e compreensão/aceitação podem ser determinantes para uma resolução mutuamente satisfatória da herança.

Mas, os valores mais determinantes na interacção entre doadores e herdeiros e entre herdeiros parecem ser os associados à transmissão e distribuição dos bens: igualdade e reciprocidade (capítulos 2 e 3). Um dos maiores desafios da família poderá ser conciliar a



igualdade com a reciprocidade. Os herdeiros parecem esperar um tratamento de reciprocidade com os seus doadores, mas de igualdade em relação aos outros herdeiros (geralmente irmãos) (Mikula & Lerner, 1994; Sutor & Pillemer, 2000; Boll, Ferring & Fillipp, 2005). Este é provavelmente o desafio central na regulação das interações em torno da herança.

#### **6.4.2. Activar competências familiares e mediar**

A transmissão da herança material (resolução e integração emocional) requer que a família active competências associadas ao seu funcionamento habitual, como comunicação, adaptabilidade e coesão (Olson, 1988; Wynne, 1988). Os resultados sugerem que a proximidade emocional (coesão) é determinante na organização da relação entre doadores e herdeiros e na satisfação com a vida familiar (capítulo 3). Assim, a intervenção é facilitada em famílias em que estas competências já existem, são exercidas e se foram consolidando ao longo do tempo (Wynne, 1988; King & Wynne, 2004). No entanto, em algumas famílias estas competências não são exercidas. Assim, a intervenção deve apoiar o reforço e activação das competências familiares, ajudando a família a activar os seus recursos comunicacionais e emocionais para planear e enfrentar a tarefa no momento adequado. Os resultados desta investigação apoiados na revisão da literatura (Wacker, 1998; Stum, 2000) sugerem que a intervenção deverá centrar-se: na comunicação familiar sobre o tema, sentimentos perante a morte/luto e seu enfrentamento, valores associados aos bens materiais, percepções de justiça, relações com familiares não consanguíneos e rivalidades, informação legal sobre a distribuição dos bens, nomeadamente opções disponíveis e suas consequências.

Quando a tarefa excede as competências e recursos familiares podem emergir dificuldades e conflitos. Nesses casos, a mediação familiar da herança (combinada com aconselhamento legal) constitui uma estratégia de intervenção psicológica favorável, permitindo baixar a tensão interpessoal, facilitar a gestão das emoções (por exemplo, normalizar sentimentos de culpa ou desadequação) e envolver os elementos da família num processo colaborativo que consciencializa cada um das suas competências para a

resolução do problema. (Cobb, 1994; Winsdale & Monk, 2001; Larsen, 2003; Seat, 2008). Constitui-se assim uma plataforma de transformação relacional que viabiliza a intervenção familiar para além da resolução do problema/conflito. A mediação de heranças poderá ter impacto nas relações familiares, mas é fundamental para as pessoas idosas (para quem os modelos de intervenção familiar estão menos desenvolvidos) (APA, 2004) podendo facilitar o processo de envelhecimento bem sucedido (principalmente promovendo a integridade do ego e familiar).

### **6.5. LIMITES E PERSPECTIVAS DE INVESTIGAÇÃO**

Consideramos que o maior contributo deste estudo é proporcionar uma visão da herança, que pode despertar uma nova curiosidade (questionamento) sobre o seu papel na vida individual e familiar. Contudo este estudo encerra algumas limitações relacionadas com a amostra e a metodologia de inquérito utilizadas e justificados pelo carácter exploratório dos estudos e pela escassez de investigação na área. Portanto, futuros estudos podem replicar as investigações aqui apresentados e explorar os mesmos objectivos com outras metodologias (sobretudo de carácter qualitativo), para assim se ir consolidando a evidência.

Consideramos pertinente o alargamento da investigação em termos de amostragem para esclarecer a influência de factores como o sexo, contexto de residência, classe socioeconómica e rendimento familiar (em particular, contrastando famílias muito ricas e muito pobres). Também é necessário alargar o estudo da herança a diferentes estruturas familiares (famílias reconstituídas, monoparentais, casais sem filhos, pessoas solteiras que vivem sós, casais homossexuais) para perceber se os padrões transaccionais aqui encontrados se mantêm ou se emergem diferentes valores e significados.

Paralelamente, seria pertinente aprofundar o estudo dos conflitos entre doadores e herdeiros e entre herdeiros, explorando os contextos, valores e significados envolvidos, bem como as estratégias familiares de enfrentamento do conflito e a sua eficácia. Coloca-se, ainda, o desafio de aprofundar os processos de significação que sustentam os valores

de reciprocidade, igualdade, justiça e união aflorados neste trabalho e estudar as suas variações em múltiplos contextos sociais e relacionais.

## 6.6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- American Psychological Association (2004). Guidelines for psychological practice with older adults. *American Psychologist*, 59 (4), 236-260.
- Araujo-Lane, Z. (2005). Portuguese families. In M. McGoldrick, J. Giordano & N. Garcia-Preto (eds). *Etnicity and family Therapy*. New York: The Guilford Press.
- Boll, T.; Ferring, D. & Filipp, S-H. (2005). Effects of parental differential treatment on relationship quality with siblings and parents. *Social Justice Research*, 18(2): 155-182).
- Boszormenyi-Nagy, I. & Spark, G. (1973). *Invisible loyalties: reciprocity in intergenerational family therapy*. NewYork: Harper & Row.
- Campos, D. L. (2008). *Lições de Direito da Família e das Sucessões* (4ed). Coimbra: Almedina.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (Eds.). (1999). *The expanded family life cycle*. (3 ed). Needham Heights: Allyn & Bacon, 362-372.
- Cobb, S. (1994). A narrative perspective on mediation. Towards the materialization of the story telling metaphor. In J. P. Folger & T. S. Jones (Eds.) *New directions in mediation: communication research and perspectives*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Coleman, M. & Ganong, L. (1998). Attitudes toward inheritance following divorce and remarriage. *Journal of Family and Economic Issues*, 19(4): 289-314.
- Desmairais, S. & Lerner, M (1994). Entitlements in close relationships, a Justice-motive analysis. In G. Mikula & M. Lerner. *Entitlement and the affectional bond: justice in close relationships*.
- Drake, D. & Lawrence, J. A. (2000). Equality and distributions of inheritance in families. *Social Justice Research*, 13 (3): 271-290.
- Finch, J. et al (1996). *Wills, inheritance and families*. Oxford: Oxford University Press.

- Hargrave, T. & Anderson, W. (1992). *Finishing Well: Aging and reparation in the intergenerational family*. New York: Routledge.
- Hermans, H. & Hermans-Jansen, E. (1995). *Self narratives: The construction of meaning in psychotherapy*. New York: The Guilford Press.
- Hunter, E. G. & Rowles, G. D. (2055). Leaving a legacy: Toward a typology. *Journal of Aging Studies*, 19: 327-347.
- Kemp, S. & Hunt, F. (2001). Exploring the Psychology of inheritances. *Zeitschrift für Sozialpsychologie*, 32 (3): 171-179.
- King, D. A. e Wynne, L. C. (2004). *The emergence of family integrity in later life*. *Family Process*, 43: 7-21.
- Larsen, R. (2003). Tipping point reasons why mediation works in complex family disputes. Retrieved August, 2009 from *Association for Conflict Resolution*. Website: <http://www.mediate.com/elder>.
- MiKula, G. & Lerner, M. (1994). Justice in close relationships. In G. Mikula & M. Lerner. *Entitlement and the affectional bond: justice in close relationships*. New York: Plenum Press.
- Olson, D. H. (1988). Family types, family stress, and family satisfaction. In. C. Falicov (Ed.). *Family transitions*. New York: The Guilford press, 55-80.
- O'Neil, B. (1985). Family cycles and inheritances in rural Portugal. *Peasant Studies*, 12 (3): 199-213.
- Papp, P. & Imber-Black, E. (1996). Family Themes: Transmission and transformation. *Family Process*, 35: 5-20.
- Paré, D. (1996). Culture and meaning. *Family Process*, 35, 21-42.
- Prieur, B. (Coord). (1999). *As heranças familiares*. Lisboa: Climepsi.
- Qualls, S. H. (2000). Therapy with aging families: rationale, opportunities and challenges. *Aging & Mental Health*, 4(3), 191-199.
- Schaie, W. & Willis, S. (2002). *Adult Development and Aging* (5th ed.). New Jersey: Prentice Hall.
- Seat, K. (2008). Mediation helps heirs minimizing conflict over estates. Retrieved August, 2009 from *Mediate.com*. Website: <http://www.mediate.com/elder>.

- Stum, M. (2000). Families and inheritance decisions: examining non-titled property transfers. *Journal of Family and Economic Issues*, 21 (2): 177-202.
- Suitor, J. & Pillemer, K. (2000). Did mom really loved you best?. Developmental histories, status transitions and parental favouritism in later life families. *Motivation & Emotion*, vol 24 (2): 105-120.
- Wacker, R. (1995) Legal issues and family involvement in later life families. In R. Blieszner & V. Bedford (eds). *Handbook of aging and the family*. Westport: Greenwood Press: 284-306.
- Wall, K. (2005) (Org). *Famílias em Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Webster, G. (2003). Prosocial behavior in families: moderators of resource sharing. *Journal of Experimental Social Psychology*, 39: 644-652.
- Winslade, J & Monk, G. (2001. *Narrative mediation: a new approach to conflict resolution*. San Francisco: Jossey Bass)
- Wynne, L. C. (1988). An epigenetic model of family processes. In C. Falicov (Ed.). *Family transitions*. New York: The Guilford Press, 55-80.